

SILVIA REGINA GODINHO BAULER

**O FUTEBOL FAZ ROLAR MAIS DO QUE UMA BOLA: UM
ESTUDO SOBRE OS SIGNIFICADOS DO FUTEBOL NUMA
PERIFERIA URBANA**



Dissertação elaborada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano do curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS.

Orientador: Marco Paulo Stigger

PORTO ALEGRE

2004

SILVIA REGINA GODINHO BAULER

**O FUTEBOL FAZ ROLAR MAIS DO QUE UMA BOLA: UM
ESTUDO SOBRE OS SIGNIFICADOS DO FUTEBOL NUMA
PERIFERIA URBANA**

Dissertação elaborada como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Ciência do Movimento Humano do curso
de Pós-Graduação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS.

Orientador: Marco Paulo Stigger

PORTO ALEGRE

2004

CIP - Catalogação na Publicação

Bauler, Sílvia Regina Godinho

O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre os significados do futebol numa periferia urbana / Sílvia Regina Godinho Bauler. -- 2005.

124 f.

Orientador: Marcos Paulo Stigger.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2005.

1. Futebol. 2. Vila Campos do Cristal. I. Stigger, Marcos Paulo, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA
A Ilmo Bauler (in memoriam),
à Flávia pela graça da vida,
a Iuri e Morena por preenchê-la de significados.

AGRADECIMENTOS

Muitos são os agradecimentos que ligeiramente transbordam de nossos pensamentos, quando estamos prestes a encerrar mais um eito deste caminho iniciado em 2002, e pouco é o tempo que resta para conseguir tratar com o devido carinho as palavras para fazê-lo. Entretanto, sem o pudor daquele que teme esquecer de alguém busco aqui fazer representar todos aqueles que estiveram comigo. Inicialmente, a Instituição que me acolheu não pode deixar de receber destaque e junto com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano e seus queridos mestres e doutores são os primeiros a quem agradeço, por abrirem as portas da Instituição e promover o reencontro desta professora com o mundo acadêmico. Ao orientador, Marco Paulo Stigger minha eterna gratidão, pela confiança, pelo apoio e indelével paciência. Para manter-me intemorata frente a vida, sem amigos não seria possível, na certeza de que os que faltarem nesta página, de meu coração não sairão, encerro dizendo obrigada Beth, Décio, João Luis, Mário, Paulo e Olyntho (pelas provocações).

RESUMO

O FUTEBOL FAZ ROLAR MAIS QUE UMA BOLA: UM ESTUDO SOBRE OS SIGNIFICADOS DO FUTEBOL NUMA PERIFERIA URBANA

O presente trabalho propõe uma descrição, análise e interpretação do lugar do futebol no cotidiano da Vila Campos do Cristal, em Porto Alegre, uma comunidade que se estabeleceu em torno de quatro campos de futebol e foi - após quase 30 anos - realocada para um conjunto habitacional. Apesar da melhoria nas condições de vida no novo espaço, a comunidade demonstrava descontentamento pela ausência de um aspecto básico de seu modo de vida: o futebol e seus arredores. Isso nos conduziu à questão central da dissertação: qual o lugar do futebol no modo de vida dessa população? Tomando os debates sobre cultura, espaço, lazer e futebol como referência, a pesquisa foi realizada através de trabalho de campo (entrevistas semi-estruturadas e observação participante). Consideramos que o futebol, já presente no processo de constituição da Vila Campos do Cristal, era parte da vida cotidiana da comunidade e, como prática de lazer relacionada ao universo das festas, era um elemento central na caracterização daquele espaço, contribuindo para a construção dos significados e do fortalecimento dos laços de sociabilidade e pertencimento na comunidade.

Palavras-chave: futebol de várzea/ remoções urbanas/ festas e sociabilidade comunitária

ABSTRACT

SOCCER PLAYS MORE THAN A BALL: A STUDY ON THE MEANING OF THE SOCCER PRACTICE IN AN URBAN PERIPHERY

The work proposes the description, analysis and interpretation of the place of the soccer in the every-day life of the Vila Campos do Cristal, in Porto Alegre, a village that was formed around four soccer fields and was - after almost 30 years - replaced in allotments. Even though the new space had better living conditions, the population showed discontent with the absence of something that seemed basic for their lives: soccer and its surroundings. It led to the question: what is the place of soccer in the way of life of that population? Having the discussions on culture, space, leisure and soccer as reference, the answer this question was sought After the field work (semi-structured interviews and observations) one can consider that the soccer, already present in the process of constitution of Vila Campos do Cristal, was part of the every-day life of that community and, as leisure practice linked to the universe of party, was a central element in the characterization of that space, giving it meanings and strengthening the web of sociability and belonging.

Keywords: amateur soccer/ festivities and community building/ urban removals

SUMÁRIO

Sumário

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1. LUGAR DE APROXIMAÇÃO..... | 14 |
| 2. EM BUSCA DA PERGUNTA/PROBLEMA | 26 |
| 3. SOBRE O MÉTODO | 32 |
| 3.1. AS DECISÕES METODOLÓGICAS..... | 32 |
| 4. DA POEIRA FEZ-SE AS GOLEIRAS | 38 |
| 4.1. AS ORIGENS DO ESPAÇO ESTUDADO: A CIDADE E O BAIRRO | 38 |
| 5. A HISTÓRIA ENQUADRADA | 46 |
| 6. O CONVÍVIO | 68 |
| 6.1. AS FESTAS | 74 |
| 6.1.1 O Bingo | 79 |
| 6.1.2 O galeto | 83 |
| 6.1.3 A cerimônia | 85 |
| 6.2 O FUTEBOL: CONTEXTO E SIGNIFICADOS | 88 |
| 6.3. O FUTEBOL NA VILA CAMPOS DO CRISTAL | 91 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 109 |
| REFERÊNCIAS | 117 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 117 |
| ANEXOS | 121 |

Lista de fotos

| | |
|--|----|
| Foto 1: Novo lugar - Condomínio Cristal - o novo endereço..... | 24 |
| Foto 2: Antigo lugar - Campos do Cristal - o antigo endereço..... | 24 |
| Foto 3: Panorâmica do período em que os campos estavam em atividade..... | 42 |
| Foto 4: Campo do Santos | 48 |
| Foto 5: Vila Foz do Cavahada -exemplo de acessos | 55 |
| Foto 6: Campo do Santos durante a semana à tarde | 56 |
| Foto 7: Sede Time Farroupilha..... | 59 |
| Foto 8: Foto emoldurada com lideranças e prefeito | 60 |
| Foto 9: Vila Foz do Cavahada em 7 /10/04..... | 65 |
| Foto 10: Foz do Cavahada / Campo do Santos -em 7/10/04 | 66 |
| Foto 11: Condomínio Cristal em 7/10/04..... | 66 |
| Foto 12: Condomínio Cristal-quadra poliesportiva | 67 |
| Foto 13: Casa Orlando..... | 69 |
| Foto 14: Sede destruída | 70 |

1. INTRODUÇÃO

Faz tempo que ando procurando alguém para discutir um tema sobre o qual todo mundo fala, sem que ninguém consiga provar com exatidão aquilo que afirma como se fosse o mais sábio dos homens. Trata-se do fim do futebol varzeano, ou das “peladas” de fim de semana. É que já não aceito mais a tese de que a várzea acabou e os campos sumiram, como se fosse uma verdade absoluta, como se centenas de milhares de brasileiros não fizesse da várzea, ainda, o seu grande amor. (ADAUTO, 1999)

Neste fragmento do texto publicado na Gazeta Esportiva/SP o colunista dialogava com outra publicação jornalística sobre o tema, publicada anteriormente na Folha de São Paulo. O primeiro assume a ideia de que a várzea mudou, mas não acabou; o segundo anunciou que um dia iria escrever sobre o fim dos campos de várzea de São Paulo e os efeitos disso sobre o futebol e sobre a cidade.

É provável que outros tantos brasileiros tenham também suas teses a cerca desta questão, pois durante o tempo em que desenvolvi a pesquisa estas hipóteses apareciam durante o trabalho de campo como também quando por algum motivo, em diferentes lugares o problema desta dissertação era por mim apresentado. O mais curioso é que minha abordagem nestes momentos de conversas assinalava questões de identidade e de redes sociais no entorno do futebol de várzea, entretanto, as conversas, as opiniões e as indagações giravam sobre o fim dos campos e o crescimento dos centros urbanos, onde boa parte dos interlocutores compartilhava da "impressão" de que os efeitos disto contribuíam para o caos urbano, aumento da violência e para o declínio da performance no futebol profissional.

Esta polêmica jornalística rende muitas discussões e inclusive muitas teses que poderiam estabelecer pontes entre estes pontos. No entanto: "[...] É necessário tomar precauções com relação à aparente obviedade do futebol na sociedade brasileira" (RODRIGUES, 2002). Estas obviedades jornalísticas dramatizam o que Lovisoló (2004) refere como sendo uma crítica romântica do futebol de várzea. Para ele a contribuição do jornalismo ao esporte moderno, em especial o futebol, é inegável já que estes são fontes de divulgação e debate permanente. Entretanto, chama a atenção para as análises saudosistas que alimentam um processo de vitimização contribuindo pouco para a ampliação das análises à cerca desta prática esportiva. Como consequência disso, ainda permanecem em algumas narrativas históricas a saudade do passado.

Sob condições adversas do terreno da várzea, os jogadores recriavam o esporte bretão, fortalecendo na imaginação do povo um estilo individual e brasileiro que vencida as condições adversas do terreno os que se destacavam nestas habilidades chamavam a atenção dos olheiros¹ Esta lógica incluía o futebol de várzea, conferindo a este um papel de relevância no futebol profissional. No imaginário do povo brasileiro ganha força total a ideia de que o esporte das elites é transformado pelo povo que os supera tecnicamente, sendo a mistura racial nossa mais preciosa característica (LOVISOLO, 2004).

Baseados nessa visão estão os conceitos sobre democracia de racial de Freire (1971), que destaca as particularidades do modelo de jogar brasileiro como a ginga, o drible e a dançante maneira de conduzir o jogo como sendo resultado da mistura de raças, além da obra de Mário Filho² sobre a história do futebol e o papel do negro no brasileiro "futebol arte".

Podemos buscar também na obviedade jornalística polemizada como romantismo ainda por Lovisoló, as afirmativas de que a várzea está acabando, pois "[...] o perverso crescimento das cidades expulsa de seu território esta prática esportiva lúdica, livre e popular como se fosse possível a qualquer um em qualquer tempo participar deste enredo" (LOVISOLO, 2004). O autor segue na reflexão analisando o terreno mitológico discutindo esta visão romântica da várzea livre e a crítica sobre a primazia do mercado

¹ Denominação popular. Olheiro: observador que buscava jogadores da várzea cujas características técnicas possibilitassem a contratação nas equipes profissionais. Nome também encontrado como denominação da coluna sobre futebol do jornalista Lauro Quadros na empresa jornalística Caldas Júnior.

² Ver RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1964.

no futebol profissional que, associada ao fim da várzea, impõe a derrocada do futebol genuinamente brasileiro.

Para Lovisollo, ainda que implicitamente a desconformidade com o presente parece ser o que alinhava este texto muito recorrente na mídia e na vida real. A origem do discurso da democracia racial vem do período onde o futebol se profissionaliza, aproximadamente a partir de 1920/1930 e se estabelece em pleno Estado Novo.

Mais adiante, encontramos outros autores que tecem o discurso da alienação/dominação, estes vinculados principalmente aos processos protagonizados pela esquerda brasileira. A popularização do futebol e a pujança da antiga várzea foram analisadas, nesta cena, pela lógica da alienação/dominação e entendida assim como o esporte das elites é praticado pelo povo como reprodução dos valores e modos de vida da burguesia. No entendimento de Ramos (1984), as eternas discussões entre torcedores serviriam para aliená-lo dos problemas sociais e sua paixão pelo futebol como sendo o ópio do povo, a droga que impede o povo brasileiro de lutar contra as desigualdades tornando as massas inconscientes. Portanto, o futebol no Brasil vem passando, desde o início do século XX, por várias análises: da democracia racial passando pelo discurso da alienação/dominação e chegam as categorias da cultura e identidade sendo nestas últimas onde busco as referências para este trabalho de pesquisa.

De minha parte, neste trabalho, o fio condutor alia-se as categorias de cultura e identidade, posto que não possui a pretensão de responder a seguinte pergunta: a várzea acabou ou se os campos estão diminuindo? Tampouco se pretende aqui relacionar o futebol de várzea com o desempenho do futebol profissional. Pretendo somente considerá-lo, o futebol de várzea, como fenômeno social que possibilita análises sociais e culturais que tem neste *drama social*³ (DA MATTA, 1982) o desenrolar de enredos locais.

É na busca deste enredo do *lugar*⁴ (SANTOS, 1998) onde rola a bola, do sistema de significados e do modo de vida neste espaço específico que transita esta investigação. A partir da prática do futebol no *pedaço*⁵ (MAGNANI, 1998) da Vila Campos do Cristal

³ Categoria social desenvolvida a partir da análise do significado do futebol na sociedade brasileira. Ver DA MATTA, R. **O universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

⁴ Conceito de lugar como espaço de significados encontramos nos estudos do geógrafo Milton Santos.

⁵ Noção desenvolvida por Guilherme Cantor Magnani. Em bibliografia utilizada nesta dissertação.

pretendo desenvolver o enredo da manifestação particular deste fenômeno social: o futebol. Tentando fugir das armadilhas do senso comum, das obviedades jornalísticas e de análises românticas, procuro realizar uma investigação que descortine um modo de vida cujo sistema de significados constituiu-se próximo ou vinculado à prática do futebol de várzea. Neste sentido, a possibilidade do futebol de várzea como espaço de sociabilidade e identidade social ganha relevância neste trabalho.

Segundo Murad:

Como o rito maior de nossa cultura popular, como metáfora e metalinguagem da existência social no Brasil, o futebol, bem como todas as suas implicações para além das quatro linhas, merece ser estudado aprofundadamente em caráter permanente [...], obedecendo a uma abordagem metodológica transdisciplinar [...]. (1995, p. 109)

Com o objetivo de disciplinar o texto, já que o desafio trata da construção de um texto acadêmico e não jornalístico, busco nos estudos sobre o futebol brasileiro, dentro das ciências humanas e sociais, possibilidades de aprofundamento a partir de alguns conceitos na investigação do futebol de várzea, em particular.

Durante o tempo de qualificação do projeto de pesquisa, onde várias disciplinas no PPGCMH/UFRGS⁶ acumulavam leituras que se somavam àquelas já apontadas como referenciais para o trabalho de campo, cheguei a utilizar a metáfora da Caverna de Platão⁷ para descrever o sentimento de quem percebe a dificuldade em focalizar o objeto, de definir e cercar o problema da investigação. A medida que o tempo avançou, que o objeto foi definido e que o foco parecia menos embaçado, adentrava "[...] no labirinto por onde nós andamos metidos quando aceitamos confrontar nossa produção no campo da pesquisa com a teorização social" (CORAZZA, 1998). Quando percebi que o território do labirinto "[...] lugar onde muitas vezes é preciso voltar sobre nossos passos para encontrar outras possibilidades de continuar em movimento; ou então gritar bem alto, para e o som da própria voz seja a única a nos fazer companhia, e não se morra de solidão"

⁶ Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano / Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ Metáfora utilizada para refletir sobre o papel do conhecimento na vida humana. Na Caverna de Platão, onde um grupo de humanos vive com medo de sair pois as sombras projetadas na parede assemelham-se a enormes figuras monstruosas, mudam o estado de consciência quando um deles corajosamente sai da caverna, percebe que não são monstros e sim árvores que com a luz solar projetam sombras na parede da caverna.

(CORAZZA, 1998), que o quadro teórico onde minha prática de pesquisa se configura deveria também ser cuidadosamente delimitado.

Assim, pretendo abordar o futebol brasileiro a partir de alguns destaques em estudos das ciências sociais na esperança de articular as análises do futebol com o único propósito de localizar o futebol como fenômeno social, considerando estar emoldurando o cenário urbano que servirá como pano de fundo onde focalizo as cenas e os atores na dramaturgia do problema de investigação.

Sendo assim, ainda a título de introdução, apresento o que chamei de "lugar de aproximação, com o objetivo de fotografar o lugar daquela que investiga. Neste momento, procuro focalizar minhas experiências para desvendar as motivações do meu olhar que foram responsáveis pela definição do tema como também, diferenciá-lo dos olhares daqueles que serão sujeitos da investigação, os *nativos*. (GEERTZ, 1989).

Nos capítulos seguintes, além dos referenciais teóricos que balizaram a formulação do problema de pesquisa, busco aprofundá-los para encontrar possibilidades de respostas que estarão sendo emolduradas a partir de um breve recorte histórico permeado pelas análises sociais do tema futebol; logo, segue a contextualização da cidade de Porto Alegre e do Bairro Cristal.

Alcançados estes objetivos, mergulho na descrição da formação, do modo de vida e significados da prática do futebol na Vila Campos do Cristal. Finalizando, apresento as categorias de análise alinhavando possíveis respostas ao problema formulado.

1.1.LUGAR DE APROXIMAÇÃO

Um anjo torto
Um canhoto
Um São José, de Ribamar
Um bailarino
Um brasileiro
Um Paraíba
Um Ceará
Um pé de ouro
Um peladeiro
Mata no peito e beija o sol
Balão de couro
Bola de efeito
Mas que perfeito é o futebol
Corre dispara para ginga e zás
(Corre dispara para ginga e jazz)

Mais um zagueiro vai pro chão
Esse já era não levanta mais
Outros virão
Finta canhota voa samurai
Lá vai a bola bala de canhão
Seu pé direito é a bomba que distrai
O esquerdo é o coração
Um belo drible
Decide o jogo
No grande baile do futebol
Só um artista
Um canhotoiro
Acende a tarde inventa o sol
(Letra da música Canhotoiro, Fagner e Zeca Baleiro)

O sol brilhava naquele domingo. Na vizinhança algumas crianças corriam atrás de uma bola já gasta e com pouco ar. Ouvia-se a gritaria quando, pelos pés de uma delas, a bola ultrapassava o espaço delimitado por duas pedras. No rádio, único veículo de comunicação em casa, um "Grenal"⁸ era transmitido e parecia ser mais rápido que os jogos assistidos ao vivo. Mesmo em Santana do Livramento a torcida era grande pelos times de Porto Alegre, para mim cidade tão distante.

Em 1970, já com 12 anos em Porto Alegre, dentro de um fusca dirigido por um tio - que estourava foguetes pela janela do carro e, após assistir atônita e surpresa todas as partidas daquela copa, onde minha mãe e tia, que nunca corriam atrás de uma bola, faziam parte da torcida com tios e primos - descemos a Avenida Protásio Alves, repleta de gente e carros comemorando a vitória do Brasil no México. Participava naquele momento do *drama social*, categoria desenvolvida por Roberto da Matta nos estudos sobre futebol realizados anos mais tarde, num período em que investigar movimentos e práticas sociais vinculadas ao tempo livre e de lazer era considerado irrelevante.

A estas imagens de minha infância estão agregadas outras imagens da cidade na juventude. Finais de semana em quadras esportivas, em campos de futebol (ora jogando, ora torcendo ou como professora) sedimentaram o gosto pela prática do futebol como pura prática de lazer.

O início da vida profissional em escolas da rede privada e a experiência em escolas estaduais mantiveram a proximidade com o futebol que era vivenciado em torneios e jogos amistosos nos mais variados bairros, periféricos e centrais. Estes deslocamentos

⁸ Clássico esportivo de Porto Alegre entre as equipes do Grêmio Futebol Porto-alegrense e Sport Club Internacional.

ocorriam nos espaços já consagrados para a prática esportiva inscrevendo na cidade a noção de *trajeto*⁹ conforme estudos de Magnani (1998).

Foi como profissional da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre, a despeito de todas as reflexões da vida adulta, que pude observar outros aspectos desta prática, suas dificuldades e conflitos com o crescimento urbano. Neste período, o jogar já não fazia parte do cotidiano e sim o acompanhamento de reuniões comunitárias que tratavam das relações desta prática com a vizinhança e o modo de vida no entorno dos campos de futebol.

As diferenças sociais estabeleciam diversidade nos conflitos. Nas regiões mais periféricas a luta das comunidades era a de qualificação de áreas vazias (terrenos baldios, áreas públicas não urbanizadas) para transformá-las em campos de futebol demandando verbas, recursos e manutenção. Nas regiões urbanizadas as comunidades problematizavam a existência destes campos, propondo sua transformação em *playground* e quadras poliesportivas.

A articulação das comunidades com o poder público para conquista de melhorias e urbanização dos bairros desvela inúmeros conflitos de vizinhança, entre eles a prática do futebol aparecia muitas vezes como dificuldade interbairros.

A característica dos campos, em sua maioria, é a de congregar vários times em ligas ou grupos que mantêm um calendário de jogos. O time da casa costuma convidar outros times para jogar, trazendo ao bairro gente de vários locais. Seus diferentes modos de vida acompanham este deslocamento. O que trazem para comer e beber, suas torcidas, como se deslocam (muitas vezes de ônibus ou caminhão de algum conhecido), como comemoram suas vitórias ou derrotas faz com que a rotina do entorno se modifique, muitas vezes gerando conflitos.

Como interlocutora, já que nas reuniões eu fazia parte da equipe da Secretaria Municipal, era no debate do futebol que outros aspectos da vida comunitária afloravam. Os preconceitos com os mais pobres que vinham de outra vila, as brigas após os jogos que tomavam muitas vezes a proporção de rompimento das relações, a importância deste

⁹ Noção desenvolvida por Guilherme Cantor Magnani.

lazer na vida de muitos, as dificuldades em manter o espaço para esta prática e as dificuldades econômicas de seus praticantes estavam ali presentes o tempo todo.

Um desses espaços fazia parte da paisagem do caminho para casa. Na confluência das avenidas Beira Rio, Diário de Notícias e Chuí, existiam quatro campos de futebol cercados por moradias disputando espaço, espremidas contra o muro do hipódromo. Nestes campos a atividade era permanente. Crianças, jovens e adultos ocupavam estes espaços com jogos de futebol, brincadeiras e churrascadas pintando uma paisagem visível para quem por ali passasse.

Como funcionária da Prefeitura, participei do I, II, III Congresso da Cidade¹⁰ onde as diretrizes urbanas foram definidas pelo poder público e pela representação da população. Neste período, começaram a chamar minha atenção as dificuldades de projetar as políticas públicas de esporte e lazer para o centro das discussões. As várias leituras e debates ressaltavam a importância do tempo do lazer na questão da qualidade de vida; ao mesmo tempo, as grandes verbas e os grandes temas de debate público giravam em torno do tempo do trabalho, colocando o lazer como um tema menor.

Nesta perspectiva, muitas dúvidas de como poderíamos pensar em qualidade de vida sem a articulação de vários aspectos do cotidiano impulsionaram a ideia de que pensar o espaço da cidade sem pensar também no tempo de lazer é pensar na cidade apenas como um território, em metros quadrados. A articulação dos tempos de lazer e de trabalho poderia favorecer a compreensão da cidade também como *lugar* (espaço de ação, relações e significados), compartilhando do conceito estruturado pelo geógrafo Milton Santos (1997) que desenvolveu estudos acerca das diferenças entre território e lugar.

Motivada pela vivência pessoal e experiência profissional a curiosidade em aprofundar o conhecimento sobre os processos socioculturais que se desenrolam quando rola a bola, aproximei-me de trabalhos e estudos que pensam o espaço urbano, as relações socioculturais e a prática esportiva coletiva: o futebol.

Num primeiro momento, as indagações eram mais gerais e vinculadas às questões de gestão pública. Quanto mais próximo estava dos problemas de sobrevivência dos

¹⁰ Em 1993 aconteceu o I Congresso da Cidade com a temática: *Porto Alegre Mais Cidade Constituinte*. Em 1995 o II Congresso com a temática *O lugar de todas as coisas* e entre novembro de 1999 e maio de 2000 o III Congresso tem a temática *Participação popular e Qualidade de vida*.

espaços para a prática do futebol, mais forte ficava marcada a presença comunitária, sua convicção e prazer na prática deste esporte. O futebol parecia estabelecer outros vínculos de vida, reafirmando os estudos que demonstram suas relações de identidade e pertencimento na sociedade brasileira (Guedes, 1998a).

Em Porto Alegre, a vida da comunidade dos Campos do Cristal ainda chamava a minha atenção não apenas pela imagem na volta para casa, mas também pelas relações com os campos e pelo seu estilo de vida. Cada vez mais casas disputavam território, áreas ao longo do muro do Hipódromo cada vez mais ocupadas e os quatro campos de futebol intocados, nem um milímetro dos campos invadido.

Estas foram as primeiras indagações e motivações pessoais, onde misturo paixão e razão, responsáveis pela aproximação com o objeto deste estudo.

Esta inquietação começa a tomar a forma de um problema quando, após um longo período, ao voltar para casa num domingo de sol, na confluência das Avenidas Beira Rio, Diário de Notícias e Chuí encontro - exatamente naquele lugar onde existiam quatro campos de futebol - um grande estacionamento e uma enorme construção branca, sem janelas, sem crianças, sem correria atrás de uma bola, sem futebol. Apesar de perceber e acompanhar a movimentação das obras, quando os tapumes foram retirados, a obra praticamente finalizada, provocou uma mudança na paisagem que me levou a indagar: o que aconteceu ali? Para onde foram? E o futebol? "A cidade se transforma[...] a cidade apaga os vestígios do seu passado" (PESAVENTO, 2000).

Faço aqui um parêntese para percorrer os corredores da minha memória lembrando ainda das últimas vezes que acompanhei as reuniões daquela comunidade, como profissional da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer. Destaco aqui duas delas por terem sido as últimas em que participei, antes do processo de desocupação onde esboço uma descrição do espaço da Vila Campos do Cristal na perspectiva de introduzir o problema de pesquisa.

Era um dia de semana à noite, quando chegamos na Vila por volta das 20 horas. Este horário era como de rotina na Secretaria de Esportes, e também no conjunto da prefeitura, o horário das reuniões com as comunidades. É o tempo necessário que os participantes têm para chegar em casa após as atividades cotidianas e dirigir-se ao local da reunião, geralmente perto de casa.

Na Vila Campos do Cristal a sede do time Farroupilha era o lugar de reuniões da comunidade. Quando chegávamos já era noite e o acesso pouco iluminado indicava uma trilha que, percorrida, proporcionava a visão dos campos de futebol. O caminho estreito passava pela linha final, por trás da goleira e chegando na altura do escanteio, à esquerda, avistava-se a porta de entrada da sede, onde já havia poucos moradores. É desta noite que guardo a lembrança dos pequenos acessos dentro da Vila, pois acompanhando um dos assessores comunitários (Prof. Mário Castro), percorremos alguns deles chamando os envolvidos na reunião.

Próximos da sede, os acessos (ruas) eram mais largos e iam estreitando quanto mais íamos para dentro da vila que se espremia entre os muros do Hipódromo e o *valão*¹¹ (conhecido como Sanga da Morte). Na área perto da sede do time, as casas eram construídas com materiais mais tradicionais: tijolo ou madeira. Algumas destas tinham um pequeno jardim e outras algumas árvores. Passando pela metade do território, indo mais para dentro da vila, as moradias davam a impressão de terem sido *montadas*¹², sem os materiais mais tradicionais. Suas *montagens*, ao invés de empilharem tijolos ou pregarem madeiras, eram erguidas encaixando uma lata de azeite num pedaço de alumínio, num acartonado, num compensado, sugerindo a imagem de uma *montagem* onde se percebia a dificuldade de uma pessoa adulta ficar em outra posição senão em pé ou encolhida (se deitada), tal o minúsculo tamanho da *montagem*.

Dava a impressão que as casas escorregariam, deslizariam com a água da chuva para o *valão*, em direção ao Guaíba. No lugar dos pequenos jardins, algumas latas já enferrujadas dispostas como vasos em frente à única porta, bordados assim com samambaias e outras folhagens nada exuberantes, mas marcando a fachada como um sinal de que ali é uma moradia. Pequenas cancelas fazem às vezes de portão, muros não existem, pois uma parede serve para fixar mais uma peça na moradia.

Apesar de tais dificuldades, alguns daqueles moradores também participavam da reunião, demonstrando que nem sempre a falta de condições básicas de moradia

¹¹ Denominação para arroios onde são despejados lixos e dejetos de moradias sem tratamento de esgotos e sem urbanização do seu entorno. No caso específico a Sanga da Morte atualmente já passou por processo de saneamento e urbanização. Sua localização é onde parte da vila se formou.

¹² Denominação considerada adequada pela pesquisadora já que além de sugerirem esteticamente uma montagem, não passam por nenhum processo de construção tradicional.

imobiliza ou toma-se um impedimento para pensar em outras formas de convivência. A reunião tinha uma pauta geral, relacionada com os projetos da Secretaria Municipal de Esportes, cuja atuação na Vila estava diretamente relacionada ao futebol com o projeto Em Cada Campo uma Escolinha¹³ e com a participação dos times no campeonato Municipal de Várzea organizado pela Secretaria com apoio e assessoramento aos campeonatos das Ligas de Futebol de Várzea¹⁴.

Naquela noite ainda não havia tomado forma o projeto de desocupação da Vila e os assuntos tratavam do cotidiano. Já no outro episódio, dois anos depois, em que representava a Secretaria de Esportes, a pauta era polêmica, pois o processo de desocupação estava na fase final, 400 famílias estavam cadastradas (representando o universo total da Vila Campos do Cristal) e o projeto arquitetônico para a nova área causava ainda discussão. Entre tantos aspectos, a manutenção de um campo de futebol fazia parte das reivindicações, fato que gerou a convocação de uma reunião entre os envolvidos.

Foi na Secretaria Municipal de Planejamento que a assessoria do Gabinete do Prefeito, encarregada de gerenciar os acordos para que o processo de desocupação contasse com a participação dos moradores, coordenou o debate relacionado aos campos de futebol¹⁵. Estavam presentes líderes da Vila Campos do Cristal, reivindicando que, no local das novas moradias, fosse construído um campo de futebol e comprometendo-se a construir uma sede em mutirão para que também fizesse parte do projeto do loteamento (representantes das secretarias envolvidas na questão participavam também da reunião como a de esportes, de planejamento, departamento de habitação e meio ambiente).

Os representantes do governo ponderavam sobre dificuldades orçamentárias e da falta de disponibilidade de área, já que a área apontada como possibilidade para a construção de um campo serviria para a colocação de mais oitenta famílias inviabilizando a proposta da comunidade. A Secretaria de Esportes posicionada favorável à manutenção

¹³ Projeto de futebol para crianças e adolescentes desenvolvido em parceria com as comunidades, onde a secretaria mantém o apoio técnico nos acompanhamentos, torneios e campeonatos e a comunidade mantém lideranças que desenvolvem as atividades esportivas e responsabiliza-se pela organização dos grupos.

¹⁴ Campeonato anual, em sua 11ª edição. Acontece no segundo semestre após os campeonatos das Ligas Independentes de Futebol.

¹⁵ Ver anexo, reportagem em jornal Zero Hora, 24/04/1999; página 29.

de uma área para garantir uma sede e um campo de futebol, buscava argumentos e propostas para isto. Após algum tempo de debate, nada foi acordado já que as impossibilidades apontadas pelo governo não seriam definidas naquele fórum. Os representantes da comunidade apontavam para uma reunião na Câmara de Vereadores para buscar mais aliados para a sua reivindicação. Reunião que aconteceu alguns dias mais tarde, com ânimos muito acalorados, mas que não resultou em uma definição a favor da construção do campo, mas apontou para a necessidade de procurar uma área, que pudesse contemplar esta reivindicação. Havia um parecer da Secretaria do Meio Ambiente que as áreas no entorno do novo loteamento eram consideradas de mata nativa, e mais uma vez um *valão* impedia a movimentação com aterros e desmatamento, o que retirava a possibilidade da área em questão ser transformada em um campo de futebol.

Passados cinco anos, após a minha transferência para a Secretaria Municipal da Cultura, o tema retornou quando participava das reuniões preparatórias para a Conferência Municipal de Cultura¹⁶ Naquele momento algumas das pautas nas reuniões apontavam questões como: identidade, a importância dos espaços culturais e a relevância do patrimônio intangível¹⁷. As convergências de problemas quando pensamos em políticas públicas para o tempo fora do tempo do trabalho são maiores do que se possa imaginar. Melhor dizendo, assim como no esporte, também na área cultural as dificuldades de fortalecimento da cultura popular e seus limites espaciais são permanentes.

Na Secretaria Municipal da Cultura um dos projetos prioritários¹⁸ que mantinha vínculo direto com as comunidades das periferias proporcionava oficinas de música, artes cênicas, artes plásticas, cinema/foto e vídeo entre outras, esta última desenvolvida durante o processo de desocupação da Vila Campos do Cristal. Foi a partir desta informação que retornei a pensar na Vila Campos do Cristal e minha curiosidade, que já havia despertado no momento da modificação da paisagem no bairro Cristal, levou-me a conhecer o novo lugar do loteamento localizado em outro bairro, na Vila Nova.

¹⁶ Espaço destinado a consulta e debate específico sobre políticas públicas municipais de cultura.

¹⁷ Patrimônio imaterial como festas populares, costumes e tradições.

¹⁸ Projeto Descentralização da Cultura mantinha oficinas populares nas diversas áreas de expressão acontecia nas comunidades e eram gratuitas. Artistas das diversas áreas ministravam aulas semanais para moradores de diferentes faixas etárias.

Destaco de um dos diários de campo (11-01-2003) a descrição comparativa dos diferentes espaços, pois foi a partir destas diferenças que a curiosidade passa a esboçar o problema de investigação:

[...]. Com o objetivo de iniciar uma descrição do território a observação não tem nenhum contato pessoal combinado. O loteamento tem no acesso principal e a exemplo de vários conjuntos habitacionais, um conjunto de salas comerciais com uma arquitetura heterogênea. As edificações destas salas não obedecem um mesmo padrão. Neste dia (sábado) encontrei a mecânica funcionando (aberta). As demais portas estavam fechadas. O acesso às casas dá-se no centro da área destas salas onde o caminho é de alvenaria e dá acesso a uma grande escadaria que tem patamares conforme o nível de cada rua (as casas estão construídas em "quadras" num terreno em desníveis (aclone), se entrarmos pela rua onde trafegam as principais linhas de ônibus e a maior parte daqueles que chegam ao Bairro Campo Novo. Logo na entrada passamos por um pontilhão (pequena ponte) que permite ultrapassar um canal. A direita podemos visualizar as primeiras moradias. Na continuidade, num nível superior também à direita, encontramos uma quadra poliesportiva, cercada com tela sem qualquer área adicional a não ser a própria quadra. Nela algumas crianças resistem ao sol, entretanto não estão com material esportivo e aparentemente conversam. Dali pode-se avistar uma área vazia perto de uma mata nativa formando uma separação entre algumas edificações. Já na subida enxergamos uma imponente edificação, a escola, aparentemente construída de costas (assinalo desta forma porque no antigo endereço um dos campos abrigou a escola construída de forma a sugerir sua total integração com o espaço da Vila) para o conjunto habitacional. Nesta parte já temos casas dos dois lados da subida. As habitações têm um padrão de construção homogêneo, todos são sobrados, com uma pequena entrada individual e, observa-se que estas entradas são todas heterogêneas, ou seja: alguns têm uma garagem (um puxado com teto - todos construídos com diversos tipos de materiais), alguns jardins (que não obedecem nenhuma regra comum), outras com um anexo criando um ambiente de churrasco.

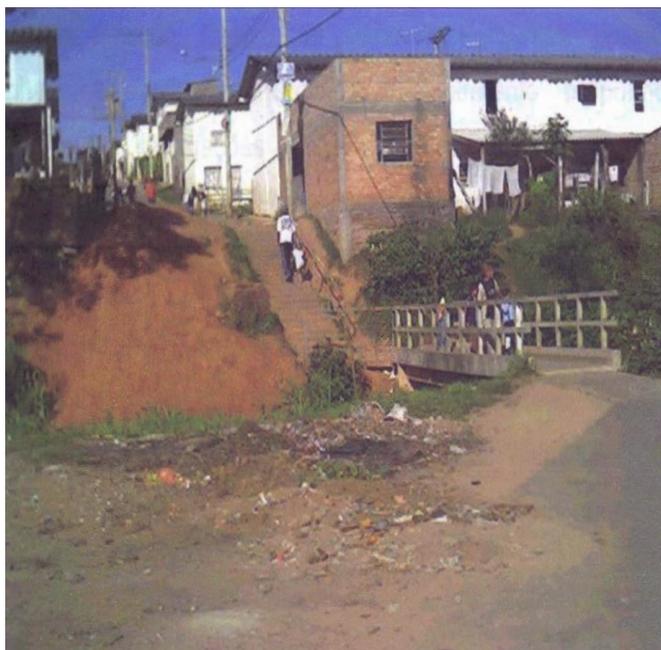
Segue o relato:

Todos os sobrados são com paredes laterais comuns e a divisa dos lotes acontece em alguns metros na frente e nos fundos o que corresponde ao jardim e ao quintal. Nas ruas, muitas crianças e muitos rapazes entre 15 e 20 anos, sentados tomam cerveja ou o que parece caipira. Nenhum churrasco acompanha esta atividade. Estão ali parados com pouca conversa e muito calor. Curioso, não vi nenhuma bola rolando em lugar algum. Além da arquitetura, a distribuição e a geografia do novo lugar é diferente do antigo lugar. Anteriormente as casas eram na maioria térreas e a ocupação era longitudinal (terreno em área plana), atualmente são todos sobrados, com o terreno em área de desníveis. Na antiga Vila, a formação das casas ocupava num "L" a lateral e o fundo do campo de futebol, as divisas não correspondiam a lotes organizados, parecendo que o código de definição do tamanho da área obedecia muito mais ao perfil do proprietário e tamanho da família (muitos filhos casam cedo e fazem um "puxado" no "pátio"). Nesta observação aparentemente, a primeira impressão é de que carregaram consigo parte da estética do antigo lugar. (Diários de Campo 11 jan. 2003)

O espaço atual distinguia-se do antigo lugar de moradia principalmente pela estrutura das casas. Ali o terreno era em desníveis, as casas modelo padrão em sobrados de alvenaria e o campo fora substituído por uma quadra poliesportiva. A configuração espacial, a estrutura das moradias e a ausência de campo de futebol eram as mudanças mais perceptíveis.

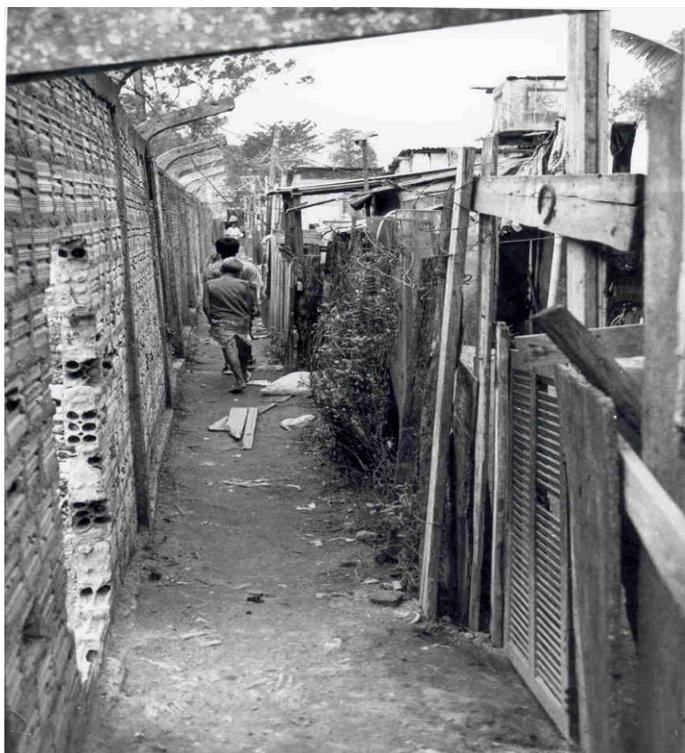
Seguem as fotos:

FOTO 1: NOVO LUGAR - CONDOMÍNIO CRISTAL - O NOVO ENDEREÇO



Fonte: Foto feita pela autora

FOTO 2: ANTIGO LUGAR - CAMPOS DO CRISTAL - O ANTIGO ENDEREÇO



Fonte: Foto Marjorie Matheus

O deslocamento para outra área da cidade poderia ser considerado, a modelo de algumas análises dos centros urbanos, o resultado perverso da especulação imobiliária? O fato da não existência de campo de futebol significaria o fim do futebol de várzea? Perguntas possíveis que acompanham as reflexões jornalísticas, entretanto proponho, nesta questão, outras indagações que se relacionam inicialmente a reflexões de como ou se a mudança de lugar provocou alguma alteração nas relações sociais vivenciadas no antigo endereço.

Muitas perguntas acompanharam estas observações até aqui apresentadas como as primeiras aproximações pessoais que, aliadas à experiência profissional e a curiosidade sobre as mudanças na cidade, motivaram a formulação do problema desta investigação, principal objetivo principal objetivo nos próximos parágrafos.

2. EM BUSCA DA PERGUNTA/PROBLEMA

O ponto de partida foi uma constatação: apesar do atual interesse em torno das condições de existência dos trabalhadores nos grandes centros urbanos, um aspecto concreto - as formas de entretenimento com que a população preenche o tempo de lazer, nos bairros da periferia - tem sido deixado de lado pela maioria dos estudos e análises. Este aspecto, entretanto, é parte integrante do cotidiano dessa população: por que, então, não partir daí para tentar enriquecer a compreensão de seus valores, modos de pensar e agir. (MAGNANI, 1998, p. 20)

A exemplo de Magnani em *Festa no Pedacão*, "para puxar o fio da meada", a prática do futebol de várzea foi escolhida entre as várias manifestações cotidianas da Vila Campos do Cristal porque, além de ser uma prática vinculada à cultura e a identidade, havia uma constatação: a mudança de endereço e o aparente desaparecimento do espaço dos campos de futebol. Esta situação de transformação do espaço urbano vista "de fora e de longe" (MAGNANI, 2004) poderia nos levar a concordar com aqueles que dizem que com o desaparecimento dos campos, o futebol de várzea acabou. Entretanto, provavelmente não encontraríamos somente esta resposta se, ao contrário, buscássemos um olhar "de perto e de dentro".

Para o autor, pode-se, entre as várias formas de pensar a cidade, destacar duas abordagens de análise do processo de urbanização: uma que trata do colapso dos serviços urbanos como transporte, saneamento, habitação, e o crescimento urbano desordenado gerando com isto o caos social; outra que analisa a cidade a partir da ruptura de signos, a ineficácia das estruturas e a velocidade das transformações tecnológicas.

Magnani ainda aponta que, mesmo trilhando caminhos diferentes, estas formas de análise levariam às conclusões bem próximas no que se refere ao plano da cultura urbana qual seja: a "deteriorização dos espaços públicos e consequente privatização da vida coletiva", reduzindo o convívio social e enfraquecendo as redes de sociabilidade. A

ampliação da participação dos atores sociais nas decisões estratégicas das cidades pode minimizar o problema das cidades tratadas como "entidades abstratas" contribuindo para localizar a emergência das relações de convívio, das redes de sociabilidade e das formas de entretenimento no cenário urbano.

Dessa forma, as cidades passam por transformações que são vistas como consequências dos processos de mercado e de globalização embora seu discurso apresente a importância local com relação ao global e seja pautada a valorização dos processos regionalizados da cultura.

Vista "de longe e de fora" a cidade permanece como uma entidade abstrata e, por conseguinte, aumenta a impossibilidade de articulação entre os planos estratégicos daqueles que definem os rumos do processo de urbanização e os diferentes atores e suas significações culturais particulares. Ainda que possamos encontrar projetos políticos, a exemplo do Orçamento Participativo e do Congresso da Cidade em Porto Alegre, que por representação mantém instâncias de participação comunitária, a cidade é mais do que uma única centralidade, dificultando com isto que se possa dar conta de uma totalidade sem investigarmos sua multiplicidade, identificando os vários ordenamentos e seus diferentes atores sociais. A esta perspectiva corresponde o método etnográfico que possibilita um olhar "de perto e de dentro", opção adotada nesse trabalho, como instrumental para a investigação do futebol de várzea, seus atores e suas relações sociais naquele espaço urbano transformado da Vila Campos do Cristal.

No caso particular da Vila Campos do Cristal, se analisada a partir da ótica da cidade abstrata, com uma única centralidade cuja consequência é a exclusão e o caos social, poderíamos concluir superficialmente que o futebol de várzea acabou, pois o espaço dos quatro campos de futebol foi ocupado por um Hipermercado e o novo espaço do Loteamento não possibilita esta vivência já que não possui um campo de futebol. É neste momento que se faz necessário um olhar "de perto e de dentro" capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva "de fora e de longe".

A formulação do problema de pesquisa exige que possamos articular nossas hipóteses com as teorias que compartilhamos durante nossos estudos. Como a origem deste problema é resultado do processo empírico das experiências pessoais e profissionais encontro várias possibilidades de abordagem deste tema: o futebol de várzea. Entretanto o interesse está relacionado mais aos processos socioculturais das

relações coletivas na cidade e de que forma isto acontece nesta cidade que se desenvolve.

O espaço aparece como objeto de estudos desenvolvidos por urbanistas, ecologistas, geógrafos e psicólogos que assim como outras áreas de pesquisa encontram nele fonte de investigação. O ponto comum que podemos observar nestes estudos, nos diferentes campos do conhecimento, é o das ações humanas, colocadas pela maioria como o que dá sentido e significado a determinado espaço. Seja qual for a área do conhecimento que aborde as questões de espaço, as reflexões dos modos de ocupação e consequente caracterização do espaço como parte de um sistema de significados provavelmente estarão presentes.

A prática esportiva e qualquer ação coletiva acontecem em determinado espaço, que pode estar impregnado de características relacionadas à ação propriamente dita ou aos sujeitos que realizam essa ação. Sendo assim, com a transformação e o desaparecimento de determinada área espacial também desaparece o modo de vida que caracterizou e constituiu um sistema de significados e de relações sociais na vida cotidiana dos atores sociais daquele espaço. Ao espaço articula-se o tempo, a natureza, a ação humana e suas relações constituindo lugares. Portanto o espaço não é exclusivamente território, nem exclusivamente uma parcela de terra como bem define Milton Santos:

O espaço é tudo isso e mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual, e considera como um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar cada porção do espaço, essa acumulação é diferente[...]. (1982, p. 38)

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões

humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (1997, p. 258)

Podemos verificar nas teses de mestrado e doutorado realizadas por Maria Helena Santana e Ariane Kunhen, respectivamente, pesquisas que buscam relacionar a ação humana, a ocupação dos espaços e as transformações das cidades. A primeira desenvolveu seus estudos na Vila Cai-Cai, em Porto Alegre, onde a organização do espaço e do tempo foi objeto de estudo durante o processo de remoção da Vila para outro espaço territorial.

A segunda analisa as relações de uma comunidade na Ilha de Florianópolis com o espaço e o ambiente a partir das relações entre nativos, turistas e a reciclagem do lixo. Para ambas, a espacialização do mundo remete a uma espacialização das relações sociais no sentido de que o espaço é uma representação do modo como vivem aqueles que ocupam o território e de seus sistemas de significação. Em suas referências teóricas, a apropriação e a identidade aparecem constantemente como outros elementos que fazem parte dos sistemas de significação que impregnam os espaços de significação simbólicos. Assim, agrega-se à questão do espaço as reflexões sobre identidade e pertencimento.

A identidade se constrói e se define na relação com o outro, que é indissociável do lugar social e da relação com o meio. A psicologia social e a sociologia orientam-se pelo entendimento de que a identidade social se constrói através de um emaranhado de situações que se definem na interação dialética entre o social e o individual. A história e a cultura de uma sociedade serão traduzidas nessa dialética, no discurso dos sujeitos e também em suas ações (KUHLEN, 2000). Nesse sentido, as questões de espaço, os processos de apropriação e a constituição de lugares relacionam-se às questões de identidade e pertencimento.

No caso do futebol de várzea, os espaços onde esta prática comunitária acontece revestem-se de significados e as relações de apropriação transformam estes espaços físicos em lugares de referências para a identidade e o pertencimento de indivíduos e grupos. Os espaços dos campos de futebol e suas sedes possibilitam as relações entre o social e o individual, seja pelas ações relacionadas à prática esportiva como também pelo discurso daqueles que mesmo ausentes da prática (não fazem parte de nenhuma

equipe), sendo-lhes impossível negá-la já que em suas relações esta se faz presente, forjando assim uma relação que acaba por fazer parte de sua identidade.

É certo que o espaço existe em sua materialidade física, mas o que nos interessa é a transformação destes espaços físicos em espaços sociais e a relação que o homem estabelece com estes.

Segundo Kunhen:

Ao final das contas a apropriação seria um processo de identificação. É a partir dela que as características de um lugar podem oferecer prazer e realização ou sensação de estranheza as pessoas. Podemos então dizer que é através da apropriação que podemos transformar o espaço em lugar, ou a criação de sentido de lugar, que definirá o resultado das ações, concepções e atributos físicos do espaço. (KUNHEN, 2000, p.92).

Considerando a necessidade de revitalizar, neste momento, o foco desta investigação, faz-se necessário verificar de que maneira poderemos particularizar a análise do objeto de estudo proposto buscando, para isto, o auxílio de outros estudos. Sendo um estudo sobre um espaço particular da cidade de Porto Alegre - a Vila Campos do Cristal-, encontro em Magnani uma boa possibilidade para alcançar este objetivo.

A noção de *pedaço* de Magnani auxilia na compreensão das particularidades que se constituem quando analisamos determinado grupo social a partir dos conceitos de espaço e de identidade. Também contribui para esta reflexão no sentido de reforçar o questionamento sobre aspectos vinculado às transformações nos espaços da cidade tentando desvendá-la, trazendo à tona pontos obscuros.

Conforme os estudos de Magnani, são dois os elementos constitutivos do *pedaço*: "um componente de ordem espacial, a que corresponde uma determinada rede de relações sociais". De novo, isto indica que o espaço está em estreito vínculo com a ação humana na constituição de significados sejam individuais ou sociais.

Nas palavras de Magnani:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais

densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 1998, p.23)

No caso particular da Vila Campos do Cristal, cuja espacialidade convive estreitamente com os campos e os jogos de futebol, constituindo assim um pedaço, a relação do futebol vista como fenômeno social aparece também como elemento do sistema de significados daquela comunidade.

Os fenômenos como o carnaval, as religiões afro-brasileiras e o futebol aparecem nos estudos de Da Matta (1982) e Guedes (1998), para citar alguns, como componentes de identificação nacional. São apropriados e recebem sentido na composição desta identidade nacional. Para estes autores e também visivelmente para os meios de comunicação esta temática é minuciosamente interpretada em cada um de seus aspectos. Milhões de brasileiros, direta ou indiretamente, são mobilizados no cotidiano sugerindo várias formas de expressão artística: pinturas, fotografias, romances, contos, peças teatrais, novelas e músicas.

Sendo principalmente, mas não exclusivamente, um tema masculino tem grande parcela da imprensa especializada dedicada ao futebol (GUEDES, 1998, p.103). Do modo como é teorizado, discutido, vivido e praticado no Brasil para Da Matta (DA MATTA, 1982) "seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir".

Para o autor, e também como referência neste trabalho, é do que extrapola este jogo visível que vem seus significados mais importantes. Sendo o futebol um dos aspectos da cultura, fazendo parte dos espaços de negociação (GUEDES, 1998) da classe trabalhadora permitindo assim estabelecer diferenças significativas entre regiões e setores da sociedade considero possível investigar esta prática esportiva no espaço específico do bairro transformado nesta cidade.

Posto isto, abre-se a possibilidade de que algo mais do que o óbvio desaparecimento do espaço dos campos de futebol tenha acontecido naquela comunidade, talvez existam outros desdobramentos que podemos investigar a partir da formulação do problema de pesquisa:

Qual o lugar da prática do futebol e seus significados nas relações no modo de vida da comunidade da Vila Campos do Cristal?

3. SOBRE O MÉTODO

3.1. AS DECISÕES METODOLÓGICAS

Nesta investigação, as principais características são os aspectos históricos e culturais da vida na Vila Campos do Cristal, na medida em que busca reconstituir um modo de vida que não existe mais. Esta reconstituição privilegia a história oral e a memória daqueles que viveram no espaço transformado da cidade e que vivem, ainda com a mesma vizinhança, em outro lugar. Das entrevistas e documentos que de alguma forma registram este passado e, também na lógica comparativa através da observação do universo atual dos moradores dos dois espaços e também daquele espaço que ainda existe são os apoios para a montagem destes quebra-cabeças. A opção metodológica constitui-se então de uma aproximação etnográfica que busca descrever a cultura de um grupo.

[...] em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ela mesma - isto é sobre o papel da cultura na vida humana. (GEERTZ, 1989, p. 39)

A opção pela análise interpretativa a partir de densa descrição da realidade apresentou-se como uma possibilidade que melhor permitiria construir os significados que a ação da prática do futebol tem para os seus *proprietários* (GEERTZ, 1989). Além de buscar estes *sentidos* (GEERTZ, 1989) foram investigadas as conexões desta prática com a ação comunitária e para tanto as categorias de análise da antropologia social, mais especificamente da etnografia foram as ferramentas que auxiliaram no caminho.

A análise interpretativa que foi desenvolvida, a partir de várias fontes tem no processo de *triangulação*¹⁹, a técnica de diálogo das fontes. As informações do passado

¹⁹ "[...] Nas Ciências Sociais se utiliza para poder organizar melhor e explicar com mais amplitude e profundidade a riqueza e a complexidade da conduta humana em distintos contextos e momentos, estudando desde mais de um ponto de vista: (SANCHO GIL, 1989, p. 30)

(Vila Campos do Cristal), do presente (Condomínio Cristal e Vila Foz da Cavalhada) e dos Times Farroupilha e ASCOMOCRIS são as fontes que estarão dialogando simultaneamente com as fontes institucionais, as teorias e minhas considerações contribuindo para a superação de limitações com relação aos resultados e possibilitando a validação das análises.

A aproximação metodológica com a etnografia exigiu uma dedicação especial no processo de observação. A observação participante "[...] requer um árduo aprendizado lingüístico, algum grau de envolvimento direto [...] e freqüentemente um desarranjo das expectativas pessoais e culturais" (CLIFFORD, 1998, p. 20), mesmo que as observações não tenham sido de maneira participante, já que as características apesar de próximas não se constituíram em uma intervenção no processo daquele grupo, os cuidados apontados pelos autores fizeram parte daqueles momentos cuidando para que os preconceitos daquela que investigava não viessem a ser obstáculos severos para enxergar o que é a realidade a partir do olhar do outro. Distinguir as posições pessoais, das teorias e da realidade observada para que os significados tenham o sentido de seus proprietários transformou-se num desafio.

O cuidado com o conhecimento intuitivo e as criações subjetivas teve que ser redobrado, pois não poderiam oferecer autoridade científica fatos que não fossem objetivamente adquiridos. Percorrendo ainda as ideias de Clifford (1998, p. 30) podemos verificar que a descrição etnográfica apesar de densa, detalhada e profunda tem como objetivo a partir das partes poder quem sabe chegar ao todo e não contribuir para um completo e *complexo inventário*.

Entrevistas semiestruturadas (BOGDAN; BIKLEN, 1994) foram acontecendo desde as observações iniciais e sua estrutura inicialmente estava vinculada ao momento da pesquisa quer de levantamento dos dados mais gerais, quer sobre aspectos mais individuais. A coleta de alguns dados quantitativos, aconteceu a partir dos registros da comunidade - que foi diluída nos contatos e entrevistas e também das instituições que participaram do processo como secretarias municipais, câmara de vereadores e outros grupos de fora da comunidade que tiveram envolvimento com o sistema de significações. acerca do problema a ser investigado.

A clareza dos instrumentos de entrevista foi um desafio, pois sua estrutura era que permitiria uma boa iluminação no momento da sistematização para haver a possibilidade

de encontro das categorias de análise que estariam, após todo o processo de pesquisa de campo, a possibilitar uma interpretação. (BOGDAN; BIKLEN, 1984).

Como a natureza do problema em questão exigia que a análise mais particular garantisse maior profundidade, a perspectiva de que mais do que leis eram necessárias ferramentas para encontrar possibilidades de análises menos subjetivas e mais científicas foi prioritária.

Demarcado o objeto e os sujeitos da pesquisa, retomei ao garimpo bibliográfico. Neste período, já no final do primeiro ano onde as exigências disciplinares do Programa de Pós-Graduação estavam praticamente finalizadas, a escolha das obras e autores que me acompanhariam na próxima etapa parecia mais produtiva. As dúvidas e desencontros iniciais não mais deslocavam o foco do objeto e sim auxiliavam a aprofundar as questões de pesquisa.

Mais uma vez as teorias iluminavam o caminho, auxiliando no reencontro da trilha. Para este combustível a definição de etnografia feita por Geertz, foi importante: "[...] uma atividade eminentemente "interpretativa", uma descrição densa, voltada para a busca de "estruturas de significação". (1978, p. 15-20)

O garimpo levou-me também a outras obras, A análise de dados qualitativos (PEREIRA, 2001) e Métodos de pesquisa nas relações sociais (SELLTIZ, JAHODA, DEUTSH; COOK, 1975) nas quais após algumas leituras pude colher reflexões que auxiliaram na formulação do problema e categorização basicamente. As obras Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais e A Pesquisa Qualitativa na Educação Física foram importantes materiais de apoio no sentido de viabilizar a opção metodológica.

Com toda a dedicação possível de quem estuda e tem ao mesmo tempo uma carga de trabalho e de responsabilidades da vida adulta, persegui constantemente o objetivo de articular o prático e o teórico num movimento dinâmico que possibilitou a firmeza da opção metodológica alicerçada na etnografia. O período destinado para a coleta de dados²⁰ foi de janeiro de 2003 a janeiro de 2004. Houve inicialmente o planejamento em conjunto

²⁰ Estabeleci uma agenda com cronograma e rotina que totalizaram: 10 -observações sem pauta, 08 observações no espaço triangulação, 13 observações - em eventos (Jogos, torneios, bingo e galeto), 15 - entrevistas semiestruturadas, 20 - observações com pauta e 05 observações informais como convidada em: roda de chimarrão, jogo de sinuca e bar em final de tarde. As periodicidades das idas a campo variaram de uma a duas vezes por semana, no período de um ano.

com o orientador onde estabelecemos pautas e prazos mais gerais que obviamente foram sendo alterados conforme a disponibilidade dos sujeitos colaboradores ou atores que pautam-se pelas suas vidas e não pelo cronograma da pesquisa.

Como o desafio inicial era buscar a memória do lugar que não existe no concreto, priorizei os contatos com os moradores mais antigos, os fundadores que mais adiante sua condição de lideranças fará arte das análises. Todos com idade acima dos 60 anos e já afastados da prática do futebol, porém com inúmeras histórias sobre ela. Para viabilizar os depoimentos foram necessárias várias idas ao novo endereço o que permitia a observação de alguns hábitos daquela comunidade, objeto de análise posterior, que originaram os primeiros diários de campo. Realizei os contatos, marquei visitas mais demoradas em suas casas e o registro inicialmente era realizado por escrito, havendo motivos e possibilidade anunciava a posterior aplicação de entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS; MOLINA, 1999) com registro em fita cassete. Em alguns casos já alinhavava a possibilidade de registro fotográfico. Neste momento o processo de triangulação cuja técnica possibilita o diálogo simultâneo entre as fontes institucionais, as teorias e minhas considerações contribuindo para a superação de limitações com relação aos resultados e possibilitando a validação das análises, chamou minha atenção na perspectiva de validar alguns depoimentos que se referiam ao passado vivido no entorno dos campos. Como em área contígua ao espaço modificado ainda existe uma vila em condições geográficas semelhantes, com as moradias no entorno de um campo de futebol que se encontra em atividade, fiz contato com o presidente de um dos times para viabilizar alguns depoimentos que estarão sendo analisados mais adiante.

As observações buscavam uma posição de não interferir mais do que a presença de um estranho, mesmo que autorizado, já interfere. A postura nas entrevistas semiestruturadas procurava a posição idêntica; entretanto, pela característica deste instrumento, ali a participação era maior no sentido de buscar interferências de acordo com os depoimentos para aprofundamento de um ou outro aspecto relatado.

O contato com as lideranças atuais foi acontecendo naturalmente e, quanto mais era reconhecida no pedaço· ao contrário do que se esperaria, apareceram outras dificuldades que descortinaram a existência de vários grupos dentro da mesma comunidade que às vezes explicitamente disputavam a minha presença quando fazia referência ao tema da pesquisa. Começaram então a aparecer os primeiros

estranhamentos, as primeiras diferenças que estavam relacionadas ao novo território. Estas situações serão também objeto de análise, entretanto o que desejo salientar é que a partir disso priorizei os contatos para descrever o espaço e tempo atual, tendo os depoimentos do passado concretizado a moldura do cenário no outro tempo e espaço.

A periodicidade das observações a partir do sexto mês se intensifica, pois começo a deslocar-me com a comunidade envolvida num dos times indo assistir os jogos amistosos e a participação em torneio de várzea, evidentemente em campos fora do Loteamento²¹.

As entrevistas nesta fase cessaram, os diários de campo tomam-se mais densos, pois acompanhavam o time nos jogos nunca menos de 30 pessoas, chegando a 60 nos torneios que aconteciam aos domingos com a duração das 9h às 16h²², com churrasco na beira do campo. Estes momentos tomaram-se ricos em contatos e conversas sobre os mais diversos assuntos possibilitando um contato direto com seu modo de vida e significações.

Como este era o time articulado, já que os outros viviam a nova realidade sem campo, foi nele que priorizei a marcação das entrevistas. Também foi a partir deste grupo que, acompanhei outros momentos coletivos já no novo endereço, ocorreram formas de convivência²³ presentes nos relatos do passado.

A partir do estudo e do desenvolvimento da metodologia foi possível construir a descrição, interpretação e análise, a partir das questões iniciais que fizeram parte da estrutura das observações e entrevistas, buscando a ampliação dos dados recolhidos nas diversas fontes que dialogaram, durante todo o tempo da investigação com o objetivo de descortinar a realidade possibilitando maior objetividade na pesquisa.

Final de 2003, os prazos para o início das sistematizações e análises se aproximam e a cada observação, entrevista ou contato, mais elementos e mais diferenças se apresentam concretizando o que havia já sido anunciado pela literatura: uma pesquisa nunca será conclusiva, pois a vida segue seu curso e a humanidade cria e recria seu

²¹ Campo do Gaelzer também conhecido como Campo da Padaria, Campo do Periquito, Campo do América e Campo do Santos.

²² Nos domingos de jogos amistosos o horário era sempre pela manhã entre às 9h e 11 h.

²³ A partir dos depoimentos do passado, procurei estar presente nos momentos que aconteciam no novo endereço como o galeto e os jogos.

cotidiano reproduzindo, reinventando e tecendo suas redes de sociabilidade e de significações.

Pretendi então, esclarecer determinados aspectos desta prática esportiva coletiva a partir dos diferentes lugares e tempos, investigando as diferenças nos processos de ocupação de território, no deslocamento para outro e no novo lugar de moradia e vizinhança. As relações dos indivíduos e dos grupos nestes dois tempos: o de ocupação²⁴ e o de reassentamento²⁵ na especificidade da prática do futebol e as possíveis relações desta com outras ações individuais e coletivas fizeram parte do eixo central do trabalho. As categorias de lazer, liderança, organização, subsistência, ações comunitárias e outras incorporadas na prática esportiva determinam semantizações espaciais dos grupos. Estas categorias revestem os espaços de sentido e significados criando verdadeiros universos sociais na escala reduzida onde ocorrem várias formas de relações sociais e produção simbólica.

Na busca de possíveis respostas ao problema da pesquisa, cheguei a tecer algumas considerações finais que serão apresentadas não como conclusões. Assim como anunciam as teorias uma tese não se encerra, se abandona, pois desde já sinto a necessidade de retomar e realizar outras indagações, abrir outras fontes de diálogo e, quem sabe participar de alguma ação coletiva naquele espaço, desvestida de todos estes cuidados acadêmicos que colaboraram para que eu me descobrisse um mestre de mim mesmo.

²⁴ Antigo endereço: Vila Campos do Cristal.

²⁵ Novo endereço: Condomínio Cristal.

4. DA POEIRA FEZ-SE AS GOLEIRAS

4.1. AS ORIGENS DO ESPAÇO ESTUDADO: A CIDADE E O BAIRRO

Foi necessário um acúmulo de estudos em domínios os mais diversos, como os da física e dos estudos ideológicos, para que o espaço deixasse de ser invisível, perdesse sua aparência de *dado imediato, postulado*, e se apresentasse como um constructo - portanto passível de análise e de uma atribuição de significados e significações tão variáveis quanto os contextos abordados (TEIXEIRA COELHO, 1997, p. 166)

O objetivo deste estudo, no campo da Educação Física, é buscar, a partir dos referenciais teóricos que desenvolvem estudos sobre conceitos de espaço, relações de apropriação, lugar e identidade, possibilidades de análise e interpretação do lugar da prática esportiva na vida que existiu no entorno dos campos de futebol, na Vila Campos do Cristal. Este objetivo associa-se a outro que é perceber as diferenças que podem existir entre a vida comunitária no entorno de espaços de prática esportiva e espaços sem esta prática. Para alcançar estas possibilidades de interpretação, as questões da cidade como um espaço cultural urbano de significações estará presente sem ocupar a centralidade, e sim como um cenário onde a ação esportiva acontece.

O eixo central deste capítulo está relacionado à ocupação do território no Bairro Cristal, pelos praticantes do futebol de várzea, transformando um espaço *baldivo*²⁶ em campos de futebol, demarcado por goleiras. Os significados desta ocupação anterior à construção das moradias e a vinda dos moradores para o entorno dos campos montam o cenário do período entre os anos 1960 e 1990 aproximadamente. Neste período o espaço investigado denomina-se Vila Campos do Cristal (parcela ocupada de forma irregular) e situa-se no Bairro Cristal na cidade de Porto Alegre.

²⁶ Espaço sem destinação específica, sem cercamento ou identificação.

A cidade, a partir do seu espaço físico e conjuntura situacional, servirá de pano de fundo, não como parâmetro para alguma análise, mas principalmente como elemento situacional do objeto em estudo: a Vila Campos do Cristal.

A intenção não é escrever uma história dos processos que originam as cidades, sua importância associada ao polo comercial que se estabelece em relação ao campo e a presença de várias camadas sociais que determinam práticas heterogêneas e sustentam a complexidade da *cultura urbana* (OLIVEM, 1985). O recorte histórico que pretendo introduzir relaciona-se ao contexto da intervenção pública no traçado urbano e pequenos contextos sociais datados do período de formação dos Campos do Cristal, no Bairro Cristal em Porto Alegre. O aspecto que auxiliará na composição do cenário, ambiente da questão estudada, refere-se à origem e desenvolvimento da cidade de Porto Alegre e do Bairro Cristal, até o início da década de 1960, que de acordo com os depoimentos, coincide com o período de início das atividades nos Campos do Cristal.

Porto Alegre torna-se Porto Alegre na metade do século XVIII, à beira do Guaíba como um assentamento provisório de colonos (PESAVENTO, 2001, p. 97). Um século mais tarde, depois de ser vila e já ter se transformado em cidade quando, conforme esta autora, na década de 60, recebe uma série de intervenções do poder público que redesenham a cidade. Neste período a principal intervenção acontecia no centro da cidade e assemelhava-se, aos processos de higienização das cidades europeias. Aqui a modificação justificava-se pela necessidade de retomar o centro da cidade que já havia sido nos anos entre 1940 e 1950 o ponto de encontro e lazer da sociedade porto-alegrense, e nos anos 60, sofria com a degradação acumulada nos vários becos, chamando a atenção para as práticas e classes sociais menos favorecidas financeiramente.

Os becos acumulavam situações que os colocavam na condição de sujos, feios e malvados. Para que a cidade garantisse a continuidade do seu processo de crescimento, estes becos foram abertos, transformados em ruas, além de outras grandes avenidas que começam a ser projetadas como artérias que oxigenariam o espaço urbano de Porto Alegre. Com a cidade crescendo, avizinha-se um processo de significação dos bairros, neste contexto de urbanização transforma-se o arrabalde em Bairro Cristal.

Com o livro completamente aberto, seguro de maneira a permitir que visualize a foto por inteiro. O livro, uma publicação da Prefeitura de Porto Alegre/SMC de título Memória

dos Bairros e a foto, uma imagem do Bairro Cristal descortinando bem ao centro o Hipódromo do Cristal e misturando as águas do Guaíba com as nuvens do céu. Encanto de imagem, encanto de livro, também pela sua importância neste trabalho.

Quase imediatamente percebo a pequena e ínfima parcela de território que faz a base territorial da investigação, sendo seu tamanho visível pelo atual telhado do hipermercado. Ali, exatamente ali na área total que inclui o grande estacionamento era o lugar dos Campos do Cristal.

De acordo com Oliveira:

A cidade de Porto Alegre, tem sua origem no processo de colonização, com a ocupação das terras pelos imigrantes que vieram conquistar terras no Novo Mundo. Os casais de açorianos desembarcaram em Porto Alegre, a viagem tinha o destino da região das Missões, entretanto os incrementos que deveriam vir do governo não chegaram e estes imigrantes fixaram-se nas terras que margeavam um lago. Em atividades rurais como o plantio do trigo, como trabalhadores de estaleiros na construção de barcos e também como soldados, tornou a freguesia de São Francisco do Porto dos Casais uma unidade demográfica emancipada de Viamão. (OLIVEIRA, 1993, p. 53)

No período dos anos de 1770, mais precisamente em 1772, Porto dos Casais tomou-se a capital do Estado e um processo de ocupação e urbanização inicia a organização dos espaços que concentravam as atividades de comércio e moradia localizados as margens do Lago Guaíba, onde surgem os primeiros traçados das ruas de Porto Alegre. As atividades de comércio e as moradias estavam então concentradas nesta área, e as áreas do entorno ainda tinham a característica de área rural. O arrabalde do Cristal, região localizada entre morros que margeavam também o Lago, antes de ser bairro fez parte de uma sesmária doada pelo governo imperial português ao Tenente Sebastião Francisco Chaves e foi batizado com o nome de Estância São José (FLORES, 1979).

A capital eleva-se à categoria de cidade em 1882, período em que as já bem definidas ruas abrem-se para o progresso: hospitais, igrejas, quartéis, Theatro São Pedro e outros prédios. A chegada de colonos alemães, italianos e espanhóis neste período já era uma realidade, ocupando outras regiões da cidade; entretanto, a região do Cristal (em

registro datado de 1839, aparece o morro já com o nome Cristal) ainda permanecia como área rural tendo em suas áreas pouquíssimas habitantes. Os imigrantes concentravam-se no centro e o comércio, incrementado pela condição de entreposto, é o que movimentava economicamente a cidade.

Além dos registros da sesmaria e do nome Estância São José, quando se torna um arrabalde o nome Cristal aparece nos anos finais da Guerra dos Farrapos. Com a Revolução Farroupilha, o crescimento estancou, pois o Rio Grande do Sul envolveu-se com os esforços de guerra. É desta época que vem os primeiros registros da origem do nome Cristal. Bento Gonçalves teria acampado com suas tropas na sombra da figueira que existe até hoje, preservada bem no centro do leito da Rua Curupaiti; O nome Cristal seria uma alusão a Vila de mesmo nome em Camaquã - residência de Bento Gonçalves. Esta é a primeira das três versões mais comentadas e registradas sobre a origem do nome Cristal para denominar o Bairro. Encontramos também depoimentos que dizem das águas cristalinas que brotavam dos verdes morros, vindo seus riachos a desaguar no Guaíba, assim como a registrada por Sanhudo (SANHUDO, 1979, p. 294).

O nome do lugar - Cristal - provém da invulgar estrutura nitidamente cristalina das terras, eivadas de pórfiros quartzos transparentes, que as escarpadas dos morros que o circundam oferecem com profusão. E é tal a quantidade, que os visitantes, mesmo de longe, até lá do outro lado do rio, identificavam o lugar pelo fulgor que os raios do sol [...] refletiam [...].

O Cristal, no final do século XIX, permanecia com sua função agrária, o plantio de trigo e arroz foi intensificado naquele período. Existem alguns registros de pequenas charqueadas cujo odor espalhava-se pelos riachos espantando a população daquela área pouco provida de urbanizações, sem transporte tomando-se de difícil acesso. Mesmo assim a cidade avança e os primeiros sinais de urbanização aparecem com a instalação da Hospedaria para Imigrantes, em 1891, localizada onde hoje é o Jockey Club. Nesta hospedaria ficavam os imigrantes que vinham de Santos para ali se encaminharem às suas terras. Aproximadamente em 1899, parte das 3ª instalações foram requisitadas para alojar o Batalhão de Infantaria da Brigada Militar. A Estrada de Ferro também contribuiu para que a região fosse pouco procurada pelos porto-alegrenses, pois nela eram transportados os cubos de dejetos que eram trazidos para o Asseio Público e por um trapiche na Ponta do Melo, eram despejadas às margens do Guaíba.

O marco divisor que diferenciaria o arrabalde de bairro, foi a inauguração do Hipódromo do Cristal em 1959, o Prado como era também conhecido fora, durante um longo período localizado no atual Parque Moinhos de Vento. Naquele período o centro da cidade já dava sinais de estrangulamento e as intervenções no espaço urbano iniciavam a abertura de grandes avenidas como a Avenida Ipiranga. O lazer caracterizava-se, no centro de Porto Alegre, em torno dos cafés e cinemas estes últimos tem sua fase de crescimento nos anos 50. Com os imigrantes europeus, inicialmente os alemães, a cultura de clubes, associações recreativas e ginásticas ganham força, ampliando as possibilidades de lazer em Porto Alegre que tinha no turfe, no ciclismo e nas regatas suas principais práticas esportivas e de lazer (DAMO, 2000).

Com o processo de crescimento da cidade, com a abertura dos becos no centro da cidade e a necessidade de abrir espaço para as grandes avenidas, contingentes de pessoas buscam outras áreas para moradia incrementando um processo de ocupação das regiões periféricas, seja de maneira formal ou informal. Porto Alegre, como outras capitais, também dá sinais de aumento na densidade demográfica recebendo migrações do interior que veem no processo de industrialização a esperança de emprego e moradia, e chegam na cidade para trabalhar nas fábricas.

Verificamos que é neste período que planos nacionais de habitação buscam garantir ao trabalhador a conquista da casa própria e as chamadas Vilas Operárias ocupam as áreas dos bairros mais afastados do centro. Esta realidade da cidade moderna e em desenvolvimento convive com outra cidade que é da ocupação irregular de áreas ociosas próximo às possibilidades de emprego, no caso do Cristal: na fábrica de garrafas térmicas, na fábrica de massas, na fábrica de navios e na construção do Hipódromo. Parece que o Estado, naquele período, também aposta no desenvolvimento econômico a partir do processo de industrialização, não impedindo a formação dos loteamentos clandestinos e as sucessivas invasões que ocorreram também no Cristal, próximas aos locais já destacados. Porto Alegre não poderia ser diferente dos grandes centros de desenvolvimento e já nos anos 60 convive com a cidade formal e a cidade informal.

A Vila Campos do Cristal nasce desta conjuntura nacional e local, entretanto, seus primeiros moradores, além de serem trabalhadores das fábricas, do Estaleiro e do Hipódromo, possuem uma outra característica que os particulariza: eles participam do futebol de várzea. Junto aos muros do Hipódromo, em frente ao Estaleiro Só, na várzea

do Cristal localizam-se seis campos de futebol e, nos anos 60 inicia uma ocupação com a construção de moradias no entorno dos campos.

Em Porto Alegre, no mês de agosto de 1961, vive-se o Movimento da Legalidade; anos depois em 1964 o regime militar promove os "Anos de Chumbo" e no início da década de 1970, é aprovada a Lei de proibição de casa de jogo no Brasil (PMPA/SMC, 2003, p. 60). Nos Campos do Cristal a atividade em torno do futebol de várzea aumentava, com uma Liga aonde chegaram a participar 87 times. Em um dos depoimentos o antigo Presidente da Liga Sr. Evaristo conta que havia um acordo com a censura que possibilitava o funcionamento dos jogos em estabelecimentos (bares e casas noturnas) que comprovadamente apoiavam algum time de futebol de várzea. Neste depoimento ele afirma ter sido este acordo um grande incentivo às atividades do futebol de várzea, nos Campos do Cristal.

[...] naquela época tinha muito time, As de Ouro, Santo Alfredo, Divisa, Praça XV, União [...]. A Liga tinha um acordo com a censura, que dava alvará para as casas de jogo (carta e osso) que tinham time e ajudavam nas despesas. [...] eram os estabelecimentos que ajudavam os que podiam explorar o jogo. Era bom, funcionava. Aí tinha muitos times. (Depoimento de E., 2004)

Nessa região, naquela época, havia muitos cabarés que tinham nos marinheiros ou trabalhadores do porto seus principais frequentadores. Discotecas e bares tiveram nos anos 80 uma boa parcela localizada na área. Estas informações foram retiradas de trabalhos acadêmicos e livros de história da cidade, o que torna verossímil o depoimento do antigo presidente referindo-se às casas de jogos.

O esporte aparece no bairro Cristal a partir de diversas práticas, como o automobilismo, desde o tempo do Circuito do Cristal, passando pelo turfe no Hipódromo e pelo futebol de várzea além dos esportes náuticos com a fundação do Clube Veleiro.

Nos anos 90, consolida-se a eleição no Brasil, que põe fim ao bipartidarismo e em Porto Alegre, para administração da cidade, é eleito o Partido dos Trabalhadores. Neste período inicia a construção de um novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental. Para mais uma transformação da metrópole, sob os conceitos que pautam o desenvolvimento ambiental sustentável e com os princípios da ecologia, configura-se a Retificação da Sanga da Morte na Avenida Chuí o que não é possível com a manutenção

dos Campos do Cristal e sem o saneamento do seu entorno. Assim inicia o processo de desocupação da área.

Os registros sobre a prática do futebol aparecem exclusivamente nos depoimentos e em matérias jornalísticas e datam da década de 1960, aproximadamente. A localização dos campos do Cristal era entre o Estaleiro e o Hipódromo, área anterior da Hospedaria (1890) o que pode significar que este espaço de prática do futebol tenha uma história mais antiga já que em muitos registros da história do futebol os imigrantes também contribuíram para a difusão deste esporte no país.

5. A HISTÓRIA ENQUADRADA

Exatamente quando esta várzea se transformou em campo de futebol não podemos precisar, entretanto; a análise da formação deste bairro permite inferir que foi bem antes da formação da vila no entorno dos campos. Pelos depoimentos dos moradores mais antigos os trabalhadores das fábricas, do Hipódromo e do Estaleiro, já faziam do futebol o que Dumazedier categorizou como lazer, ou seja, no tempo livre fora do tempo do trabalho praticavam esta atividade nos intervalos do almoço e em finais de semana.

A história oficial da cidade e da formação do Bairro Cristal pouco ou nada revela sobre a prática do futebol de várzea na região. Entretanto, nos depoimentos colhidos para reconstrução da formação da Vila Campos do Cristal o espaço dos campos aparece inscrito fortemente nas memórias a partir dos relatos de fatos cotidianos. A lembrança dos tempos de atividade dos campos de futebol aparece recoberta de significações vinculadas ao prazer, ao convívio e aos momentos de festa, até mesmo as recordações que dizem respeito aos conflitos e brigas (o que é comum em se tratando de futebol), vem revestidas de um ar de satisfação e de um sorriso no rosto quando por mim eram chamados a relembrar os acontecimentos.

As histórias que compõe a centralidade dos depoimentos revivem momentos de pertencimento, onde a vizinhança era reconhecida como vizinhança não apenas por posição geográfica das moradias, mas também pela participação nas atividades nos campos de futebol. Podemos, a partir do depoimento de Evaristo, que nunca foi morador da Vila Campos do Cristal, que vivia e vive até hoje na Vila Cruzeiro (situada em morro próximo aos campos), perceber de que forma a prática do futebol naqueles campos contribuía para isto:

[...] fomos numa excursão para Torres, ninguém se conhecia foi no jogo e depois dele que tínhamos o que falar. O futebol é um meio de comunicação. Ele tem o poder de fazer as pessoas se comunicarem.
[...] naquele tempo do futebol e dos campos nós éramos

reconhecidos. Eu atravessava o Morro e as pessoas se reconheciam, hoje depois de morar mais de trinta anos na Vila Cruzeiro em cada esquina tem um revolver perguntando qual é. Antes entrava nas vilas e era conhecido, por causa do movimento dos campos, dos jogos. Se não fosse o futebol éramos uns animais, ele nos socializa. (E. 2003)

Neste depoimento a resposta de Evaristo buscava explicar as diferenças de convivência que ele percebia entre o período de atividade nos campos de futebol e os dias de hoje. Notamos que parece pouco importante os índices de aumento da violência nas cidades, no momento em que pensa nas diferenças o que permanece intenso é a sensação de ser reconhecido no pedaço e o lugar do espaço dos jogos como *um lugar* onde todos se reconheciam.

Para reconstruir este passado, os colaboradores mais velhos lembram de acontecimentos ligados à vida adulta e à mocidade (estando atualmente na faixa acima dos 60 anos). No entanto, também encontramos memórias da infância daqueles (com idade entre os 20 e 30 anos) que cresceram no espaço dos campos de futebol.

Mesmo que bordados pela saudade da juventude, os depoimentos demonstram claramente que o espaço dos campos, de forma significativa, materializa vários momentos do cotidiano para além do jogo de futebol. Para os mais velhos os bailes e os namoros que aconteciam nas sedes dos times; já para os mais jovens as brincadeiras e os jogos que aconteciam no espaço dos campos são algumas das lembranças mais comuns nos depoimentos. O espaço dos campos era ao mesmo tempo pátio, praça, clube e associação além de ser um espaço de prática esportiva.

O depoimento de Evaristo, morador das proximidades, na Vila Cruzeiro, demonstra que a movimentação esportiva abria outras possibilidades de convivência: "[...] Ah! Tinha baile e tudo nas sedes. E era movimentado mesmo. A gente ia com direito a tudo. Sou casado a mais de trinta anos e eu e minha senhora nos conhecemos num dos bailes na sede" (E., 2003).

Durante a entrevista Evaristo lembra de outros episódios que além de simplesmente se transformarem em boas lembranças, marcaram definições importantes em sua vida colocando o espaço dos campos como um mundo de significações.

As cidades, a despeito das várias intervenções no traçado urbano, convivem com espaços singulares, geralmente transitórios relacionados com zonas de conflito, pobreza ou como "espaço físico confuso e ambíguo onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo" (DA MATTA, 1987, p. 49). Assim era o espaço onde o futebol, no terreno da várzea, aparece no Bairro Cristal. Os alagamentos eram constantes e durante as entrevistas uma das poucas lembranças desagradáveis dos tempos de moradia no entorno dos campos eram os alagamentos. As expressões utilizadas referindo-se ao espaço alagado pode ser exemplificada a partir de uma das idas ao campo durante um chimarrão com as vizinhas Vera e Lili em 17 /11 /03:

[...] a única coisa ruim é que lá alagava. (o que imediatamente foi completado pela vizinha): [...], mas aqui também alaga! (Ela reside, no novo endereço, em uma das esquinas de maior declive e foi necessário realizar uma obra reparadora para conter as águas da chuva).

Segue a foto:

FOTO 4: CAMPO DO SANTOS



Fonte: Marjorie Matheus

Os alagamentos, condição previsível em se tratando de terreno de várzea, receberam outras explicações como a que destaco em uma das entrevistas com um dos moradores que fundou a Vila Campos do Cristal. A visão dele sobre a situação dos alagamentos, principal fonte de descontentamento com relação ao espaço físico da Vila,

identificado por mim como outro sinal de que o espaço dos campos se constituiu como referência simbólica de uma vida da qual sentem saudades e que as adversidades do terreno eram vistas como menores e menos importantes do que as vivências e convivências, é a explicação que ele dá aos alagamentos:

Tudo assim quando chovia ficava assim ó, mas sabe qual é que foi o problema é eles... até falei com o Doutor Armando, sabe, que é o gerente do... do DEC, até teve aqui esses dia, fazia muitos ano que eu não via ele, eles vão...aí esse senhor morava bem perto ali do portão do Prado sabe e eles pra limpa... e os nosso esgoto era emendado com o esgoto do Prado, só que tava entupido e eles chegaram e botaram uns sacos de areia, sabe, nos cano... que vinham nosso esgoto pra pode limpá os esgoto do Prado, sabe.

Segue o relato:

Só que eles limparam o esgoto e não tiraram os sacos de areia ali, sabe, aí quando chovia ficava assim ó, aí esse senhor falô, Seu Orlando, nós tava tomando chimarrão eu e minha senhora quando vimo eles botando saco de areia ali dentro da, do... daquele esgoto ali Seu Orlando, mas não tiraram, ar eu fui lá conferi, né, tirei a tampá. tava com sacos até em cima de areia e aquilo era pra bloqueá o esgoto nosso que vinha pra ali, sabe. (O., 2003)

As crenças, as normas morais e os valores culturais, assim como as transformações sofridas no processo histórico, afetam a relação entre antigos e novos moradores e de certa forma o entorno modificado e muitas vezes irreconhecível devido a rapidez dos dispositivos ocupacionais, modificam freneticamente a distribuição espacial no local (KUNHEN, 2000). A explicação dos sacos para dizer dos alagamentos constantes e previsíveis naquela geografia de várzea demonstra que aquele espaço preenchido de significados culturais estava inscrito na memória como um espaço que só alagava propositadamente por aqueles que disputavam o território.

As lembranças da formação da vila vêm sempre carregadas de informações e vínculos com o espaço dos campos de futebol. Todos os depoimentos corroboram esta versão que tem na década entre 1950 e 1960 o período de ocupação da área. Se analisarmos a história oficial da transformação do arrabalde em bairro, a conjuntura

nacional e local do processo de industrialização e a forma de ocupação de áreas de forma informal é possível e verossímil que o recorte temporal esteja corretamente localizado pelos depoimentos. Considerando a conjuntura nacional e local, tanto do processo de industrialização (abordado no capítulo anterior) quanto ao que se refere ao contexto da prática do futebol de várzea (tema que será desenvolvido nos próximos capítulos) a formação da Vila Campos do Cristal descrita neste trabalho encaixa-se como uma peça no quebra-cabeça.

Dentre os moradores, havia aqueles que trabalhavam no Estaleiro Só, outros eram operários das fábricas de massas e da fábrica garrafas térmicas e muitos profissionais de serviços gerais como hidráulica, elétrica, pintura e também em empregos "na noite"²⁷ (expressão utilizada por eles, para definir os que trabalhavam em motéis, bares ou casas noturnas), ou seja, trabalhadores das classes populares. Muitos deles, a exemplo de Orlando trabalharam nestas empresas e, ao surgir o desemprego por falência ou por demissão transformaram-se em profissionais de serviços gerais. Alternativa ainda possível nos dias de hoje para aqueles que tem como constantes períodos de desemprego e precisam sobreviver.

Outra característica particular de alguns dos primeiros moradores da Vila Campos do Cristal é o vínculo com o futebol construído a partir da vivência profissional do futebol. A atividade nos campos começa a ser fortalecida pela presença e conseqüente trabalho de articulação dos jogos e torneios pelos ex-jogadores de futebol de clubes profissionais. O caso de Orlando Silva exemplifica estas duas situações. Decidido a jogar futebol profissionalmente, Orlando desde os quinze anos buscou uma colocação, treinando e jogando em vários clubes. Sua maior experiência foi junto a um clube de Santa Catarina, lugar onde casou e teve possibilidade de sustentar-se como jogador profissional. Após a perda do lugar nesta equipe, ao retomar a Porto Alegre, Orlando fez curso de soldador e passou a trabalhar no Estaleiro Só, no Bairro Cristal. A frequência dos jogos nos campos aumentou e Orlando faz parte do grupo que além de jogar uma pelada nos intervalos do trabalho também passa a organizar e estruturar o espaço do Campo do Farroupilha. As atividades nos campos eram frequentadas por ex-jogadores, jogadores de futebol de

²⁷ Expressão utilizada por eles, designando aqueles que trabalhavam em bares, boates, casas noturnas e motéis.

várzea, trabalhadores e torcedores apaixonados que seguiram por muitos anos ocupando os campos e alguns construindo sua casa no entorno do campo ou em suas proximidades.

No contexto investigado, é a partir da estética espacial do futebol que a vila vai se formando, sem ocupar os campos, as moradias começam a ser construídas no seu entorno. Verificamos que a ocupação acontece distante alguns metros da linha lateral do campo e com o passar do tempo forma-se um a outra linha de casas em um a das linhas finais. Provavelmente por possibilidade geográfica do terreno, entretanto, à primeira vista percebemos que esta ocupação acontece à semelhança de como se situam as torcidas, estrategicamente em lugares diferentes ao longo das linhas laterais e finais. A diferença marcante na Vila Campos do Cristal é que a torcida está acomodada em casas e não em arquibancadas.

A situação de moradia envolve outros aspectos fundamentais de sobrevivência, mas mesmo assim, o discurso, o relato de todos é que os campos estavam lá primeiro. O primeiro aspecto a caracterizar aquele espaço físico foi o futebol, sendo esta prática construtora de identidade espacial, pois não se tratava de um empreendimento imobiliário onde a área esportiva geralmente é um dos carros chefes do marketing, tampouco a área tinha a interferência do poder público que só reivindicou a posse quase trinta anos depois. Talvez para alguma outra interpretação, os campos funcionassem para mascarar a ocupação. Para mim o que interessa destacar é que por um ou outro motivo parecia ser a prática do futebol a centralidade não só físico-espacial como da própria ação coletiva.

A partir da prática do futebol, aquela com unidade apropriou-se do território e com a ação humana o território transformou-se em lugar de significados. Como consequência, não seria exagero dizer que a prática do futebol é o que dá significado ao espaço e fortalece o processo de apropriação na Vila Campos do Cristal. Assim, o espaço da prática do futebol parece ser parte de sistemas que constituem a identidade, estabelecendo também relações de pertencimento com os moradores seja de forma simbólica, seja como moldura física destas relações.

De qualquer lugar que se esteja falando, por certo não se podem negligenciar as propriedades intrínsecas e contextuais de um espaço quando se busca compreender o processo de identificação com ele. Jodelet (1982), em seu estudo acerca da representação espacial da cidade de Paris, mostra que esta se fixa em torno das significações sociais do ambiente ou clima social, do valor simbólico dos lugares. Estas

vão determinar os conhecimentos e as preferências ambientais, assim como as escolhas residenciais. É claro que no caso da escolha residencial esta é atravessada por outras questões que não são objeto deste estudo, entretanto gostaria de chamar a atenção para um dos aspectos que determinou a escolha de moradia na Vila Campos do Cristal num processo de ocupação de território.

A movimentação nos campos cresce e a organização precisa ser qualificada assim as lideranças das equipes de futebol iniciam uma aproximação com o governo municipal para garantir a permanência no espaço dos campos. Além da conjuntura explicitada anteriormente, a ocupação do território é lembrada por Orlando como algo consentido pelo poder municipal (cuja propriedade da área foi requisitada quase trinta anos depois) e tem neste depoimento explicitado desta forma:

O prefeito disse: Orlando, pode ocupar os campos, só não pode invadir o Hipódromo [...] aí eu dizia: ó deixa quatro metros ao redor do campo e pode ocupa e assim foi só não podia invadi o muro do Prado, né, tá então com o tempo as pessoa iam perguntando, Seu Orlando dexa eu fazê uma casinha ai, sim mas só não faz dentro do campo nem atrás do muro do Prado, pode fazê a redor, qué dizê que aquela família já trazia outra, já vinha trazendo as otra, entendeu, quando viu fico quatrocentas família lá e nós tava morando lá, então os baseado campo foram acabando, sabe, e ali na... todas as pessoas respeitavam, é, inclusive o nosso lá que era seis, entende, é não é, nisso que eles pediam pra mim e eu já dizia, não vocês podem fazê a casa de vocês, porém não façam dentro do campo, né... afasta-se uns o quatro ou cinco metro, né... e não ultrapassa o muro do Prado [...]. (ORLANDO, 2002)

Esta resposta aparece na entrevista quando estamos conversando sobre a existência ou não de contratos ou regras para a ocupação e construção das moradias. A recorrência de respostas cuja chegada naquele espaço foi depois de ter participado das atividades nos campos é muito significativa. Já na fase inicial dos depoimentos, ao indagar sobre a chegada na Vila Campos do Cristal eles citavam o jogo, o pai que jogava, o marido que veio cuidar do campo. Destaco o depoimento de Eva Saiser, uma das moradoras mais antigas dos Campos do Cristal que hoje mora no Condomínio Cristal:

"[...] primero veio meu marido que era responsável pelo campo, depois ele trouxe nós e os filhos" (Eva, 2001).

Até o final dos depoimentos isto se confirmou e foi corroborado por muitos. Com o passar do tempo e dos jogos as atividades foram aumentando a frequência e a necessidade de qualificação da estrutura, pois todo o final de semana se repetia, fazendo com que os materiais de jogo e churrasco fossem deslocados para que acompanhassem esta movimentação. Eram campos de futebol que aos sábados e domingos ganhavam um colorido de gente avistado por quem passasse de ônibus, carro ou caminhando. Alguns carros estacionavam por perto, puxando lonas para o descanso à sombra. A movimentação foi crescendo e a organização dos grupos foi sendo localizada de acordo com o campo onde jogavam melhor dizendo, cada campo era mantido e cuidado por um time que por sua vez tinha um responsável pelo campo. Os times foram aos poucos criando um espaço de convivência que necessitava de uma sede para abrigar as atividades. Num espaço ora de poeira, ora de alagadiços fez-se goleiras e estas demarcaram os limites entre o público e o privado daquela comunidade. A presença do futebol estava marcada, as moradias foram construídas entre um muro e o campo e este nunca tinha sido invadido tendo suas sedes preservadas.

Talvez possamos interpretar de outra forma O espaço de jogo foi preservado pela presença forte de uma liderança; para alguns o xerife do espaço, valendo-se da lógica do poder autoritário por parte de lideranças como Senhor Orlando - cuja liderança exercia um papel de mediador e, que falava mais alto quando alguém desrespeitasse o contrato (não havendo nenhuma documentação oficial por se tratar de uma ocupação irregular). Entretanto mesmo sendo assim, é o futebol que possibilita e dá significado à existência do cargo xerife. As intervenções no espaço também aconteciam a partir dos participantes, auxiliadas em alguns poucos aspectos por políticos ou pela prefeitura o que era feito ou modificado no espaço também correspondia às representações daqueles que eram os atores sociais da prática esportiva.

[...] Nós mesmo fazia a manutenção... conseguia as máquina emprestada pra alguém... onde tinha grama alta nos cortava... vinha as máquina até da prefeitura... mas nós mesmo cortava... eles emprestavam e nós fazia o serviço... marcação... todo, era tudo com nós. (A. 2003)

Não se podem negligenciar as propriedades intrínsecas e contextuais de um determinado espaço quando se busca compreender o processo de apropriação. Estas servem num primeiro momento, para classificar o quadro físico em questão, seja ele familiar, de trabalho ou de lazer. Outro passo é classificar os acontecimentos de aproximação duráveis e passageiros e, por último, verificar o grau que se encontram outros indivíduos presentes no processo de apropriação. Nesta categorização dos quadros físicos será também de grande importância a natureza dos fatores normativos implicados, assim como seu papel em relação à apropriação do espaço. A questão do espaço como expressão reveladora das cognições de identidade poderá quem sabe ressaltar o lugar da prática esportiva no modo de vida daquela comunidade.

A prática do futebol de campo tornou-se a *moldura física* daquela comunidade, seria impossível desenhá-la sem que os campos fizessem parte da *paisagem*. No esboço do seu contexto, os campos fazem parte do sistema de significados daquela comunidade como podemos inferir mesmo que inicialmente, a partir dos relatos e observações acerca do seu modo de vida.

Até este momento, as questões da territorialidade de um espaço esportivo parecem relacionar-se com um modo de vida e apontam a possibilidade de que os espaços esportivos forjem relações em outras áreas da vida cotidiana que simples ou puramente ocupem um espaço de lazer. Esta territorialidade do espaço esportivo pode estar mais profundamente vinculada à construção de identidade do que seja uma forma de compensação ou alienação como já enunciaram inúmeros trabalhos sobre a prática esportiva.

Na década de 1970 a Vila que se formara no entorno dos campos sem estrutura de água e luz públicas, constituía uma parcela da cidade informal sendo abastecida de água pelo Hipódromo, cujo cercamento feito por um muro era um dos limites do território da vila. Alguns bicos de luz iluminavam os casebres que ainda iriam aumentar sua quantidade estendendo-se pelas margens do *valão* que deságua no Guaíba. O nome Vila Campos do Cristal surge após a ocupação já ter número significativo de moradias. Quando indagados sobre a origem do nome da Vila, a justificativa aparece inicialmente vinculada à necessidade de localização dos endereços já que na região convivem

dezesesseis vilas²⁸ (dado numérico extraído de material publicado pela PMPA/2004). Assim mais uma vez podemos verificar que o espaço dos campos está presente, de forma significativa, até na denominação do endereço. As casas construídas não possuíam uma numeração sequencial e tampouco as ruas e acessos no interior da vila tinham identificação. As entregas do correio, por exemplo, chegavam ao espaço Vila Campos do Cristal e eram deixadas no bar ou na casa de um dos presidentes da associação e estes faziam chegar ao destinatário. A identificação de endereço era estabelecida pela Avenida Diário de Notícias e Vila Campos do Cristal.

FOTO 5: VILA FOZ DO CAVALHADA -EXEMPLO DE ACESSOS



Fonte: Foto feita pela autora

Análises que tratam do espaço colocam a questão das origens e do desenvolvimento do apego firmando-se sobre a análise da influência de um ou outro fator como a vizinhança, as recordações do passado, a proximidade, o ambiente físico que pode ser mais do que um contexto, as características físicas podem ser um fator relevante como já indicam alguns trabalhos como o de Kunhen (2000), na Ilha de Florianópolis. Desta maneira percebo a vida no espaço físico dos campos de futebol como um dos

²⁸ Dado numérico extraído de material publicado pela Prefeitura de Porto Alegre em 2004. Nota-se nesta publicação que a Vila Campos do Cristal já não foi citada entre as dezesseis vilas confirmando a reflexão da historiadora Pesavento de que a cidade apaga os vestígios do seu passado, seja nas transformações dos lugares, seja na memória oficial.

aspectos constitutivos da identidade daquela comunidade. A partir da análise do espaço esportivo investigado percebemos a relação destes aspectos que estão entrecruzados com outros aspectos da vida cotidiana.

O espaço dos campos de Futebol na Vila Campos do Cristal, por manter cotidianamente as atuações descritas anteriormente pode ser caracterizado como um *espaço de mediação* entre a casa e a rua (DA MATTA, 1987, p. 51-66), um espaço de significações que abarca um comportamento de acordo com esta esfera de significação. Estas relações cotidianas e permanentes de mediação embebidas de significados, na Vila Campos do Cristal aconteciam muito no espaço dos campos já que a rua era os campos. Na conformação da vila os pátios eram exíguos, as ruas estreitas não possibilitando a maior parte das brincadeiras e jogos então eram realizadas dentro ou no entorno dos campos de acordo com a possibilidade, pois, a objetivação primordial do significado era conferida pelos times e seus jogos. Entretanto, mesmo sendo a objetivação prioritária, com certeza não era a única. Neste entorno também se reuniam jovens e adolescentes num tipo de convívio que observamos em praças e esquinas da cidade. Lá a esquina era no lugar do escanteio e o espaço proporcionava momentos de comunhão, conflito e como espaço de mediação permitia outros hábitos que serão descritos mais adiante.

FOTO 6: CAMPO DO SANTOS DURANTE A SEMANA À TARDE



Fonte: Marjorie Matheus

O conceito de apropriação pode permitir compreender a intencionalidade de certas práticas sociais e as modalidades da relação que os sujeitos estabelecem com o espaço físico e social.

A identidade inclui dimensões de lugar e de espaço que agrupadas constituem a identidade de lugar. A identificação se efetivará se ele tiver um sistema conceitual organizado do que representa o objeto em questão. A mudança de endereço pode provocar uma sensação de estranheza perante sua nova casa, e terá elementos que demonstram a sua marca. Isso demonstra que o espaço não tem um sentido somente funcional, ele é resumo de experiências na vida pública e privada.

A identidade é então vista como um fenômeno dinâmico e que está em constante evolução e não se configura como o resultado automático das experiências, mas uma construção onde o sujeito tem papel ativo, onde a relação entre a qualidade da experiência residencial e o investimento afetivo oportuniza o surgimento do sentimento de apego e pertencimento. Santos (SANTOS, 1985, p. 1) acentua que o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas.

Considerando a argumentação até aqui desenvolvida, entendemos a Vila Campos do Cristal como um lugar com características de *pedaço*: uma vila na periferia de Porto Alegre com forte identificação com a prática do futebol no seu espaço físico e, inicialmente podemos verificar também no seu sistema de significados já que a sua denominação oficial carrega o espaço no nome – Vila Campos do Cristal.

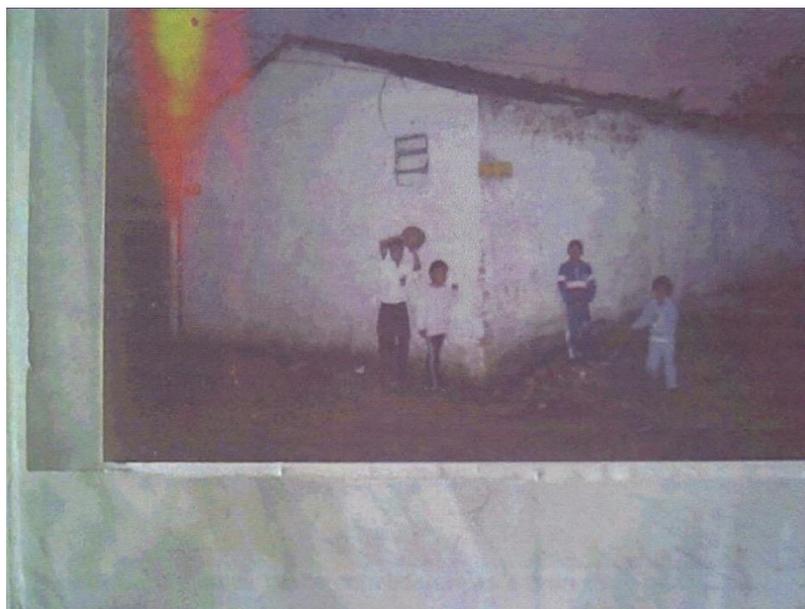
A paisagem que era vista aos domingos, já descrita no capítulo inicial, sintetiza um sistema de ações que ocorria nos campos. A organização dos times, a participação da comunidade nos campos e nas sedes e como se relacionam neste universo estarão aqui sendo descritas.

Nos anos 80, as sedes dos times já funcionavam como referência social da vila; ali aconteciam missas, cultos, churrascadas, pagode, aula de alfabetização e articulações das mais diversas; a subsistência das equipes vinha da ajuda de políticos, instituições assim como do trabalho voluntário dos próprios participantes das associações. Na sede do time Farroupilha funcionava a creche diariamente além das atividades mencionadas anteriormente, o que permite verificar a importância dos espaços do futebol e sua relação com outros aspectos da vida daquela comunidade. A creche, não possuía nenhuma

estrutura especial, acontecia da seguinte forma: havia uma senhora da comunidade que cuidava de crianças pequenas e utilizava o espaço da sede para isto, segundo relatos o desejo da comunidade era de conquistar uma creche municipal a exemplo do que havia ocorrido com a escola que funcionava em um dos campos cedidos para isto.

Mesmo que possamos verificar as diferenças entre os universos do futebol anônimo e do futebol profissional, alguns aspectos destacados por Toledo (2000, p.138), que entende a sede das torcidas organizadas como espaço de sociabilidade auxiliam na análise, pois apesar de "vivenciarem o futebol de maneira descomprometida", existe um projeto coletivo mesmo que este não se refira a "inserção no universo profissional", é maior do que a simples comunhão no tempo de jogo (TOLEDO, 2000). A exemplo das sedes das torcidas organizadas, as sedes dos times na Vila Campos do Cristal, em menor escala talvez, também materializam o nível de organização e servem como residência para alguns que vivem o cotidiano do futebol e das sedes que abrigavam outras atividades comunitárias. As sedes e os campos "constituem uma dimensão espacial" (TOLEDO, 2000, p. 37), da vida na Vila Campos do Cristal, o fato daquela comunidade não se caracterizar como uma torcida organizada, não retira a importância desta dimensão no modo de vida já que os espaços tanto das sedes, como dos campos eram ocupados diariamente. O time mais antigo, o Farroupilha, fundado por ex-jogador de futebol, é o primeiro a ter uma sede (conforme figura 6)²⁹, o que demonstra o nível de organização da equipe. Além da sede, toda uma estrutura de funcionamento já fazia parte dos jogos.

²⁹ Esta foto, assim como outras do álbum do morador Orlando Silva, foi fotografada em um álbum de recordações. Portanto sua qualidade visual está comprometida. Meu objetivo é registrar, além da foto, a existência deste álbum que é mantido junto com outros objetos relacionados ao futebol da Vila Campos do Cristal.

FOTO 7: SEDE TIME FARROUPILHA

Fonte: Foto do álbum de Orlando feita pela autora

Na Vila Campos do Cristal, o primeiro presidente do time Farroupilha, foi também o primeiro presidente da Associação de Moradores. E, outros também ocuparam os dois cargos, o que demonstra a inserção das lideranças do futebol na comunidade, tendo suas funções mais ampliadas do que apenas a articulação do futebol. Os presidentes da comunidade ocupavam-se das questões de que as associações de moradores cuidam: habitação, serviços e reivindicações estabelecendo diálogos com políticos, prefeitura e empresários para viabilizar ações, auxílios, serviços. Conforme figura 8, podemos verificar as lideranças da Vila que tratavam de assuntos gerais com o então prefeito de Porto Alegre³⁰.

³⁰ Na foto colocada em uma moldura está registrado um destes momentos onde as lideranças encontram-se com o então prefeito Tarso Genro para tratar da situação da Vila e da Escola.

FOTO 8: FOTO EMOLDURADA COM LIDERANÇAS E PREFEITO

Fonte: Foto feita pela autora

A partir destes contatos os presidentes conseguiam os fardamentos, alguma ajuda em material para a construção ou ampliação das sedes, cal para marcar o campo assim como medalhas e troféus. A história da fundação dos times não foi priorizada na pesquisa, pois a formação da vila colocou-se como o centro da investigação, mas a partir dos depoimentos podemos verificar a existência de mais do que quatro times (os que deram origem aos campos) que serão mais bem descritos nos próximos capítulos.

O Farroupilha é lembrado também pelas festas na sede como também pelas excursões. Estas últimas merecem alguma atenção, pois além do futebol estabelecer relações entre os moradores do entorno e as equipes que vinham jogar, também o deslocamento para o interior do estado ou litoral possibilitava a conexão com outras redes de sociabilidade.

Conforme depoimentos verificamos que as diretorias, sendo boa parte das lideranças da comunidade, se revestiam da responsabilidade de promover esta vida social e que o futebol não acontecia somente no horário do jogo aos finais de semana. Esta atividade consistia, segundo outra antiga moradora “[...] um verdadeiro turismo”, “[...] conheci o Rio Grande naquele tempo” (E.S., 2003). A participação da comunidade era bastante significativa nas atividades e nas promoções, quando indaguei sobre a existência ou não de conflito entre moradores não adeptos da prática de futebol, a lembrança da grande reclamação era com relação as bolas nos telhados ou janelas causando descontentamento entre aqueles que eram atingidos e tinham, com isso,

prejuízo. Outra parcela, que parece ser menor, conflitava em torno das brigas e “junção” em dias de jogos mais calorosos. Como testemunham, a grande maioria ou estava envolvida diretamente ou tinha algum filho ou parente ou amigo envolvido o que fazia com que este também frequentasse as atividades.

Ah! Com certeza... noventa por cento era que gostava... participava... quem não jogava tinha os filho que tavam jogando ou iam começa a joga... tavam sempre lá ao redor do campo dando apoio. (A., 2003)

As crianças estão presentes em todas as atividades e na Vila Campos do Cristal acontecia também escolinha de futebol viabilizada pela Secretaria de Esportes através do Projeto Em Cada Campo uma Escolinha que articulava junto as lideranças este trabalho com a promoção de várias ações específicas para as crianças e adolescentes, contribuindo para o fortalecimento da prática do futebol de várzea. Sob a orientação dos profissionais da Secretaria de Esportes um responsável da comunidade ministrava a escolinha de futebol. As promoções com certeza estavam ligadas ao futebol, entretanto esta parceria entre a Vila e a PMPA possibilitava a vivência em outros momentos de recreação e lazer, além daqueles do futebol. Outros órgãos públicos municipais, como a Secretaria da Cultura, realizavam intervenções temáticas como oficinas de cinema e vídeo, por exemplo, e a escola local, com certeza, desenvolvia outras tantas. Enfim, o espaço dos campos abrigava uma intensa ação humana e representava um espaço significativo no cotidiano da Vila Campos do Cristal.

No início da década de 1990, um dos campos de futebol cede terreno para abrigar uma escola municipal³¹. O campo de futebol era então administrado pela equipe do Vila Cristal e Botafogo, cuja diretoria e maioria de jogadores eram policiais civis. O campo foi requisitado para transformar-se em uma das conquistas da Associação de Moradores, uma escola. Alguns anos de funcionamento e o processo de Retificação da Sanga da Morte anunciam que outras transformações ocorrerão naquele espaço. Ao iniciar a questão da necessidade de desocupação da área, os moradores ainda lutavam pela permanência no lugar, argumentavam que a municipalidade deveria resolver o problema do alagamento e qualificar as estruturas como os campos e a vila de maneira geral. Quando a permanência estava descartada, a nova área passou a ser o conflito onde a

³¹ Ver em anexo reportagem jornal Zero Hora, 17/09/93 que trata de registrar esta situação.

discussão sobre a manutenção de campo de futebol e sede obrigou a realização de uma série de reuniões entre a comunidade (que buscou reforço na Secretaria de Esportes) e as secretarias e departamentos da municipalidade (SMOV, SPM, DEMHAB)³² não havendo consenso porque a área adquirida para as novas moradias deveria abrigar as quatrocentas famílias não tendo espaço disponível para um campo. Até a secretaria do meio ambiente foi envolvida, pois um espaço próximo que a comunidade identificou como possibilidade de um campo era reserva ambiental, não podendo ser alterada. A escola estava garantida. A estes conflitos somaram-se outros com relação ao projeto das casas, entretanto a mudança de endereço já era realidade. Neste processo algumas perdas pareciam ser inevitáveis, mas a esperança de uma nova vida no novo endereço era um conforto.

Nas próximas páginas pretendo inserir as imagens destes dois espaços, entretanto ainda desejo ressaltar as diferenças de espaço para a prática esportiva, pois, a quase inexistente atividade esportiva neste espaço chamou minha atenção durante todo o trabalho de campo. As primeiras impressões que levavam a reconhecer a falta desta atividade foram interpretadas por mim como uma dificuldade de observação nos horários de ocupação. Moviada por esta curiosidade, que considero como mais que uma curiosidade e sim como um dado importante para buscar minhas respostas foi de que deveria diversificar os horários das observações. O que resultou na mesma observação: a atividade na quadra é muito distante de se caracterizar como as descrições de atividades nos campos de futebol. Em vista disso, optei pela utilização da técnica da *triangulação* para a busca da validação das possíveis respostas, observar o campo de futebol e a quadra nos mesmos dias indo de um lugar ao outro de maneira que a diferença de horário fosse comparada. O resultado foi que a confirmação da hipótese presente na primeira observação com relação aos horários fosse descartada pois mais de uma vez constatei que no espaço dos campos a fruição da ação humana é mais intensa, diversificada e permanente do que na quadra poliesportiva. Consideração que demonstrou a necessidade de aprofundamento na investigação da ação social e esportiva que existiu e daquela que existe no novo espaço. Espero alcançar este objetivo nos próximos capítulos onde pretendo descrever mais densamente as formas de convívio e a

³² Secretaria Municipal de Obras e Viação, Secretaria do Planejamento Municipal e Departamento Municipal de Habitação.

prática do futebol nos Campos de Cristal, já que as questões de espaço considero estarem sendo finalizadas a partir destas últimas interpretações, sem antes ressaltar a importância do espaço mais uma vez.

Para o morador o reconhecimento do cenário físico, como uma das funções da identidade de lugar, compara o atual com o passado e ao julgá-lo percebe a ausência de estabilidade. A impossibilidade de apropriação de um espaço sentido como desagradável leva-o a não ser adotado e, não sendo personalizado não será apreciado, cuidado, preservado. Já a significação de um espaço transforma-o e, esta criação de sentido "de lugar", é definida pelo resultado da conjugação de ações e representações tanto quanto os atributos físicos de um espaço. Percebe-se na relação com a quadra poliesportiva, espaço reservado para a prática esportiva no novo endereço, a partir do depoimento do Álvaro:

[...] Lá era só campo, essa hora tava... os campo tava lotado... tanto um como o outro, né, o campo do cristal... do Farroupilha... do União, que lá tava sempre lotado essa hora de criança brincando... a não se criança, não até os barbado essa hora tava tudo lá... se juntava todo mundo, vamo jogá agora... pronto, já era. Agora todo mundo chega em casa é seis e meia, sete hora, tinha mais uma hora, uma hora e meia pra brincá, iam pro campo direto. [...] Eu... aqui essa desunião essa coisa entre eles eu acho que não é, eu acho que tem que se mais é... separado, lá tinha o vizinho que morava no lado um do outro eles... botaram uma casa num canto outro assim já foi, né, começaram a se mudá, deslocaram, assim fico tudo separado um do outro. E a preguiça de dá dois três passo pra sal conversá... é, é ruim. E aqui fico pior é na coisa aqui... é... esse negócio de tráfico de droga, as violência, as briga... se dá uma briga dá um tiro, já sabe onde é que é, porque que... fico pequeno né, e lá não, lá era campos e campos, né. [...] Ah! com certeza, lá a união de sábado e domingo era... era certo né... não tinha... o encontro né cara... campo do Farroupilha... o que... jogo, jogo, jogo... veio pra cá... não tem mais onde se unir, todo mundo fica em casa, quem não tá em casa sai... se desmanchou. [...] A quadra é totalmente diferente... [...] Nada a ver... o campo... numa quadra se reúne seis sete jogadores... É, cinco em cada lado, são dez... lá era vinte e dois de manhã, quarenta e quatro de tarde, fora os reserva... cada um levava as família junto pra ver jogo [...] Pra fazer churrasco dum lado tem um valão, do outro

lado é as casas ao redor... ninguém aceita... até a bola bate na casa deles, já tão brigando, discutindo... eu até evito de ir lá embaixo... ontem nós ia fazer esse jogo, esse grenal dos veteranos oficial aí... e eu não aceitei porque ia ser lá embaixo, aí o Jonas conseguiu a chave nós subimos [...] E aqui... aqui ninguém sai pra rua... ou sai e fica sentado no cordão da rua, fica parado ali... é mudo noventa por cento, mudo tudo [...]. (A., 2003)

O geógrafo Milton Santos (SANTOS, 1986) amplia o conceito de paisagem e a define como resultante do processo histórico. O que podemos verificar nos diferentes espaços quando Vera se refere à paisagem:

[...] Tinha espaço pra eles brincar; eu engravidei deste aqui lá e o mais novo nasceu aqui. Aqui é perigoso, tem uns loucos que entram aqui. Aqui não espaço, é bem diferente criar os filhos aqui. Lá era bem mais fácil. Até as árvores eram diferentes, no verão tinha a sombra aqui não tem espaço pra ter árvores, aqui é tudo diferente. (V., 2003)

Assim como para Vera, o vivido será utilizado como suporte para as suas interpretações e os objetivos e intenções auxiliam na construção de seu ambiente, dando a impressão de familiaridade, de controle cognitivo do espaço. A apropriação do espaço apresenta resultados positivos para o indivíduo ou grupo, pois proporciona o sentimento de bem-estar. A pessoa sente-se em harmonia com o espaço e conseqüentemente este processo oportunizará uma forte identificação pessoal.

A partir da apropriação de um espaço, as pessoas, grupos ou organizações tendem a preservar este controle. Por esta razão conheceremos situações em que se verifica a ocorrência de luta para manter e aumentar a apropriação do espaço mesmo que se visualizem mudanças em quadros físicos, tenham-se novas prioridades, exigências normativas ou ocorram mudanças pessoais. Assim sendo a luta pela manutenção de pelo menos um campo de futebol no novo espaço poderia significar levar consigo um pedaço ou a sua cultura.

A fotografia, entendida como uma pausa no movimento, origina sentimentos que criam e valorizam continuamente o significado de um lugar, de uma paisagem ou de pessoas, em um processo de produção de representações. Insiro aqui algumas fotos que

deixam revelarem-se estes dois tempos e espaços que venho até o momento tentando descrever. Algumas fotos dizem respeito ao espaço das moradias no entorno do último campo de futebol, ainda em atividade com o time do Santos, que tem como um dos limites o valão da Vila Foz da Cavahada em área contígua aos campos que já não existem mais outras, são do novo endereço O Condomínio Cristal. As fotos também tinham o objetivo de registrar os espaços esportivos que venho até aqui descrevendo, para sinalizar mais um dado diferente de tipo de convivência.

Observemos:

FOTO 9: VILA FOZ DO CAVALHADA EM 7 /10/04



Fonte: Foto da autora

FOTO 10: FOZ DO CAVALHADA / CAMPO DO SANTOS -EM 7/10/04

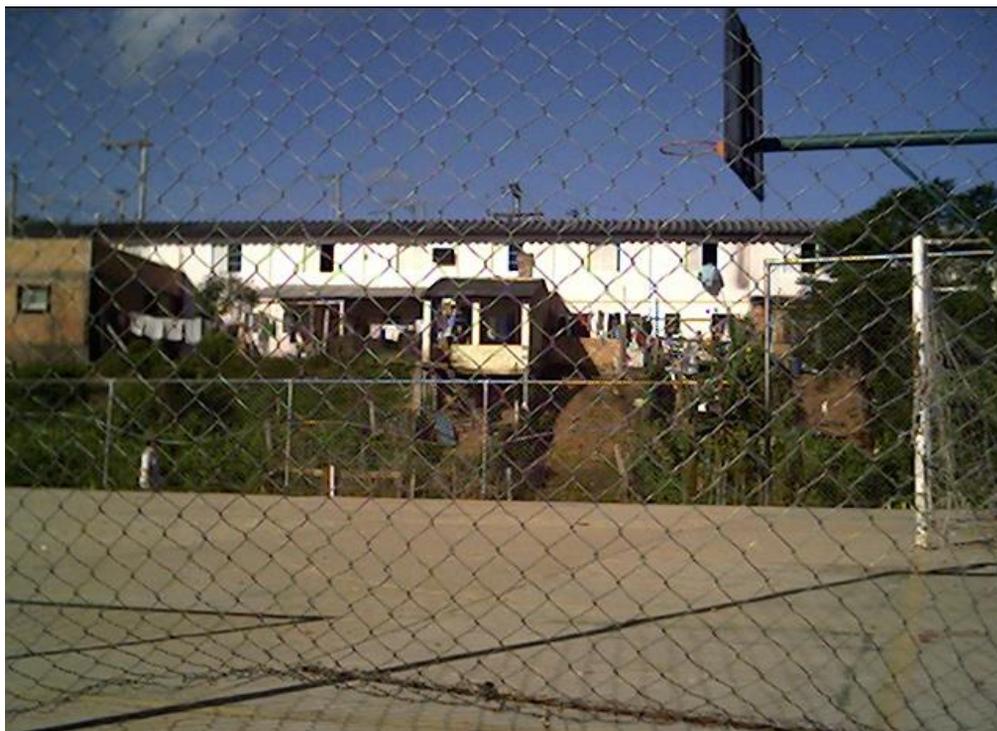


Fonte: Foto da autora

FOTO 11: CONDOMÍNIO CRISTAL EM 7/10/04



Fonte: Foto da autora

FOTO 12: CONDOMÍNIO CRISTAL-QUADRA POLIESPORTIVA

Fonte: Foto da autora

Para esboçar as possibilidades de respostas ao problema o trajeto da descrição pretende percorrer a partir do presente, chegar até o passado buscando no novo lugar reconstruir o antigo e, após estabelecer as possíveis diferenças. Os sujeitos, atores deste enredo compõem o elenco que estará envolvido pela ação no presente a partir da prática do futebol, pela memória da ação que já aconteceu descrevendo os momentos de convívio nas sedes dos times nos Campos do Cristal ao mesmo tempo em que descrevo momentos presenciados durante o trabalho de campo no novo endereço. As relações de convivência da comunidade, suas formas particulares de convivência social no passado e no presente descritos nos próximos capítulos a partir das festas e do futebol buscam reconstituir o lugar do futebol na Vila Campos do Cristal.

6. O CONVÍVIO

[...] Meu Deus do céu eu fico aqui sentado escutando música, é... Aí as pessoas ficam ali tomando cerveja às gurias, os rapaz... Sabe, bah! Mas eu vou te contar, agora é coisa triste, mas eu sei dizer que é uma solidão, tá sozinho e Deus,... Barbaridade. Não vejo a hora de ir embora [...] (ORLANDO, 2002)

Frases como esta são exemplos de como os sentimentos de solidão, tristeza e as sensações de enfraquecimento das relações de vizinhança e perda do reconhecimento, incluindo o sentido de pertencimento, apareceram de maneira bastante eloquente durante o trabalho de campo. Este depoimento é de um dos antigos presidentes do Time Farroupilha e também da Associação de Moradores da Vila Campos do Cristal, ex-jogador e ex-soldador vivendo de biscates como elétrico e hidráulico. Na entrada de sua nova casa, além do número verificamos seu nome pintado à mão (conforme figura), numa nítida tentativa de manter-se conhecido e reconhecido no novo lugar. Em uma mesa e armário na entrada da casa, encontram-se alguns papéis, atas, fotos e documentos da memória do antigo lugar. Em uma pasta já desgastada podemos identificar recortes de jornais, registros manuscritos do processo de desocupação da Vila Campos do Cristal, misturadas com fotos pouco visíveis pelo desgaste do tempo assim como uma parede principal da sala com várias fotos enquadradas e emolduradas contendo a história da sua vida cuja temática principal é o futebol e alguns acontecimentos importantes como torneios e troféus, nota-se uma foto da família que aparece em menor destaque do que as fotos do futebol.

Além de um armário cuja porta não fecha sem um papelão que a segura de onde ele retira mais memórias como um temo de camisetas e bomba para encher bola³³ (durante a entrevista mais de uma vez apareceram crianças na porta pedindo para encher

³³ Durante a entrevista mais de uma vez apareceram crianças na porta pedindo para encher alguma bola de futebol, numa nítida demonstração de que aquilo faz parte de seu cotidiano e ele prontamente atende os pedidos.

alguma bola de futebol, e numa demonstração de que aquilo faz parte de seu cotidiano, prontamente atende os pedidos). Apesar de inúmeros fatores aparecem como parte de uma motivação para deixar o lugar como, pouca chance de trabalho, saudade de familiares que moravam perto dos Campos do Cristal, a saudade do espaço e das atividades nos campos de futebol e das sedes³⁴ são mais frequentes e parecem ser a grande diferença.

FOTO 13: CASA ORLANDO

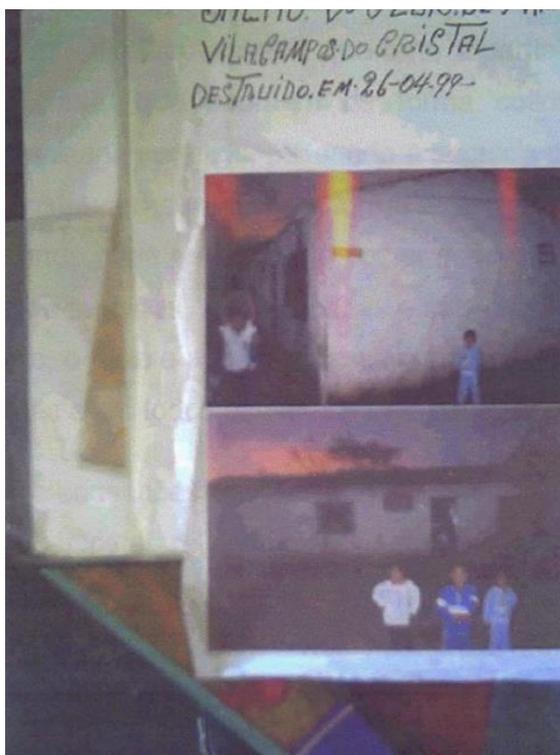


Fonte: Foto da autora

³⁴ No álbum aparece registrada a data da destruição da sede, o que mais uma vez coloca a importância deste registro pois demonstra a existência de significados neste registro.

Sede destruída:

FOTO 14: SEDE DESTRUÍDA



Fonte: Álbum de Orlando Silva - Foto da autora

No capítulo anterior busquei estabelecer relações com a ocupação do território no espaço dos campos e o processo de significação desta espacialidade. Na tarefa de aprofundar as possibilidades de interpretação do modo de vida que se configurou na Vila Campos do Cristal, trago como ponto central destes parágrafos, a descrição das formas de convivência que particularizaram aquele pedaço sendo assim importantes no processo de identificação e no sentido de pertencimento da comunidade.

São as festas e as atividades de lazer que ocorreram no espaço descrito anteriormente, aliadas aos momentos de jogo, que inscreveram no cotidiano e na memória dos moradores as relações de vizinhança e pertencimento, assim como as atividades de futebol que estarão descritas no texto, após as festas. Estas, que aconteciam nos campos e nas sedes dos times constituíam-se de vários momentos desde os mais informais até os mais formais. Primeiramente destaco aquelas que tem, a partir dos depoimentos uma dinâmica cotidiana, que ocorriam de forma cotidiana e sem um planejamento e organização prévios, passando a seguir a descrever aquelas cujos relatos demonstravam ser as mais formais que procurei acompanhar no novo endereço onde

pude presenciar e colher depoimentos. As primeiras formam o conjunto de reuniões, "churrascadas e salsichadas"³⁵ as segundas são o bingo, o galeto, o baile e a festa de aniversário do time, esta última em destaque que acontecia em todos os times e era considerada uma tradição.

Os sentimentos e sensações que acompanharam as lembranças da vida na Vila Campos do Cristal refletiam o quanto aquele espaço havia se constituído em um lugar. As lembranças, mesmo que parte de uma memória seletiva, assim como Elias identificou nos habitantes de Winston Parva³⁶ pouco ou quase nada tratavam sobre os conflitos e as dificuldades vividos no antigo endereço (ELIAS, 2000). Sobre isto, algum tempo depois, já com as entrevistas selecionadas para buscar a reconstituição desta história, tive a oportunidade de entrevistar uma professora da escola municipal que havia acompanhado o processo de vivência na Vila Campos do Cristal e mudança de endereço. Com ela pude perceber que era sem exagero a lembrança positiva do antigo lugar. Ela dizia da insatisfação dos professores da escola que conviviam com estes sentimentos de saudade, pois, para os professores, o antigo lugar era desprovido de "infraestrutura" sendo que no atual endereço esta situação havia melhorado.

[...] não podemos entender como podem sentir falta daquele lugar, eu tinha um par de botas no porta malas do carro pois para chegarmos na escola, atravessávamos um lodaçal de esgoto e água. Para chegar até a escola, colocamos algumas madeiras estreitas onde nos equilibrávamos como bailarinas para que o acesso fosse possível. (H. J., 2004)

Possivelmente para os moradores, diferente do que para a professora entrevistada, estar ali e ao mesmo tempo fazer parte de um grupo incluía àqueles que viviam na Vila Campos do Cristal num modo particular de ser incluído, fazendo parte de uma comunidade, circunscrita a um espaço que lhes pertencia. Sentir-se parte de um grupo, pertencer e identificar-se parece ser algo muito importante e que de certa maneira

³⁵ São denominadas refeições feitas em grupo que tem no cardápio salsichão com pão, no caso da salsichada, normalmente cada um leva a sua quantia de salsichão e colaboram com R\$1.00 para o pão. No caso de churrascadas, o cardápio conta com costela bovina e galeto. Ambas são assadas com carvão ou lenha em locais improvisados ou em churrasqueiras.

³⁶ Norbert Elias realizou estudo em uma pequena comunidade com um bairro com núcleo antigo e duas povoações mais recentes ao redor. Além de outras análises foi necessário reconstituir a formação do núcleo antigo, contando para isto com muito da memória dos mais antigos. Lá ele coloca que parte das recordações fazem parte da memória seletiva e, ainda assim considera estas informações significativas.

minimiza as dificuldades e carências enfrentadas para a sobrevivência, além do que facilita a convivência com os outros que fazem parte do mesmo pedaço. Mais adiante na conversa com a professora outro depoimento chama a atenção:

[...] agora, sem dúvida, no novo endereço eles brigam muito mais, toda a hora presenciamos a presença da brigada que vem chamada, pois aqueles barracos e brigas aqui são mais\ constantes do que lá.
(M. S., 2004)

Neste depoimento de alguém que não pertence ao pedaço, mas que está estreitamente ligado aos dois tempos e espaço daquela comunidade temos a confirmação de um dado importante que vinha sendo colhido desde os primeiros depoimentos e que aparece nos mais variados relatos. "[...]. Aqui eles ficam bebendo desde de manhã, sem nada prá fazer ficam andando solto na rua e ar acaba dando briga. Toda hora a Brigada vem."

Podemos, a partir daí concordar com Elias, que coloca a existência de um alto grau de controle que um grupo é capaz de exercer sobre seus membros, estabelecendo uma profunda coesão como força reguladora de seus sentimentos e conduta (ELIAS, 2000, p. 39).

A autoestima e autoimagem do indivíduo, que estão ligadas ao que os outros do mesmo grupo pensam e falam dele, pode definir comportamentos e sentimentos que acabam por estabelecer um modo de convivência. Quando quebrados estes laços, a desagregação facilitaria os desentendimentos aumentando significativamente os conflitos assim como quando uma vitória num jogo ou torneio era comemorada por todos poderia significar o quanto estar juntos fazendo coisas e tendo objetivos em comum os aproximava, os identificava, solidificava a sensação de pertencimento.

Relatos:

[...]. Aqui essa desunião... lá tinha o vizinho que morava do lado um do outro, eles... botaram uma casa num canto outro. Começaram a se mudar, deslocaram, assim ficou tudo separado um do outro... aqui ficou pior essa coisa... esse negócio de tráfico de drogas, violência, briga... se dá briga dá um tiro. Ficou pequeno e lá não, era campos e campos né. (A., 2003)

[...] porque a vila ficou um bolo pequeno né, lá não, lá era espalhado.
(L., 2003)

Quando nos primeiros contatos com aqueles que participavam da vida nos campos solicitava que descrevessem a vida na Vila Campos do Cristal, inicialmente algumas restrições já figuravam nas falas e nas expressões faciais que tão logo o assunto se aproximava do futebol se dissipavam. Lembrar do futebol facilitava lembrar da vida, pois traziam com ele momentos inesquecíveis de fruição e prazer. Comecei a perceber quando falávamos sobre as reuniões que, segundo eles eram muito diferentes daquelas vividas hoje, e de como se organizavam. Estar em uma reunião significava, além de tratar dos assuntos agendados por quem organizava, já incluía alguma conversa jogada fora, um bate-papo sobre acontecimentos rotineiros ou novidades e fofocas além do que vinham acompanhadas muitas vezes de um churrasquinho depois, uma partida de sinuca, uma cervejinha ou cachaça e até quem sabe uma pelada de brincadeira como lembra Fiiinho um depoimento sobre a diferença entre os dois espaços de moradia: "[...] a diferença é que lá as reuniões eram com dois garrafões de vinho e um violão."

Na sede do Farroupilha a estrutura proporcionava a existência de uma copa e o churrasco ou o carreteiro era rapidamente providenciado, já o Time do Tabajara, que jogava no campo do Farroupilha, mas não tinha sede, fazia suas reuniões no bar e ali lembra Fiiinho, as reuniões aconteciam terminando em música. O custo destas era rateado pelo organizador ou simplesmente o dono do bar ou responsável pela copa cobrava a conta. Muitas vezes alguns não tinham condições financeiras e ou ficavam apenas na cantoria ou se fosse possível alguns parceiros pagavam sua despesa.

Assim visto, o espaço da Vila Campos do Cristal transformou-se num lugar de significados que apesar de transitório no território da cidade, de ter sido uma paisagem modificada, e de seus moradores terem ao mudar-se conquistado estrutura de moradia bem melhores do que as anteriores, o sentimento de solidão e tristeza percebido nos depoimentos dos moradores mais antigos revelou-se intrigante naquele momento da investigação. Ora, se o lugar do futebol na ocupação da Vila havia tido uma posição de centralidade, me parece que em consequência disto o espaço da quadra poliesportiva deveria ser problematizado com maior ênfase do que realmente foi. Lembro aqui que o espaço do campo de futebol foi, no novo endereço, preenchido por uma quadra poliesportiva e para mim, a importância da problematização da existência deste espaço

esportivo diferente, pelos colaboradores, era a minha expectativa. Entretanto cada vez que apareciam nos depoimentos falas sobre este espaço esportivo, ele era tênue, fraco e sem importância. Não catalisava um sentimento de indignação como pareceria inicialmente que ocorreria demonstrando mais uma vez que o lugar daquele que investiga não é o mesmo do nativo, nem tampouco os caminhos para a interpretação e análise dos acontecimentos. Neste momento, esgotadas as questões de origem e ocupação do espaço no entorno dos campos o que era evidente e claramente indiscutível eram as manifestações de saudade, tristeza e solidão que desvelavam momentos de convivência, reconhecimento e pertencimento. Ao lembrarem da vida na Vila Campos do Cristal todos relatavam o convívio nas sedes e nos campos como algo verdadeiramente importante pouco ou quase nada era comentado sobre o espaço da quadra no novo lugar, esta questão espacial não parecia relevante, o grande destaque falava da saudade dos campos de futebol e do convívio vivido naquele espaço. Assim chegamos aos momentos de festa e, é a partir destas descrições que continuo a busca para identificar o lugar do futebol naquela comunidade.

6.1. AS FESTAS

Dessa maneira, nada melhor para cimentar esse pertencimento coletivo do que a festa, o espaço do jogo, da alegria, do acontecimento que marca e cuja lembrança será capaz de preencher os momentos monótonos e repetitivos do cotidiano. (MACEDO, 1986, p.184)

Na Vila Campos do Cristal, em sua grande maioria, as festas aconteciam na sede dos times ou no espaço dos campos. As sedes e os campos por sua vez também se constituíam em espaços diferenciados. A cada campo correspondia um time ou às vezes mais de um que funcionava como um grupo diferente dentro do pedaço Vila Campos do Cristal. O que pretendo levar em conta não é a separação de cada um identificando sua autonomia e sim procurar descrever a rede que se constituía na Vila a partir destes vários grupos e espaços dos times. A rotina e a convivência, de maneira geral se constituía compartilhando códigos que podemos verificar como sendo o que os incluía em uma mesma comunidade. Percebemos que as formas de convivência e as festas extrapolavam os limites da equipe e eram atravessadas por diferentes relações sociais.

As redes de sociabilidade do bairro configuram-se em diversos níveis e por diferentes processos. Se por um lado as festas se desenrolam ao nível estrito dos times, contando com um círculo familiar e laços de vizinhança mais próximos, temos de outro lado as festas que extrapolam estes níveis mais particulares incluindo aí parentes das famílias moradoras, outros times que frequentavam os torneios e os jogos e as vizinhanças de outras vilas. Não podemos também deixar de destacar as excursões e campeonatos que levavam estes moradores a estabelecer outras redes mais amplas, externas a vila e ao próprio bairro.

Os laços familiares e de vizinhança são importantes neste processo de significação, principalmente a vizinhança mais próxima, na Vila Campos do Cristal os times estabeleciam relações de aproximação tendo na convivência sistemática estabelecido vínculos de conhecimento, amizade e ajuda mútua. As construções das sedes dos times eram realizadas em forma de mutirão, assim como algumas moradias que também contavam com parentes, amigos e vizinhos que davam auxílios em momentos onde a empreitada exigisse um número maior de pessoas. No caso da construção da sede, o material era conseguido através de doações, sendo estas conseguidas de diversas maneiras, via políticos, ou comerciantes e em alguns casos percebe-se a dificuldade de lembrar o responsável pela doação, deixando dúvida se a memória não registrou ou se a entrevista deve encerrar este ponto. De qualquer forma, a presença de vizinhos, amigos e familiares nestas tarefas eram bem significativas. Elias ao descrever as relações familiares e dos grupos de famílias em Winston Parva verificou que as atividades "de dentro de cada família e as atividades dos grupos de famílias fundiam-se umas nas outras e pareciam inseparáveis" (ELIAS, 2000, p. 95), os que na Vila Campos do Cristal acontecia a partir também da vizinhança que misturada aos grupos familiares mantinha atividades comuns, desenvolvendo a sociabilidade daquela comunidade. Estas atividades vinham acompanhadas de almoços e churrascos, não somente pela necessidade de alimentarem-se durante estas empreitadas, mas também como um modo de vida, como uma forma de se relacionar. Outro momento lembrado como um acontecimento rotineiro, principalmente pelas mulheres, era o chimarrão no final da tarde. Segundo elas, como as casas eram ao redor dos campos as conversas acontecia com mais frequência, pois as crianças e os maridos ocupavam os campos com peladas e brincadeiras o que proporcionava uma convivência mais estreita com a vizinhança. Comum também era o

deslocamento para outro campo, "[...] quando a função era no campo localizado mais adiante íamos todos juntos para a beira do outro campo [...]" (Vera, 2003)

Existia, na Vila, dois tipos básicos de festas: as mais comuns (de todo o dia) e as especiais (com motivos e datas especiais). Poderíamos inclusive destacar um terceiro tipo que acontecia na sede do Farroupilha, por exemplo, que eram as celebrações familiares (aniversários, casamentos), mas o que gostaria de ressaltar é a fluidez entre estas diferenças e como se interpenetram em diferentes situações. As mais comuns acontecem de forma quase rotineira, com uma regularidade maior do que aquelas chamadas por mim como especiais e ambas fazem parte do contexto cultural da Vila Campos do Cristal. Assim, são marcos importantes para a estruturação e da ordenação do sentido da vida naquele espaço dos campos.

As festas se revelaram um espaço social privilegiado para que se efetuasse uma leitura mais apropriada das redes de sociabilidade que atravessam o bairro, definem partes dele, frequentemente o extrapolam, e acabam por constitui-lo como tal. (MACEDO, 1986, p.185)

Nos momentos de festa, no novo endereço, são reproduzidos valores e representações vividos na Vila Campos do Cristal que constituem boa parte das memórias do antigo lugar onde cerimônias e rituais reafirmavam códigos que os faziam ser uma comunidade, que os incluía em um grupo e, por contraste, excluía outros.

Além de serem representação social, os comportamentos tanto são expressões de padrões ideais como também recompõe formas de comportamentos que fazem o grupo ou comunidade. As festas têm neste sentido, o papel de buscar um significado mais abrangente que amplie o sentido da vida mais cotidiana. As festas vem sendo estudadas, principalmente nos grandes centros urbanos, como possibilidade de lazer e acontecem nos mais variados grupos sociais. Nestes trabalhos, a exemplo das pesquisas desenvolvidas pelo grupo de Magnani³⁷ em São Paulo, podemos verificar que o lazer permanece na vida de trabalhadores que encontram nestes momentos possibilidades de se fortalecer, identificar e sentir-se pertencido.

³⁷ Em "Na Metrópole" (2000) Magnani e Torres, apresentam vários trabalhos que tratam do lazer e das festas que acontecem em São Paulo como o lazer no Bexiga e na Paulista, circuito de cinema, *discoclub*, entre outros.

Na Vila Campos do Cristal, mais do que tudo isto a festa servia para mobilizar grupos, associar pessoas e a realização de algo trazia sentido e significado estando, as lideranças do futebol, de forma bem significativa no interior destes grupos sendo, muitas vezes, o próprio grupo responsável pela organização. Nesta medida, a questão das festas serem consideradas como lazer, sendo o lazer como tempo do não trabalho, parece questionável: já que estar e organizar festas significa uma forma de labor para que tudo esteja "bem feito" e que a festa atinja os parâmetros sociais do sucesso.

A não-geração de riqueza no tempo livre também aparece de forma particular na Vila Campos do Cristal já que lá muitas festas tinham como objetivo, além da festa, render algum recurso para a manutenção da sede, time ou torneio. Assim à vontade de ter prazer e divertimento não descarta a preocupação com a manutenção de uma estrutura que assegure uma variedade de momentos de prazer e divertimento o qual mais do que o desejo de uma vida materialmente melhor, também revela o desejo de uma vida alegoricamente mais plena, mais carregada de significado e emoções.

Ao preencher o tempo livre, as festas vão mais longe e permitem recortar simbolicamente uma imagem do tempo que é fundamental para a elaboração da própria imagem da sociedade. O sentido da festa engloba uma afetividade simbolicamente expressa num espaço-tempo determinados, enquanto visão de mundo e, simultaneamente, modo de ser.

Zaluar, que mostra como o samba e o compromisso com a alegria se constituem num meio através do qual os pobres humilhados e ofendidos, nas rotinas de opressão de classe, reencontram a dignidade pessoal, também reconhece a importância das festas para o processo de significação e pertencimento ³⁸.

Por tudo isto a importância para o trabalho de campo em aprofundar a descrição de algumas festas em especial, parece ser fundamental na tentativa de buscar o lugar do futebol naquele tempo e espaço. Se, durante os dias de semana os momentos vividos no espaço e nas atividades dos campos de futebol adquiriram significados que estreitavam as relações de vizinhança, garantiam momentos de descontração e também geravam reuniões nas quais outros assuntos da comunidade eram tratados, eles também serviam

³⁸ tomamos aqui como referência para uma aproximação com o universo das festas comunitárias no Cristal alguns aspectos do trabalho ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

para preparar a atividade do final de semana. A organização do time, a escalação, os critérios para participação e horários eram discutidos ou informados nestas reuniões.

Já no final de semana, a movimentação ganhava maior envergadura pois além dos jogos acontecerem em horários pela manhã e pela tarde o que mantinha mais de um campo com jogos, torcedores e espectadores nas proximidades dos campos, as churrasgadas aconteciam em maior intensidade, dependendo do tipo do acontecimento. Se houvesse algum amistoso, alguns participavam após o jogo do churrasco ou da cerveja no bar, comentando e avaliando desempenhos quando o clima permanecia amistoso. O que não acontecia se houvesse algum momento onde o conflito do jogo esquentasse os ânimos.

No caso de torneios, os jogos desenvolviam-se durante todo o dia e os times geralmente tinham mais de um jogo no dia o que exigia uma estrutura de refeição, pois as equipes e seus acompanhantes chegavam pela manhã e iam embora no final da tarde. Para os bares e para os ambulantes isto significava dia de bons rendimentos e para os moradores significava dia de festa. Conflitos ocorriam, para os moradores os mais comuns eram prejuízos com telhas ou algum outro dano com as boladas vindas do jogo, além das brigas entre jogadores ou com a arbitragem que também ocorriam.

[...] Quando tinha torneio era Sábado e Domingo, quando salmos de lá tirou a metade da união da vila. Porque lá era futebol, então aquilo Domingo lotava de pessoal dentro de lá olhando futebol. Quem não tava jogando, tomava cerveja, as mulheres ao redor do campo... dava briga. Agora esses torneio é só briga, briga e briga.

Assim os depoimentos revelam que de maneira bastante corriqueira aconteciam várias formas de convivência que faziam parte da rotina dos campos de futebol e que envolviam moradores, vizinhança e jogadores que usufruíam uma vida em comum, com características bem marcadas pela socialização e pelo lazer estabelecendo laços de amizade, compartilhando de vivências que balizavam o pertencimento a partir de um código comum no desenrolar do futebol.

Até este momento, os acontecimentos mais rotineiros não exigiam uma preparação mais longa e elaborada, sua forma de participação na maioria das vezes era espontânea e sem muitas combinações prévias, além daquelas já consagradas para os jogadores e

diretoria dos times (objeto de aprofundamento no próximo capítulo). Porém as coisas não se esgotam ar, existiam momentos mais solenes e festas mais tradicionais que estavam vinculadas aos times ou as sedes.

Festas familiares que utilizavam a sede como o lugar para aniversários, batizados e festas tradicionais como bingo, galetto, baile e aniversário do time. Estas últimas traduzem um pouco mais das relações que se estabelecem no contexto da vida na Vila Campos do Cristal e estão todas elas vinculadas ao futebol. Seja por comemorações do time, seja para buscar recursos de manutenção, mas ao que parece, iam muito mais além do que a manutenção financeira da equipe chegando a proporcionar encontros inesquecíveis como o de Evaristo e sua esposa que se conheceram num baile organizado pela Liga da SAC.

[...] tinha time muito antigo, o As de Ouro era um dos mais antigos, organizavam festas, bailes. Foi numa destas que conheci minha senhora. [...] não adianta, me afastei porque era apaixonado e a paixão sabe né, cega, a gente fazia cada coisa [...] (E., 2003)

Evaristo lembra dos bailes, bingos e jantas descrevendo suas emoções que nitidamente e literalmente são denominadas por ele como fruto da paixão pelo futebol.

[...] de domingo ia tá todo mundo reunido na bera do campo olhando o jogo... mas como não tem... não dá pra fazê nada... [...]. De bom sempre tinha comida... comida e baile, festa... agora de ruim era organiza... na última hora vinha gente correndo... (J. L., 2003)

As festas ao que parece, estavam diretamente vinculadas ao mundo do futebol de várzea, aqui entendido como o espaço, o tempo e às pessoas que dele participavam. Era no espaço do jogo, na busca de condições financeiras para viabilizar sua estrutura e funcionamento bem como a partir de suas lideranças/que eram organizados os momentos de confraternização, convívio e festas.

6.1.1 O Bingo

Esta atividade está, neste trabalho, classificada como uma festa apesar de ser encarado com pouca formalidade pelos moradores da Vila Campo do Cristal. Para participar do jogo, que acontece à noite, não é necessária uma preparação individual cuidadosa na aparência, sendo comum apenas tomar um banho e vestir-se normalmente.

Em alguns momentos este jogo é realizado em conjunto com alguma janta o que lhe confere um status mais importante e também mais importante é seu objetivo, pois sendo desta maneira normalmente é para angariar algum fundo para o time.

O sábado é o dia escolhido com maior frequência para as festas de maior envergadura por possibilitar maior tranquilidade na organização, maior possibilidade de participação e geralmente é marcado quando o jogo do domingo é amistoso e não exige maiores cuidados na escalação, pois a bebida faz parte da atividade e alguns podem se exceder. O horário normalmente é mais tarde do que se fosse um carreteiro, pois a janta é em casa e o bingo não acontece antes das 21 horas. Estando apto a iniciar pelas 22 horas. Os que preparam o espaço garantem o milho (que serve para marcar os números sorteados na cartela) e os apetrechos do jogo, montam o lugar que tem a necessidade de ter mesas e bancos e uma boa iluminação. A copa também faz parte da estrutura e segundo alguns ela garante o lucro. Geralmente é R\$ 0,50 a cartela, podendo variar até R\$ 1,00 e o vencedor leva o rateio que já vem descontado o percentual da casa que conforme combinação tem destino para o time ou para o organizador.

A chegada é aos poucos e as crianças acompanham boa parte dos adultos servindo-se da estrutura enquanto não inicia a hora dos adultos fazem suas jogadas ensaiando um jeito que presenciam atentamente quando se desenrola a atividade. Alguns mais jovens já chegam prontos para depois ir para os pagodes que acontecem em outros lugares, outros chegam do trabalho e dão uma passadinha que muitas vezes se alonga, pois, as emoções do jogo e das conversas congelam o tempo do relógio. As mulheres também participam e estão integradas a estes momentos. Quando os últimos, aqueles que chegam de casa após o trabalho e determinar algumas tarefas domésticas fazem um número suficiente de jogadores para que o bingo comece.

Sendo uma atividade frequente, não existe uma grande preparação e solenidade na participação. É encarado como mais um momento de divertimento onde pode até "render algum" e aparentemente, pelos relatos todos sentem que o grande rendimento é através do divertimento, da boa conversa e das risadas garantidas durante o jogo. As tensões ficam mais por conta da disputa no preenchimento da cartela e as risadas pela forma divertida que alguns mais artistas e espirituosos desenvolvem para "cantar" o número.

Ali também aparecem comentários sobre os jogos de futebol, a situação deste ou daquele jogador, alguns que normalmente não tem funções na diretoria mais

informalmente comentam sobre decisões e encaminhamentos nos torneios. Assuntos da Vila e de possíveis novidades marcam os códigos que os fazem sentirem-se incluídos e pertencentes ao grupo, identificando assim aqueles que não fazem parte dele (ELIAS, 2000).

O mundo do futebol de várzea, e mais particularmente dos times locais, está presente não somente porque acontece na sede ou no bar de algum time ou diretoria, mas precisamente porque as pessoas que participam e que lideram a atividade estão diretamente vinculadas ao futebol. Fato que responde a uma das primeiras perguntas formuladas ainda durante o período de qualificação do projeto de pesquisa. Naquele momento parecia ser uma possibilidade buscar nas lideranças do futebol outras participações em ações e eventos da comunidade da Vila Campos do Cristal e, no trabalho de campo esta foi uma das primeiras observações. Se no processo de ocupação da área, os moradores tinham vínculos com o futebol de forma direta ou indireta, também nas ações coletivas estes se envolviam e aí se constituía sua mais efetiva participação.

Extrapolando as atividades da hora do jogo especificamente, as lideranças do futebol, moradores da Vila Campos do Cristal ocupavam outros espaços na convivência para além das funções do futebol. Em se tratando das lideranças, ou daqueles que em maior ou menor grau de envolvimento, estavam participando de vários momentos comunitários desde o período de organização da ocupação da área até as reuniões de cadastramento e discussão sobre o destino de suas moradias. Cabe ressaltar que nem sempre as pessoas eram as mesmas em todos os momentos, pois muitas vezes quem organiza funções do bingo não é precisamente o Presidente do time ou associação de moradores, mas é alguém diretamente ligado aos movimentos destes e também ao futebol de várzea. O que vem antes e o que vem depois na escala de importância na vida de cada um penso não ser tão relevante, o que cabe dizer, pois está relacionado ao objetivo da investigação é que os argumentos que afirmam a total alienação que a paixão pelo futebol acarreta não corresponde ao que foi vivenciado naquela vila em particular, aqueles que participam dos jogos de futebol participam também de outras atividades comunitárias.

As festas são uma dimensão da vida. Contribuem para promover o sentimento especial de estar junto e configuram o espaço social privilegiado do acontecimento extraordinário. Para compreender

melhor este assunto, é preciso não perder de vista que as festas são também, uma expressão e afirmação de valores. Está presente nelas o esforço de construção de uma imagem que é a representação da visão ideal do grupo. (MACEDO, 1986, p. 186)

As festas que considerei mais comum estabelecem os momentos onde mais precisamente fecha-se um grupo que ao incluírem-se excluem os outros, geralmente na Vila Campos do Cristal isto acontecia em cada time. Como a existência de grupos era confirmada pela equipe que representavam, os momentos rotineiros eram vinculados a estas associações. Evidente que giravam em seu círculo alguns que também circulavam em outro círculo de outra equipe. Mas aquelas festas cujo caráter era mais abrangente caracterizavam-se por envolver um pedaço maior da comunidade e não eram eventos rotineiros, mas tradicionais.

A comemoração de aniversário do time é um exemplo disto. Nestas, todos eram convidados, à exceção daqueles cujos conflitos haviam gerado algum rompimento mais sério. Na festa de aniversário do time eram convidados simpatizantes e também familiares dos moradores da Vila, que vinham prestigiar o evento que recebia comentários do sucesso ou não vinculado ao número de pessoas e da diversidade dos participantes.

Para esta comemoração, em alguns casos, um jogo ou torneio comemorativo fazia parte da organização. As várias categorias eram então articuladas para que se realizassem amistosos ou pequenos torneios com convidados. Além dos jogos, uma janta ou almoço coroava o acontecimento. Quando procurei resgatar a memória destas comemorações o mesmo depoimento de saudade do passado ressurgiu. O que foi logo comparado referia-se a última comemoração do time Farroupilha que acontecera na quadra esportiva no novo endereço. Este time havia realizado um torneio de futebol de salão em comemoração de mais um aniversário, que durou mais de um final de semana. Ao relatarem esta atividade, o sentimento presente era de que já não era a mesma coisa, este sentimento estava latente em todos os depoimentos sobre o evento. Pelos relatos, a festa de aniversário dos times era uma tradição que se cumprida demonstrava a força da agremiação enchendo de orgulho os incluídos no pedaço. Descrevo a seguir um dos momentos vividos no novo endereço revestido destes significados cuja solenidade espelha aquelas relatadas nos depoimentos possibilidade ímpar de vivência de um destes momentos que aconteceu, pois fui convidada a participar.

6.1.2 O galeto

Para exemplificar o que venho descrevendo até aqui, destaco a festa de aniversário do time ASCOMOCRIS que aconteceu no Condomínio Cristal em comemoração ao seu primeiro ano de atividade. Esta programação contava com o planejamento que vinha sendo tratado nas reuniões ordinárias de segunda-feira, do time ASCOMOCRIS. Para as comemorações estava sendo organizado um galeto para o sábado, dez de janeiro, e também um jogo amistoso que aconteceria no campo da Figueira com o time contra qual haviam jogado sua primeira partida um ano antes. Para a organização as tarefas foram distribuídas entre a diretoria e os jogadores que também envolviam seus familiares, vizinhos e conhecidos simpatizantes da equipe. Desde o início, apareciam comentários de referência comparando as festas, as organizações anteriores e das outras equipes.

Reafirmando o que Macedo chamou atenção no que se refere à festa que significa também mostrar para os outros como se está bem. No caso do ASCOMOCRIS, como conseguiram manter o time durante um ano quando todos os outros já haviam se desestruturado. Portanto os significados deste momento eram de várias ordens do festivo ao status do grupo.

Tudo que se referia ao planejamento da comemoração era tratado e acertado ao final dos assuntos do jogo de futebol. As opiniões sobre valores das despesas, a lista de convidados, o cardápio, as compras, o preparo do lugar³⁹. O lugar seria na rua, em frente à casa do diretor de futebol

Jorge e da sua esposa Zica (responsável pela lavagem do fardamento). Os convites seriam providenciados pelo irmão do Fiinho, pois ele tinha como realizar esta tarefa na estrutura do seu trabalho. A definição do cardápio definiria o valor do convite. Galeto e salada custando R\$ 7,00 foram a definição final. As definições também contemplavam a cerimônia e a dança do final. Como seria na rua, não chamariam de baile a exemplo do que acontecia na sede dos times na Vila Campos do Cristal. Estava então planejada a festança, como era chamado este momento pelos mais animados. Tudo isto, vinha acompanhado de momentos de tensão quando as ideias não fechavam, ou seja, nem sempre todos concordavam com o formato da comemoração, uns forçavam que o evento

³⁹ Aqui um parêntese para tratar da diferença entre os dois lugares: as sedes dos times cumpriam também esta função, o que não existe no novo lugar abrindo uma curiosidade em mim que presenciava estas combinações.

fosse mais elaborado e outros defendiam sua simplificação. Mas todos concordavam sem titubear na quase necessidade de realizar a festa. A referência na possibilidade de superar a comemoração do Farroupilha estava presente e funcionava inclusive como motivação para convidar parentes que não residiam no local. A garantia da comida saborosa também era discutida e a solução encontrada era na definição dos assadores e da preparação da salada.

O livro caixa do time era controlado pelo tesoureiro que apresentava as contas dizendo da quantia disponível para a compra das medalhas comemorativas. A esta altura percebi o início do planejamento do ritual ou cerimonial que presenciaria durante a festa que contava além da comida e bebida, com a cerimônia de comemoração e também com a dança. Tudo isto acontecendo na rua em frente às casas concretizando um espaço de mediação (DA MATTA) antes vivenciado nos campos e sedes de futebol.

No sábado à noite do dia 10 de janeiro compareci ao local determinado para a festa. O espaço da rua em frente a casa do diretor do time (Jorge) esposo da responsável pela lavagem dos uniformes (Zica) era o ponto central. Na frente da casa do lado (à direita) estava montada uma enorme churrasqueira de tijolo com uma quantidade significativa de galeto já no fogo assando. Em outra casa à esquerda da casa do diretor de futebol estava colocada uma aparelhagem de som ainda desligada. Os preparativos estavam organizados e aos poucos todos foram comparecendo trajados com roupas de festa, bem diferentes das usadas nas reuniões e nos jogos. Algumas das esposas providenciavam bacias e bandejas de salada e havia um freezer com a bebida.

Toda a estrutura tinha como base a casa do diretor assim como as mesas e bancos estavam dispostas próximas ao som, a bebida e salada. Os convidados começaram a chegar e alguns eram participantes do Orçamento Participativo sendo lideranças comunitárias de vilas e bairros próximos, mais uma vez o futebol aparece articulado com outras instâncias comunitárias que representam vários interesses cotidianos relacionados à vida pública e à política para além do futebol. A rua foi tomada pelos moradores, entretanto, no horário combinado para servir o galeto, formou-se uma fila com um número muito maior de pessoas verifiquei que boa parte do condomínio veio buscar galeto para levar para casa, se resolvessem ficar não haveria lugar para acomodá-los nas mesas.

6.1.3 A cerimônia

Ao debruçar-me nos diários de campo e nas entrevistas, percebi que os acontecimentos usuais e os mais importantes vinham para o coletivo quase sempre acompanhados de alguma refeição, sendo mais ou menos elaborada e com planejamento prévio ou sem de acordo com sua importância. Neste caso, o galetto tinha um principal objetivo que era a comemoração do aniversário do time como descrevi no momento do planejamento. Esta refeição especial trazia na sua organização um momento solene cujos atores e seus papéis estavam também, a exemplo dos procedimentos culinários, bem planejados e definidos como pretendo descrever a seguir.

Após o movimento de servir o galetto fui chamada pelo diretor para que assumisse o microfone com um roteiro escrito à mão para dar início à cerimônia. Tentei escapar, já que o maior objetivo da minha presença era o de observar e conversar para ampliar os dados e os contatos. Após uma breve fala agradecendo a presença de todos entreguei o microfone para o operador de som. Qual a minha surpresa, este morador com a maior clareza e tranquilidade engendrou um discurso sobre a importância do esporte na vida da comunidade, fala sobre a dificuldade em manter esta prática esportiva, da necessidade de envolver os jovens e dos benefícios do lazer na vida de vizinhança, articulando sem nenhuma dificuldade a experiência vivida no entorno dos campos e as tentativas de manutenção desta vida esportiva no novo endereço. Referindo-se às crianças, chama os adultos a não desistirem de manter o esporte vivo entre eles, elogiando aqueles que de alguma forma lideraram estas atividades.

Durante a fala todos os participantes e moradores que estavam próximos silenciosos e atentos demonstravam respeito e concordância numa postura quase solene. Logo após, o diretor do time (que havia arrumado em uma mesa menor as medalhas uma a uma) dá prosseguimento a cerimônia dando início às homenagens aos jogadores, apoiadores, diretores, torcedores, padrinhos e madrinhas do time (recebi uma medalha de madrinha do time). Para receber a homenagem, todos eram chamados ao microfone e antes de ter seu nome pronunciado, algumas palavras diziam da importância daquela pessoa para o grupo. Depois da apresentação o homenageado era chamado até a mesa, se quisesse poderia usar o microfone para falar e após receber a medalha, a exemplo de solenidades como as formaturas, procedia aos cumprimentos à diretoria que havia sido chamada

inicialmente e postava-se em pé lado a lado formando assim a representação do grupo. Os nomes eram aguardados por todos com alguma ansiedade, pois ser destacado era motivo de orgulho e reconhecimento o que vinha acompanhado de aplausos e comentários do tipo: ele realmente merece ou ela é fundamental, pois está sempre pronta para ajudar, ou sicrano é legal.

A cerimônia proporcionou espaço de destaque a quase todos aqueles que participam das atividades nos jogos e torneios bem como no auxílio de alguma forma na organização dos momentos sociais da comunidade, a homenagem premiou até mesmo adolescentes que acompanham o time nos campos. Conforme a descrição do passado, nos Campos do Cristal aconteciam rituais semelhantes (não sem deixar de ressaltar que lá era bem melhor e mais forte, consideravelmente mais prestigiado) e eram frequentados por outras comunidades que participavam das atividades nos Campos do Cristal. Após a cerimônia, com sorriso e satisfação demonstrando alegria e descontração começou a dança. Ali mesmo na rua, o espaço transformou-se numa pista de dança e outros começaram a chegar no espaço da festa. O som que era operado pelo mestre de cerimônias tem seu volume aumentado, as mesas e bancos são alteradas de lugar deixando um espaço aberto no centro e outros moradores, que estavam mais afastados da cerimônia aproximam-se. Assim como outros, trajados para festa, iniciam a dança e com esta movimentação também de maneira mais descontraída aparecem outros comentários espontâneos – entre os que ocupavam o mesmo banco que eu - de como dançam bem. Outro momento dentro da mesma festa se inicia, mais descontraído, entretanto ainda com sinais de que os códigos são conhecidos e reconhecidos por todos.

Alguns comentários deixam bem claro como se conhecem, por exemplo, o que se referia a um rapaz de calça branca e camisa colorida: “[...] ele é um pé de valsa, até as vovós ele tira pra dançar” - diziam as senhoras responsáveis pela salada, “[...] com ele não existe ficar sentado, de um jeito ou de outro a gente acaba dançando”. E a movimentação dele era de que se sabe reconhecido desta forma pelo grupo. Percebe-se aí uma satisfação que me arrisco a dizer inesquecível (são destes momentos que as lembranças dos Campos do Cristal são eloquentemente restituídas nos depoimentos).

Com a festa em pleno baile, foi possível conversar com integrantes de outros times já extintos no novo endereço e todos emocionados falavam em como era boa a movimentação social nas sedes dos times nos Campos do Cristal e boa parte

compartilhava da avaliação de que ali, no novo endereço as relações de vizinhança se modificaram, ficaram mais distantes sem deixar, ao mesmo tempo, de valorizar momentos como o que estava acontecendo. Neste momento iniciei uma conversa com o último presidente do time Farroupilha, após vários comentários busquei na bolsa um papel e uma caneta para anotar seu telefone com a intenção de realizar mais uma conversa sobre o Farroupilha, neste momento vivenciei uma tensão - que se não foi a mais forte estava perto disso - foi quando o diretor de futebol do ASCOMOCRIS (Jorge) interpelou-me impedindo que eu marcasse o encontro com o pessoal do outro time dizendo: Esta festa é do nosso time se quiserem que tu entreviste eles que façam a festa deles. O olhar era pouco amistoso revelando mais uma vez, a existência de vários grupos e também o grau de importância que é conferido àquele momento solene. Sendo permitido ficar junto comemorando, atravessar este momento com outro objetivo não faz parte do código e, portanto, não é permitido.

A cultura e o ritual do futebol de várzea adquiriram significado no antigo lugar e por fazer parte do sistema de significados daquela comunidade mesmo com a ausência de campo de futebol permanece vinculada ao modo de vida no novo lugar. Durante toda a cerimônia e também na janta e dança uma das moradoras filmava o acontecimento, registrando detalhes e pessoas a exemplo de aniversários e casamentos o que era naturalmente permitido por todos que sorriam ou faziam expressões especiais quando a câmera se aproximava. Sem dúvida esta atividade de filmagem também contribuía para garantir o *status* do acontecimento.

Ao preencher o tempo livre, as festas vão mais longe e permitem recortar simbolicamente uma imagem do tempo que é fundamental para a elaboração da própria imagem da sociedade (DA MATTA, 1978). No estudo de Macedo (1986) nas comunidades de periferia e também em Hoggart (2000, p.187) ambos demonstram que os prazeres são considerados prioritários e indispensáveis à vida, e não como alguma coisa que deva vir depois de outras, assim como o tempo livre não é um "tempo de não fazer nada". Na Vila Campos do Cristal, considerando as carências materiais e a falta de infraestrutura, nas atividades esportivas e festivas também pude verificar o que os autores acima haviam verificado em outros locais.

As particularidades desta vida é que fazem a diferença: que dizem do tempo de lazer como um tempo que não é apenas de não fazer nada, que não é alienação e de que não

seja prioritário na questão da qualidade de vida. Além disto, revela-se até aqui mais uma possibilidade de resposta ao problema desta dissertação que já tem na construção da espacialidade um lugar de destaque da prática do futebol na formação da Vila Campos do Cristal e que do mesmo modo aparece nas relações de convivência no entorno dos campos de futebol. A esta altura, é legítimo dizer que a prática do futebol de várzea tem lugar privilegiado no modo particular de vida na Vila Campos do Cristal.

6.2 O FUTEBOL: CONTEXTO E SIGNIFICADOS

O futebol de várzea remete qualquer um para o passado imobilizado em que o futebol sempre se repete sob certas condições restritas. O campo é precário, arquibancada não há, a figura do juiz é uma negociação entre as partes - e, geralmente, em situações muito especiais - e não há mesmo qualquer diferença entre estar no campo e fora dele - público e jogador são quase a mesma coisa. Às vezes ambos estão de calção, apenas um é mais gordo e de chinelo de dedo. (OSTERMANN, 1998, p. 75)

Precisamente este é o futebol de que estamos tratando neste trabalho, é do *futebol infame* (RIGO, 2001) praticado na Vila Campos do Cristal que resgato as memórias nesta pesquisa, arriscando-me a buscar elementos que digam das relações estreitas do jogo e jogadores com a torcida e o mundo do seu entorno. Até este momento a construção da espacialidade, os momentos de festa e o convívio na Vila Campos do Cristal, tem no futebol um elemento fortemente vinculado ao seu sistema de significados. Cabe neste capítulo, a descrição de como este futebol acontecia nos Campos do Cristal, como se organizava, como sobrevivia e quem eram seus atores. Talvez pareça desnecessário historiar a presença do futebol no Brasil, Rio Grande do Sul e em Porto Alegre (já que não é deste abrangente fenômeno social que trata esta investigação), mas na perspectiva de que as ações e dramas sociais estão contextualizados em um cenário maior e também na necessidade de situar o espaço particular desta prática é que justifico iniciar este capítulo com uma breve reflexão a cerca deste esporte categorizado como *drama social* passando a seguir a focar a prática particular do futebol na Vila Campos do Cristal, encontrando assim mais possibilidades de resposta ao problema formulado.

O futebol no Brasil sob o ponto de vista da difundida história oficial, coloca como ícone no centro do país o recém-chegado estudante da Europa e filho de ingleses Charles

Muller e como representante em Porto Alegre Oscar Canteiro, ambos apaixonados pelo novo esporte no período entre 1890 a 1903. Entretanto é importante ressaltar que a história longe de ser fruto unicamente das opções de seus ícones e líderes, tem no processo social urdida sua trama.

Para pensar a difusão do futebol sob esta perspectiva subscrevo nota de rodapé de Soares na publicação *A Invenção do País do Futebol*:

Poder-se-ia dizer que pouco importa se Charles Miller foi ou não o primeiro a introduzir ou anunciar esta prática esportiva entre nós. A história da origem é, no mínimo, pouco significativa. Se se leva em consideração a penetração inglesa no Brasil, em investimento ou recursos humanos, nada mais fácil de supor que os ingleses trouxeram o futebol e as bolas vendidas pelos comerciantes. Boa parte das importações, senão a maior, provinha da Inglaterra, tendo o pico entre o final do XIX e início do XX. Uma forte colônia inglesa gerenciava negócios financeiros e industriais no Brasil. Assim os produtos e os hábitos ingleses, os estilos de vida ingleses, penetravam o cotidiano das grandes metrópoles. [...]. Acompanhar um estilo de vida europeu significava, para as elites brasileiras, aderir aos marcos da civilização, do progresso e construir a distinção social [...]. Parece mais plausível, diante desses dados, pensar que o futebol e outros esportes surgem no Brasil numa configuração das metrópoles e um novo estilo de vida. Soares. (2001)

Mais adiante o autor reflete que o futebol a partir desta conjuntura teve dois caminhos de difusão um pelos trabalhadores das estradas de ferro - que deram origem aos times de várzea - o outro através dos clubes ingleses que introduziram o esporte nas elites.

Assim como no centro do país, também no estado e na capital porto-alegrense o futebol tem registro no mesmo período. No estado encontramos registro do Sport Club Rio Grande, da cidade do Rio Grande que já contava com um time estruturado participante da primeira partida demonstração em Porto Alegre, na Várzea da Redenção no ano de 1903. Conviviam alguns anos mais tarde, em 1910, a Liga Metropolitana (formada pelos principais times da cidade, que tinham sedes próprias) e a Liga dos Canelas Pretas (onde jogavam boa parte dos negros e brancos das camadas populares,

cujos times não tinham sede) aproximadamente na década de 1920 disputavam suas competições em campos de várzea (MASCARENHAS, 2001).

Em 1940 já está estabelecido um novo panorama futebolístico no país que tem na profissionalização dos jogadores uma das principais transformações. Os times tradicionalmente das elites que praticavam o futebol como lazer, com a profissionalização passam a abrir possibilidades para contratação de jogadores trabalhadores do comércio e tem no futebol de várzea o que foi denominado um *celeiro de craques*, naquela época existia a figura do *olheiro* que percorria a várzea para identificar bons jogadores ao estilo brasileiro. O futebol como fenômeno social começa como lazer das elites e com o profissionalismo ocorre a mistura gradativa das classes sociais. Assume uma estrutura autônoma com regras, autonomia e instituição separando-se do lazer (RODRIGUES, 2002).

Diferentes aspectos contribuem para que um contexto ou processo ganhe relevância social. A difusão do futebol e sua institucionalização na sociedade brasileira têm elos que vão desde a "democracia racial" até uma abordagem universalista. Boa parte da história do futebol aparece vinculada às classes sociais dominantes na economia e na política. Com a popularização do futebol e sua profissionalização - que permitiu a ascensão de camadas mais pobres - a elite passa a dominar, não mais a exclusiva habilidade para o jogo e sim a habilidade para os "negócios futebolísticos" (OLIVEN; DAMO, 2001). Enquanto o povo se apropria da prática do esporte bretão, a elite passa a profissionalizá-lo. Em texto de Rodrigues (2002), parte de sua dissertação em sociologia, ele propõe duas perspectivas sociológicas para abordagem do esporte moderno como fenômeno social. Uma que trata do esporte espetáculo e outra do esporte como lazer. Nesta última, que acontece no tempo do não trabalho, praticada no tempo livre é onde concentro os esforços desta investigação.

O futebol de várzea, independente de situado como uma prática no tempo livre, não prescinde de uma organização, suas relações também são permeadas pelo poder, pela competição, as pessoas o praticam de forma lúdica e descomprometida convivendo também com conflitos. Assim pude perceber durante esta investigação, mais uma vez, a necessidade de aprofundamento da discussão do lazer como um tempo de não fazer nada, colocada no capítulo anterior.

O futebol de várzea neste início de século XXI, não é privilégio das elites como prática de lazer, estando as camadas populares mais próximas desta prática esportiva. Se, no século XX a várzea, por algum tempo permaneceu como contiguidade ao esporte profissional, no século XXI, com o futebol-empresa esta contiguidade desapareceu, mas a várzea segue acontecendo.

Guedes (1998) ressaltando os múltiplos modos encontrados pelas classes trabalhadoras para oferecer resistência à dominação, vem refletir que é no contexto simbólico e social que deve ser compreendida a prática do futebol de várzea. Reinterpretado, particularizado de acordo com experiências e valores e vinculado a diferentes espaços que ocupam, esta prática assume significados variados. Podemos verificar no estudo sobre este esporte praticado pelos grupos de veteranos, realizado por Stigger (1997), o futebol como elemento constitutivo do modo de vida daqueles que o praticam.

Magnani (1998) que desenvolveu o estudo dos significados e representações do circo, onde as redes de socialização na periferia foram investigadas, a presença do futebol também aparece como referência cultural daquela população, ou seja, o futebol de várzea como integrante desta rede de socialização.

Apesar da visibilidade do fenômeno futebol como identidade nacional ser maior do que aquele futebol *reinterpretado*, as pesquisas nas periferias ou em grupos específicos relacionados às redes de sociabilidade e ao tempo do não trabalho destacam a posição do futebol de várzea no processo de construção de identidade e pertencimento de indivíduos e grupos. Assim, o espaço da prática do futebol parece ser parte de sistemas que constituem a identidade, estabelecendo também relações de pertencimento com os moradores seja de forma simbólica seja como moldura física destas relações. A partir destas perspectivas busquei focalizar a prática do futebol na Vila Campos do Cristal objeto de descrição e análise nos próximos parágrafos.

6.3. O FUTEBOL NA VILA CAMPOS DO CRISTAL

Nada a ver... o campo... numa quadra se reúne seis sete jogadores...
É, cinco em cada lado, são dez... lá era vinte e dois de manhã,
quarenta e quatro de tarde, fora os reserva... cada um levava as
família junto pra ver jogo... (Jorge, 2003)

A materialidade do espaço dos campos de futebol torna-se a moldura física daquela comunidade e, conforme os relatos constituiu-se em espaço de sociabilidade que caracterizou o pedaço dos Campos do Cristal. Além da prática do futebol muitas relações e vivências sociais, de vizinhança e de lazer aconteciam ao redor deste espaço. Da vida esportiva surgiram as sedes e na convivência nestas sedes outros usos foram agregados nestes espaços. A vida social e comunitária acontecia ali e dela participavam os moradores, os jogadores assim como outras pessoas que não eram moradoras da Vila Campos do Cristal, mas estavam próximas ou vinculadas pela prática do futebol.

Relatos:

Pra quem gosta de futebol e não tá jogando hoje como jogava lá, perde... era o lazer, era a diversão... que eles tinham, hoje eles não podem sair daqui, não tem dinheiro pra sair daqui, eles vão ficar dentro de casa trancado, ou pensando besteira, alguma coisa... agora pra... pra aqueles que... que não tinha nada a ver com o futebol pra eles é... é maravilha, né, era... alívio... não tem mais aquela, o tumulto, né... mas pra aqueles que gostavam perderam muito... a diversão deles era isso.

[...]. noventa por cento era que gostava... participava... quem não jogava tinha os filhos que estavam jogando ou iam começar a jogar... estavam sempre lá ao redor do campo dando apoio.

Ao indagar como tudo começou, alguns têm dificuldade em lembrar, referem-se aos mais velhos como sendo os responsáveis pela organização. Estes foram procurados para que pudessemos montar esta história, mas cada um detém uma parte dela e outra parte já perdeu-se entre mudanças e falecimentos. Mas mesmo assim pude perceber alguns aspectos que surgem de forma recorrente nas falas e é a partir daí que pretendo, para fins de compreensão, descrever o processo de formação das equipes. Na Vila Campos do Cristal, as equipes começam a surgir a exemplo das outras equipes de várzea na cidade, a partir de um núcleo de amigos, conhecidos ou trabalhadores de um mesmo local. O estaleiro Só é um lugar de trabalho que como já vimos faz parte da origem de um dos times, outro núcleo é de policiais civis (que já tinham uma prática em outro espaço, perderam o espaço e vieram a ocupar um dos campos do Cristal).

Inúmeras vezes o relato da formação da equipe está entrelaçado com o relato do espaço de cada time ficando impossível tratar de maneira separada a formação da equipe e a ocupação do espaço dos campos. Geralmente nas escolas e nas ruas vivenciamos a situação de que o -dono da bola é o que manda no time, na Vila Campos do Cristal o -dono do campo é que define o poder. Assim a história das equipes aparece misturada à ocupação dos espaços. Os campos eram assim chamados: Campo do Sr. Orlando – Time Farroupilha; Campo do Cristal – Time do Laco; Campo do Sr. Telmo – Time Botafogo (mais tarde cedido para terreno da Escola); Campo da Dona Nona – Time da SAC; Campo do Sr. Oscar e Campo do Bica – Time do Santos (estes dois últimos existem até hoje, quando iniciei a investigação os dois estavam em funcionamento, atualmente o do Bica é o que está em atividade). Existe uma variação na denominação de acordo com a liderança que ocupa maior destaque no período registrado na memória, o que dificulta a organização temporal.

Exemplo disto é o Time da SAC que originalmente era organizado pelo esposo de Dona Nona, ficando as categorias infantil e mirim com ela que também se responsabilizava pelos fardamentos. Após o falecimento do esposo, ela assume junto com os filhos o espaço e, assim na memória de alguns aparece como quem denomina um campo. A formação das equipes tem assim um estreito vínculo com a ocupação do território da vila e sua história passa por muitas fases e pessoas. As equipes têm sua formação inicial com o time principal (ou primeiro quadro) que conforme vai crescendo em organização organiza segundo quadro, veteranos e juvenil. Nos campos do Cristal esta organização acontece em boa parte do tempo e a equipe que mantém por mais tempo esta estrutura de forma bastante significativa é a equipe do Farroupilha e a SAC. No primeiro quadro, jogam os homens com idade adulta e também alguns mais jovens que se destacam, são estes os que participam na maioria dos jogos e torneios realizados nos campos e em outros lugares. Não era necessário ser morador da vila, para entrar na equipe laços de conhecimento com algum dos envolvidos na equipe possibilitavam a aproximação. Nos relatos aparece de maneira bastante significativa, a valorização da vitória do primeiro quadro, vencer significava força e autoridade e as outras categorias (veteranos, segundo quadro e até mesmo as crianças) sentiam-se vitoriosos também. Aqui podemos verificar que as equipes mantinham um calendário de jogos com equipes adversárias, jogar entre si buscando uma dinâmica de equilíbrio e igualdade onde a figura do *companheiro adversário* (STIGGER, 2002, p.190) garante a cooperação não parecia

ser algo que garantisse a soberania do espaço. Nos Campos do Cristal, cada equipe vinculada ao seu espaço, deveria ter uma grande articulação com outros adversários e vencê-los fortalecia suas relações internas. Desta maneira, cada agremiação organizava seus torneios e jogos.

Em datas especiais aconteciam alguns clássicos e nestes momentos as equipes vizinhas faziam suas disputas, organizando um encontro entre todos os quadros. Este dia era encarado como uma festa e talvez nestes momentos a figura do *companheiro adversário* estivesse presente. Os jogadores vinculados a uma equipe não participavam de outra equipe, quando aconteciam algumas peladas aí sim se misturavam, mas as disputas nas escalações muitas vezes ocasionavam o rompimento com a equipe original resultando muitas vezes na formação de outras equipes na Vila. Estas normalmente não tinham sede nem campo e disputavam espaço para jogo, ficando muitas vezes com os horários alternativos como depõe um dos jogadores do antigo Tabajara:

[...] nós fundamos o Tabajara né. ai tinha dois times que jogavam no nosso campo. Era o Vila Cristal e nós de manhã. a função do Tabajara. Aí eles jogavam às 11 horas e a gente às 9 horas mas geralmente sempre dava conflito por causa dos horários. Eles queriam alugar e a gente morava ali, a gente queria horário próprio e ser dono do time, do campo. (F., 2003)

[...] aí tinha muito conflito lá eles fundaram o 1º e o 2º quadro da tarde, aí sim foi direto com briga pelo campo, no fim a gente entrou num acordo, eles ficavam com um horário e a gente ficava com outro e a tarde era liberado pra quem quisesse. (F.???)

Nesta disputa estavam envolvidas as equipes que segundo relato esquentavam as reuniões, com brigas que muitas vezes se transferiam para a beira do campo. Interessante registrar que durante as observações de alguns jogos de futebol de várzea que acompanhei com os colaboradores, percebi que as brigas que acontecem entre as equipes e que não tem origem nos lances do jogo, são lideradas por alguns que ficam ao redor do campo vociferando livremente, gesticulando além de buscar apoio naqueles que estão na torcida, sem nunca ultrapassar os limites do campo, o que não acontece quando o conflito tem origem nas jogadas, o que parece abrir a possibilidade de invasão do campo.

Então, na Vila Campos do Cristal, muitos times foram formados e era em maior número do que os campos disponíveis. As equipes que tinham o espaço ocupavam um *status* diferenciado não somente no pedaço, mas também fora dele. Por conta disto eram chamados a participar de vários torneios e amistosos em outros locais na cidade e fora dela. Esta situação promovia outro tipo de atividade comunitária que envolvia boa parte dos moradores da Vila, eram as excursões. Para melhor entendermos esta organização cabe falar um pouco sobre a estrutura interna das equipes, cargos, funções e regras de participação.

Diretor de esporte, não digo o ano todo, mas ele tem que tá com dois mês de jogo sempre marcado adiante pra... pra gente toda segunda-feira passa pra o jogador onde é que é o jogo, ou no de semana, por exemplo, hoje jogamo... hoje é domingo a gente tá jogando... vamo dizê aqui no Periquito... termina o jogo nós vamo dizê, ó semana que vem é no campo do Lagoa, eles tem que tá sabendo onde é que já é o próximo jogo mas eles vão cobra sempre do diretor de esporte isso aí. Se ficá um domingo sem jogo é peleia de faca. (F., 2003)

Além do diretor de esporte, muitas vezes o presidente também assume esta função de realizar contatos. A definição do Presidente geralmente acontece a partir de convite, acordo e avaliações que estabelecem a necessidade de ser alguém que tenha trânsito na comunidade, algum vínculo mais estreito com comerciantes locais, possibilidade de articulação com instituições públicas, relações com políticos e outras instâncias de poder que nem sempre ficam claramente definidas, pois atuam fora da formalidade jurídica. Ao Presidente cabe a representação política da equipe, sendo a pessoa que participa das reuniões das Ligas Independentes de Futebol, das reuniões que tratam da organização de campeonatos e de momentos que necessitem da representação. É dele que se espera as providências de manutenção e provimento das necessidades. Com o presidente atua uma diretoria que tem, na maioria os seguintes cargos: 2º diretor de esportes, treinador, auxiliar técnico, tesoureiro, tesoureiro, secretário, 2º secretário e em alguns casos faz parte do núcleo de diretoria a lavadora oficial e o farmacêutico ou borracheiro (como é chamado aquele que é responsável pela copa que acompanha o time com um isopor com gelo e bebida). Podemos verificar que nesta estrutura as funções são divididas em pares, pois desta forma assegura-se a presença semanal da diretoria nas atividades. Esta organização pode parecer profissionalizada, entretanto cabe ressaltar que é encarada

como lazer todos estão desempenhando com seriedade uma função para garantir seu lazer sem vínculos empregatícios, sem contrapartida financeira de forma livre e espontânea. Entretanto, a categoria lazer não aparece de forma pura, é atravessada de outros aspectos que podemos dizer antagônicos, a exemplo da esperança de profissionalização, sonho de muitas crianças e jovens que viviam no entorno dos campos de futebol. Esperança que é derrotada pela idade: aqueles que já ultrapassaram a fase de juvenil sem ter conquistado algum vínculo com equipes profissionais sabem-se fora deste jogo, o da luta pela profissionalização que garantiria a sobrevivência.

Não eu acho que com o nosso time aqui da Associação não... pra profissional não existe mais ninguém... já passaram da idade de se aposenta até como se fosse profissional. E de profissional não tem nada, porque os profissional, eles vão a campo pra ganhá dinheiro, aqui eles tão botando dinheiro pra í jogá, pra ti vê como é, é... eles, eles dão mais valor pros da várzea do que pros profissional. Profissional só querem ganha dinheiro, aqui eles pagam pra i, eles querem tá lá.

Segue o relato:

Então o profissional, eu acho que o único que teria aqui, que tem chance ainda é o Marcelo que é goleiro, né. Ele faz teste nesses time... tá fazendo... Ele tem dezesseis anos ainda, mas o resto... pra profissional não tem ninguém porque é tudo veterano.

Destaco um dos diários de campo para tentar descrever o que pude perceber além das falas que respondiam a esta questão da esperança de profissionalização:

Acordei cedo para chegar no campo da padaria antes das 9 horas, horário marcado para a chegada do time que tem jogo marcado com o time da Vila Pedreira. É o primeiro jogo que assisto, observo que a maioria dos jogadores estava presente na reunião do time na segunda feira, duas presenças chamam a atenção, pois não estavam na reunião. Um mais velho com cabelos grisalhos e outro mais novo que estava aquecendo era o goleiro (posição visível pelo fardamento). O time que já está quase completo permanece reunido próximo a linha lateral enquanto o goleiro disciplinadamente aquece com o auxílio

de um adulto e alguns meninos mais novos que chutam tentando fazer gol. A primeira diferença que observo após identificar o goleiro é a sua pouca idade com relação aos outros jogadores. Tendo início a partida, com atraso, pois o jogo começou com nove jogadores que foram aguardados ansiosamente por aqueles que estavam prontos no horário combinado. O campo estava marcado por uma hora a partir das nove horas e trinta minutos. A ansiedade aumenta quando passa o horário marcado, pois existem e outros jogos nos próximos horários havendo indisposição e às vezes o time que aguarda invade o campo quando o jogo o horário previsto (o que ocorreu ao final desta partida). Com o time então completo o jogo, já no seu segundo tempo, rola solto. Observo que todas as vezes que alguma jogada mais "dura" ameaça fisicamente o jovem goleiro é seguida de muitos protestos daqueles que acompanham o time (torcida) como também do treinador e do auxiliar técnico. Concluo que é por motivo da pouca idade do Marcelo (nome muitas vezes citado durante os lances da partida) e também por sua boa performance técnica (já que o time venceu o jogo). Entretanto com outras observações chama a atenção a forma diferenciada com que Marcelo é tratado. Não se envolve nos conflitos onde todos fazem questão de se aglomerar; quando é inevitável, pois está na jogada onde o conflito acontece, logo chegam outros jogadores do time para intervir e resolver a situação evitando o confronto. Na beira do campo ficam outros poucos adolescentes aparentemente mais novos que Marcelo. Estes entram em campo para completar o time enquanto os mais velhos não chegam. Assim que os atrasados chegam os menores dão lugar indo para a beira do campo, o que nunca vi ocorrer com Marcelo.

Além disto, quando o time inscreveu-se em um torneio, eram visíveis a maior torcida e a preocupação quando ele realizava boas defesas ou dividia bolas perigosas. A ponto de um dos jogadores que estava na reserva ficar, apesar de inúmeras advertências do juiz, junto à trave gritando em tom de ameaça para o time adversário que insistia em ser mais agressivo com o goleiro. Esta situação de diferença na vibração, no cuidado, na preocupação começa a adquirir algum significado em algumas conversas (os momentos de conversas durante os jogos, com a comunidade que acompanha os deslocamentos tornaram-se fonte de diálogos informais que permitiram melhorar a compreensão das relações e modos de convivência). Num dos dias em que acompanhei um jogo no torneio percebi uma senhora que era chamada de vó por todos (mesmo aqueles que não tinham este grau de parentesco) e sua especial atenção ao goleiro que também era seu neto (mais tarde fiquei sabendo que este tinha grau de parentesco, ele era o neto e pela sua

posição na equipe, ela era chamada de avó por todos). Conversamos e ela auxiliou-me a perceber mais profundamente aquelas “estranhezas” dizendo do orgulho do jogo do Marcelo e dos sacrifícios feitos para mantê-lo em uma escolinha de futebol ao mesmo tempo em que já anunciava uma preocupação de que estava na hora dele ser "descoberto" por alguém importante em algum time.

Eram dispensados ao Marcelo todos os cuidados, pois ele representava uma esperança de contratação por algum time profissional. O que também era depositado em alguns outros meninos em outros momentos da história da Vila. Em vários depoimentos que descreviam os tempos dos Campos do Cristal, a lembrança das escolinhas de futebol do Grêmio que ocupava e ocupa até hoje, um aterro do outro lado da Avenida Diário de Notícias bem próximas da área ocupada pela Vila.

A situação descrita sobre este período fala da impossibilidade de acesso dos meninos da vila, que passavam muito tempo nos campos envolvidos com as atividades de futebol, às escolinhas do Grêmio, tão próximas e ao mesmo tempo tão inacessíveis.

Eles já tiveram porque ó o Chico e o Pinho, os dois mano, né, o Israel... eles já treinaram no Inter... tiveram chance e não aproveitaram não sei porque e deixaram passa... mas sonho todos eles sabem que eles tinham, né... porque tem jogador ai por exemplo, que eu conheci quando eu comecei no Farroupilha, o Finho, o Cláudio eles eram guri de que, eles tinham o Finho devia ter uns oito anos, o Cláudio tinha de dez pra doze, viviam chuva, barro, domingo que não, não... a temporada eles tava na beira do campo chutando a bola e correndo atrás e tentando fazê treino... jogavam no outro lado do... quando a gurizada do grêmio ia treiná eles tentava fazê teste do lado de lá e não conseguiam nada, mas o que que eles queriam, o sonho deles era jogá bola, mas... tudo jogador que eu conheci de pequeno... o sonho deles, claro era jogá bola. Podia tá chuva... temporal... a eles tava sempre na bera do campo fim de semana, sempre... ou durante a semana mesmo, era... onde tinha uma bola tinha... de dez doze guri correndo atrás dela.

Existem, outros vínculos com o mundo profissional do futebol que também conferem destaque a alguns moradores do Condomínio Cristal como alguns jogadores que aparecem em jogos decisivos sem participar das reuniões de segunda-feira, e

compartilhar fielmente dos momentos de organização da equipe conseguindo mesmo assim lugar entre os titulares.

Um destes casos tem no jogador que já tem cabelos grisalhos, um fôlego invejável que lhe permite jogar toda a partida sem ser substituído e boa capacidade técnica que o destaca nas jogadas e gols assim sua posição é garantida não pela manutenção das regras de convivência e sim pela sua habilidade quase profissional. Outro destaque que faço relaciona-se a outro jogador que é responsável pelo gramado de uma escolinha renomada de um também renomado ex-jogador profissional, enquanto observo o jogo, estas informações sobre a profissão e sua importância no mundo do futebol profissional são ressaltadas pela função desempenhada no cuidado do gramado do campo do Internacional.

Encontramos outro trabalhador de clube profissional de futebol que participa da organização do time ASCOMOCRIS sendo uma das pessoas que mantém frequência em todas as atividades do time, compondo sua diretoria. Sérgio trabalha no Grêmio e traz em dias de jogos importantes um pote com pomada que serve para massagem em contusões e a exemplo dos jogos profissionais, o time deslocam alguém (no caso o filho do Sérgio) para cumprir a função durante o jogo. Neste sentido, o futebol de várzea que é vivenciado como lazer também aparece visto nesta perspectiva como possibilidade de sobrevivência, destaque social e acesso ao mundo do trabalho.

Entrelaçando momentos de trabalho/lazer, esporte profissional/amador os moradores/jogadores evidenciam um estilo de vida próprios, construídos pelos intervenientes e elaborados de forma bastante consciente por parte de seus praticantes (STIGGER, 2002, p. 212) diferente dos Caídos na Praia⁴⁰ cujo *ethos* esportivo era amador, ali naqueles momentos o *ethos* esportivo era profissional. Alguns momentos descritos pelos diários de campo, quando acompanhava o time da Condomínio Cristal, possibilitam mais claramente a reconstituição do que acontecia na Vila Campos do Cristal, não apenas porque as pessoas eram as mesmas senão também pelo mesmo tipo de atividade - o futebol de várzea. Assim construo o relato de como o sentimento de prazer e a vitória num torneio envolve todos e motiva comemorações e convívios que

⁴⁰ Um dos grupos estudado por Stigger em Doutorado publicado em 2002: "Esporte, lazer e estilos de vida". Autores associados.

ultrapassam os limites do campo. O que acontece no campo, para aquela comunidade, tem significados para além dele e a partir daí se estabelecem relações sociais.

Naquela manhã cheguei no campo do Gaelzer/Padaria para o que seria mais uma observação de jogo do time da ASCOMOCRIS. Entretanto o clima, o movimento, a quantidade de gente eram diferentes. Todo o campo fervilhava, não estavam apenas dois times e seus acompanhantes, ali iniciava o torneio que teria a duração de três domingos, cuja inscrição foi de R\$ 80,00 e contava com dois grupos com quatro equipes cada. ASCOMOCRIS, Santos, Trovão (da Pedreira), Guarani, Renascente (da Renascença), Botafogo, São Borja e Unidos (este perdeu todas por WO) eram os participantes que haviam aprovado um regulamento em reunião mediante pagamento da inscrição, que servia para a organização contratar a arbitragem, comprar a premiação, abrir o módulo⁴¹ da Prefeitura que serve de vestiário e banheiro, garantir a capina e limpeza geral.

O ânimo geral era outro, escalados para jogar no ASCOMOCRIS compareceram jogadores que nunca havia visto nas reuniões nem tampouco nos amistosos. A exemplo dos outros estavam acompanhados pelos familiares. Esta situação de escalação gerou um certo descontentamento que gerava algumas broncas na lateral entre técnico e reservas que protestavam dizendo que os critérios não estavam sendo mantidos. Referiam-se à participação, ao engajamento que eram os critérios da equipe. Entretanto, eram também os primeiros a encerrar a briga quando algum lance arriscado ou quase gol acontecia. A conexão é o jogo, e apesar das crianças que ficam no entorno conversando ou brincando, a atenção é no jogo e estão sempre conectados com o que acontece dentro do campo.

Cada equipe participante ocupa uma área bem separada uns dos outros. Como se trata de um torneio acontecerão três jogos no dia e a opção é fazer uma salsichada. O time do Santos estava em área possível de estacionar bem na lateral do campo. Uma breve apresentação onde fui perguntada sobre o quê mesmo eu faria as perguntas (com ar de avaliação) quando confirmei que era sobre futebol, colocou-se à disposição. O Zé como foi apresentado, estava com sua turma (mesmo estilo de vestir e postar-se, com chapéu de *cowboy*) conversamos um pouco e ficamos acertados que o procuraria no Bar

⁴¹ Módulo da prefeitura é o local onde existem banheiros e vestiário. Geralmente construídos em espaços onde além do campo de futebol tem outras áreas de lazer como *playground*, quadra poliesportiva e bocha. Nem sempre está aberto. Em se tratando de torneios normalmente esta estrutura está disponível. Durante os amistosos este espaço fica fechado, as crianças, mulheres e homens aproveitam-se do mato e das árvores para estes fins.

da Sinuca. Deixou claro que não tinham reunião quando perguntei onde participar com o time, deixou-me de fora.

A certa altura quando retomei até o lugar da comunidade ASCOMOCRIS, a bebedeira já tinha tomado conta daqueles que não estavam jogando e daqueles que já tinham jogado causando um tumulto com relação aos horários, pois chegara um time fora do horário combinado e queriam jogar. No campo, o time da ASCOMOCRIS empatou. Hora do almoço. Cada clã prepara seu grupo e churrasqueira, ficam todos na mesma área onde almoçam e descansam. No final do jogo, os jogadores procuram arbustos onde trocam de roupa entregando o fardamento para o responsável que já encaminha para a lavagem. As crianças também recebem uma higiene com a justificativa de que vão de ônibus. Todos se arrumam, não deixam os campos desalinhados isto só é possível para aqueles que são donos de carro.

[...]. Uma reunião dentro do módulo define, após um longo intervalo, que vai acontecer um sorteio com os participantes da final, inclusive aquele que perdeu os pontos. No sorteio que acontece bem depois o ASCOMOCRIS recebe o troféu de 2º lugar. Vem o diretor de esportes todo orgulhoso dizendo, ah! Não vale, vice-campeão não. Merecíamos o primeiro lugar. Exibe orgulhoso o troféu e recebe aplausos, não ele, o troféu [...] (Diário de Campo, 13 dez. 2003)

Era a final de um torneio onde a participação da comunidade foi bastante significativa. Os jogos iniciaram pela manhã e no final de semana anterior, já estavam organizando a chegada no campo. O deslocamento deveria ser cedo para garantir um lugar à sombra e espaço para montar as churrasqueiras portáteis que garantem o almoço. Aproximadamente sessenta pessoas deslocaram-se para o campo onde aconteceria a final do torneio, alguns de ônibus e outros de automóvel (os carros disponíveis invariáveis vezes fazem duas viagens até o condomínio para buscar jogadores que não tem como se deslocar).

O almoço é providenciado pelos homens que fazem o fogo, colocam a carne para assar e as mulheres providenciam os acompanhamentos e o atendimento às crianças. Neste dia eram três churrasqueiras que foram montadas em área próxima, porém com um código de respeito aos grupos que se dividem em cada churrasqueira. Observo também que existem diferenças no cardápio, alguns assam carne de gado e acompanha

salada, cerveja e refrigerante outros, asas de galinha e/ou salsichão acompanhado com pão e pouca bebida. Apesar destas diferenças percebo que todos, desde as crianças, sem nenhuma combinação formal deslocam-se precisamente entre o emaranhado de gente, sacolas, carvão, compartilhando e conversando durante o almoço. Convivem coletivamente mesmo tendo separado os cardápios e a estrutura. Após o almoço, o descanso à sombra propicia um cochilo para depois reiniciarem os jogos. Assim como a comunidade do Condomínio Cristal, os outros times também participam desta forma no torneio, colocando-se em outros pontos no entorno do campo. São os diferentes "pedaços" que participam do mesmo "trajeto". Esta atividade da final do torneio, em outros jogos podemos verificar a presença das comunidades dispostas no entorno do campo, entretanto o almoço é mais simples e rápido, conta com uma estrutura menor e a efervescência no entorno do campo é bem menor não somente pelo número de pessoas, mas também pela forma com que manifestam suas torcidas. O torneio é revestido de significado especial, a premiação é motivo de orgulho conforme depoimento sobre o retorno ao condomínio após a final que garantiu o troféu ao time ASCOMOCRIS.

Estava muito boa a festa, viemos para cá e entramos todos com os carros juntos buzinando e mostrando o troféu. Nos juntamos ali (no espaço coletivo do time, onde acontece o bingo). Bebemos toda a cerveja e ainda fomos comprar outro engradado, foi ótimo dançamos. E o Farroupilha pode ver que nós também ganhamos troféu. (Leandro, 2004)

O relato da chegada triunfal e a motivação para a festa não são práticas do ASCOMOCRIS unicamente: a conquista de alguma premiação sendo medalha ou troféu simboliza a vitória, dá sentido e significado àquela prática de esporte e lazer o que era vivenciado de maneira coletiva e com muita intensidade nas sedes dos times na Vila Campos do Cristal. Muitas vezes estes momentos de intensidade estão recheados de violência e conflito, mas o que pude observar é que mesmo assim, a fruição do divertimento acontece. Em momentos de extrema disputa e tensão no jogo a torcida está envolvida e necessariamente cada parte no conflito mesmo que fora dos limites do campo e das jogadas, são a mesma coisa.

Como dito anteriormente, os times levam o que chamam de copa, em dias de torneio não tem a tradicional copa ambulante (isopor com gelo) e sim um toldo esticado em

frente ao vestiário onde funciona a copa oficial. Porém, ao ser apresentada para o presidente do Santos (indicação de Leandro) percebo uma copa clandestina dentro de um dos carros. Não existe contrato escrito, nem fiscal, mas todos respeitam a copa oficial inclusive quando estão em um campo como o Campo de Periquito que tem uma pequena construção que funciona como copa. Para beber é necessário ter dinheiro ou conta com o chamado "Borracheiro" (nome do dono da copa) e não há limite para o consumo. No jogo contra Trovão já com boa parte do time com longa despesa na copa, algumas mulheres já brigavam com maridos, dizendo do motivo da falta de jogo - excesso de bebida - outros se exaltavam com adversários; não sabemos se por estes motivos ou por outros, mas o time não saiu vitorioso. No próximo final de semana seria a última rodada do torneio e as combinações de praxe foram feitas: reunião na segunda, fardamentos para lavagem e combinações de transporte.

Conforme combinado desloquei-me para o local no domingo um pouco depois do horário de início. Cheguei no campo já com os jogos iniciados e, o "bixo pegando" como logo fui advertida. Todas as sacolas (lotadas, pois o objetivo era comemorar a vitória), colocadas em um monte no meio de todos e as falas eram: "eu não quero nem saber, passo a mão no que é meu e corro pro mato", outros: "eu não, deixo tudo pra lá e corro, os caras estão com PT, que que tu quê..." (aprendi lá que PT é um tipo de arma de fogo).

Ao buscar esclarecimento fiquei sabendo da reunião de quarta-feira onde a decisão da organização do torneio havia sido de punição da equipe que ganhara a partida, pois o recurso de descumprimento do regulamento fora julgado. O time da Pedreira tinha perdido os pontos e estava ali todo fardado dizendo que ia jogar e que não aceitava a decisão. Todos aguardavam o desfecho com certa preocupação, mas não iam embora a despeito do risco que diziam estar correndo. Até as crianças, um pouco tensas conversavam em como iriam agir. Uma diz: "Vou me esconder atrás daquela arvorezinha ali, apontando para um arbusto".

Acontece o primeiro e o segundo jogo, antes do final do segundo tempo, a arbitragem (toda fardada, oficial) que havia já algum tempo sendo desrespeitada pelo time do Santos em diversas jogadas, expulsa um dos jogadores que indignado puxa uma briga que descamba para a agressão do trio de arbitragem. Foi difícil a intervenção de gente de fora possibilitando que o trio chegasse até o módulo ficando trancado lá até a chegada da Viatura da brigada militar. Este acontecimento de certa forma deslocou o centro das

tensões. Sai do campo o trio de arbitragem dentro da viatura. Mais um tempo e, as sacolas já tinham sido espalhadas e algumas sugestões de ir para Ipanema com tudo para assar a carne já eram lançadas. Outros diziam: "vamos até a vila e fazemos uma churrascada lá tudo depende do que vai acontecer agora". Ao final não deu briga, pois fizeram um outro jogo, mas os momentos foram tensos e o clima de violência permaneceu latente. Conversando sobre o passado os depoimentos colocam que nos Campos do Cristal o espaço era maior, a organização mais fácil e o convívio permanente o que possibilitava relações menos tensas e ainda assim a droga e a violência existiam.

[...] aqui essa desunião essa coisa entre eles eu acho que não é, eu acho que tem que se mais é... separado, lá tinha o vizinho que morava no lado um do outro eles... botaram uma casa num canto outro assim já foi, né, começaram a se mudá, deslocaram, assim fico tudo separado um do outro. E a preguiça de dá dois três passo pra saí conversá... é, é ruim. E aqui fico pior é na coisa aqui... é... esse negócio de tráfico de droga, as violência, as briga... se dá uma briga dá um tiro, já sabe onde é que é, porque que... fico pequeno né, e lá não, lá era campos e campos, né. E aqui não, aqui eles fazem... acontece venda aqui ai já sabe... ou deu uma briga, só corrê ali na esquina já sabe onde é que é, sabe porque a vila fico um bolo pequeno né, lá não, lá era espalhado. (A., 2003)

Relatos:

Nada, aqui dá um tiro aqui, já sabe oh! deu tiro não importa se lá embaixo ou lá em cima mais sabe... ouviu uma sirene, já sabe deu rolo, lá não, podia entra viatura pra tudo que é lado, passava no diário de notícia, lá... podia entra lá do outro lado lá... ninguém ia vê nada... mas aqui não aqui fico centralizado até fico pequeno (Z., 2003).

Claro, ainda mais as rua, que a gente sabe né que tem esses problema né, o pessoal já evita de entra nessa rua, ó lá, aqui não dá pra entra, naquele canto não dá pra í, até o fim daquela não dá pra i todo mundo sabe, né... então por isso que... fica aquele clima meio pesado ai dos pessoal sai pra rua [...]. (P., 2003)

[...] as reunião é o que a gente pedia, era a creche, o posto de saúde e o campo de futebol, só que teve uma comissão lá que foi muito

banana, eles negociaram as coisa e chego aqui não aconteceu nada do que eles queriam que acontecesse. Inclusive o pessoal que tinha... não tava certa a metragem da casa, passando daquela metragem a casa, eles ganhavam um kit pra construir. Até hoje não saiu o kit desses familiar, não saiu nada. Eu não tenho que vê, eu fui lá de gaiato, consegui minha casa lá mais... lá mesmo eu já consegui minha casa quando pedi um casal. Agora o pessoal que tinha casa grande, esses negócio de, de, de ... agricomércio, que foi muito mal negociado. (A., 2003)

Nos vários momentos observados, mesmo aqueles cujos relatos demonstram a insegurança, mulheres e crianças estão presentes. A participação feminina, no caso da Vila Campos do Cristal não se reflete na organização de uma equipe feminina de futebol. A participação das mulheres em jogos acontecia em momentos festivos e nas excursões onde o time que recebia na cidade geralmente organizava uma equipe feminina e o time visitante também. Em depoimento que relatava uma das excursões realizada pelo time Farroupilha aconteceu um jogo feminino e segundo o esposo, sua parceira nunca mais jogou por conta deste episódio: "Bom problema deu na verdade... ela foi jogá no gol, no futebol das mulher e quebro a perna ... fico dois dia parada em casa. [...]. Foi, sozinha piso num buraco e caiu" (A, 2003).

Ainda assim identificamos a participação feminina no entorno das quatro linhas, uma participação que também busca divertimento e prazer, que acompanha o desenvolvimento de tarefas de trabalho na organização, nas providências de manutenção demonstrando que o futebol de várzea é de maioria mas não exclusiva participação masculina conforme Guedes (1998) já havia destacado. Para elas estar participando é motivo de alegria como define Vera:

A gente se diverte muito, aqui não tem nada pra fazer! É longe de tudo, no Periquito vamos a pé mas quando é mais longe nem todo o mundo consegue ir. Às vezes dá carona, mas tem que levar os jogadores também! Aí dá briga, os maridos ficam na parede. Quem pode faz duas viagens. (V., 2003)

Nos Campos do Cristal situações como as descritas no torneio em que participaram os moradores do Condomínio Cristal também acontecia com a ressalva da facilidade da

proximidade de casa. Situação que foi alvo de discussão entre a comunidade e o poder público na tentativa de preservar esta convivência.

Ah! Vários presidentes de time eram também nosso presidente da associação. No tempo do Fábio começou uma negociação da prefeitura para que houvesse um loteamento ali mesmo, para nós. (S. P., 2002)

Além dos times da Vila Campos do Cristal, os torneios e campeonatos reuniam muitas equipes, os dados numéricos registrados nas páginas iniciais não puderam ser comprovados além dos depoimentos dos mais antigos uma longa pesquisa nos jornais da época não solucionou o problema da falta de listagem dos times frequentadores daquele espaço. Alguns aparecem de forma recorrente nos depoimentos, quais sejam: As de Ouro, Jamaica, Santo Alfredo, Divisa, Praça XV, União, SAC, Vila Cristal, América, Farroupilha, Botafogo, Tabajara, Santos, Florestal, Madepinho, Walig e Gerdau (estes últimos tinham campo na zona norte). Convidar outras equipes que possuíam campo de futebol era garantia de saídas da Vila levando o mesmo tipo de movimentação comunitária para as outras regiões da cidade o que também se constituía numa forma de lazer.

Estas atividades tinham envolvimento de grande parte da comunidade que lembra da participação de maneira muito especial, cada um dos colaboradores entrevistados lembra de um ou outro aspecto relacionado a estas vivências:

[...]. Quem marcava era tudo contato com o Adriano que era o ... o Presidente ... tinha o Bira, também foi Presidente do nosso time e ... e eles com o conhecimento dos outros se telefonavam ... 'ó dia tal é a excursão' a gente passava um ofício avisando que a gente ia... eles mandava de volta o ofício... tá confirmado... a gente chegava ... ficava sempre na entrada da cidade do interior assim ... tinha uma comitiva deles esperando nós... e jogo nós vamo tranquilo. (F., 2003)

As excursões eram organizadas pela diretoria e os locais eram os mais diversos desde as Praias como Torres, Cidreira e Tramandaí interior e região metropolitana a exemplo de Pelotas, São Leopoldo, Canoas, Arroio do Meio entre outras conforme lembram os mais velhos. Segundo os depoimentos na maioria das vezes deslocavam-se em até dois ônibus.

[...]. De bom sempre tinha comida... comida e baile, festa... agora de ruim era organiza ... na última hora vinha gente correndo... olha Alvaro falta um real... posso entra no ônibus... vai entra, alguém já... sempre foi assim nas excursões do Farroupilha, era na última hora... não tinha... tentava chega, cobra... não, amanhã eu dô, amanhã eu dô. amanhã eu dô... (A., 2003)

[...] mas chegava na última hora sempre aparecia ele lá cum ... se era dez tinha nove, mas um tava guardado no bolso dele pra um de nós paga, a gente sabia, né ... faltava atleta... então sempre do diretor de esporte, do treinador ou do conselheiro, sempre saia um dinheiro... mas sempre teve excursão boa... nunca, que eu me lembre ... na época do Farroupilha ... uma excursão que teve uma discussão, discussão, mas... briga nunca teve... era bem organizado, sempre ... e sempre do interior, o pessoal do interior não é de brigá, essas coisa.[...] (A., 2003)

[...]. Todo mundo... nunca teve um ônibus só de excursão ... sempre dois ou três, sempre... era os atleta, pras esposa, todo mundo (P., 2003)

Outros momentos protagonizados pelos atores desta prática esportiva apareceram durante a tentativa de reconstituir este modo de vida que delineou uma relação cultural naquela comunidade, a comida como momento de reunião além de churrascos tinha sopão, peixada e algum outro cardápio sugerido e providenciado geralmente por um grupo. Este conjunto de ações coletivas possibilitava muita convivência e a paixão pelo futebol parece ter sido uma motivação bastante característica daquele modo de vida como exemplifica o depoimento de Evaristo:

[...] um dia eu estava pronto para ir a uma importante festa da família. Com sapato limpo, roupa boa e banho tomado. Passei pelo campo e resolvi ficar vendo o jogo que foi ficando emocionante, disputado. De repente o nosso time fez um gol, tinha chovido e estava tudo naquela molhaceira. Sem nem pensar sal correndo de emoção para comemorar, quando me dei conta olhei para os sapatos que eram pura lama. Imagina o que é o futebol! (E., 2004)

Este era o futebol da Vila Campos do Cristal.

Assim como Stigger (2002 e 1997), Guedes (1998) e Magnani (1987) já haviam identificado, ali também percebemos competitividade e divertimento, identidade e pertencimento num pedaço que os particulariza e coloca a prática do futebol de várzea como elemento constitutivo do seu modo de vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os olhos dos pobres

Ah! Você quer saber por que a odeio hoje ... Sem dúvida lhe será menos fácil compreendê-lo do que a mim explicá-lo; pois você é, suponho, o mais belo exemplar de impermeabilidade feminina que se possa encontrar. Havíamos passado junto um longo dia, que me parecera curto. Tínhamos jurado um ao outro que todos os nossos pensamentos nos seriam comuns, e nossas duas almas, daquele dia em diante, não seriam mais do que uma só: sonho que, além de tudo, nada tem de original, a não ser que, sonhado por todos os homens, ainda não foi realizado por nenhum.

Ao anoitecer, um pouco fatigada você desejou sentar-se diante de um café novo, na esquina de um novo bulevar que, ainda cheio de entulho, já ostentava gloriosamente os seus esplendores inacabados. O café resplandecia. O próprio gás mostrava ali todo o calor de uma estreia, e alumiava com todas as forças as paredes de uma brancura cegante, as toalhas rutilantes dos espelhos, os ouros dos astrágalos e das comijas, os pajens de faces rechonchudas levados de rastos pelos cães atrelados, as damas rindo ao falcão encarapitado em seu punho, as ninfas e as deusas trazendo à cabeça frutas, pastéis e caças, as Hebes e os Ganimedes apresentando, de braço estendido, a pequena ânfora de *bavaroises* ou o obelisco bicolor dos sorvetes mistos: toda a história e toda a mitologia postas a serviço da gula. Na calçada, diante de nós, víamos plantado um pobre homem dos seus quarenta anos, de ar fatigado, barba meio grisalha, que segurava por uma das mãos um menino e trazia no outro braço um pequenino ser ainda muito frágil, incapaz de caminhar. Servindo de ama, fazia os filhos respirarem o ar da noite. Todos em trapos. Eram três fisionomias extraordinariamente sérias, e seis olhos que contemplavam o novo café com admiração igual, mas diversamente colorida pela idade. Os olhos do pai diziam:-

·"Como é belo! como é belo! Dir-se-ia que todo o ouro do pobre mundo foi transportado para estas paredes."

Segue o texto:

Os olhos do menino: --!como é belo! como é belo! Mas é uma casa onde só podem entrar as pessoas que não são como nós." Os olhos do menorzinho, esses, de tão fascinados, revelavam apenas uma alegria estúpida e profunda. Dizem os cancionistas que o prazer toma a alma boa e abranda o coração. Em relação a mim, tinham razão as canções, naquela noite. Eu não só me sentia enternecido com essa família de olhos, senão também um pouco envergonhado de nossos copos e nossas garrafas, maiores que nossa sede. Voltava os meus olhares para os seus, querido amor, neles procurando ler o meu pensamento; mergulhava nos seus olhos tão belos e tão estranhamente doces, nos seus olhos verdes, habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, Quando você me disse: - Que gente insuportável aquela, com uns olhos escancarados como portas cocheiras! Você não poderia pedir ao dono do café que os afastasse daqui? Tanto é difícil entenderem-se as criaturas, meu anjo querido, e tão incomunicável é o pensamento, mesmo entre aqueles que se amam!

(Charles Baudelaire: **Pequenos poemas em prosa**. Tradução de Aurélio Buarque de Holanda. 2. ed., Editora Civilização Brasileira, 1966)

O poema de Baudelaire *Os olhos dos pobres*, com seus personagens da Paris do século XIX, dizem dos contrastes urbanos. Estes contrastes terrificantes entre mundos, dos incluídos e excluídos, dos estabelecidos e dos "outsiders", só é superado pelo encontro dos olhares daqueles homens e mulheres que circulam por entre os escombros da cidade que se transforma. Convivem ali, resíduos de um tempo e de um espaço cuja materialidade sucumbe a força do poder econômico. Até mesmo sob novas diretrizes do que se tem chamado de desenvolvimento sustentável vemos apagados do traçado urbano possibilidades de práticas sociais que sustentavam redes de sociabilidade. Sob a alegação da violência e da insegurança, momentos de fruição humana diminuem cada vez mais do cenário público restringindo-se aos espaços privados. Que cidade é esta que estamos a transformar?

Correntemente verificamos apologias que ressaltam os valores do humano como a ética, a justiça e o amor colocados como a grande lacuna atual nas relações sociais sem que possamos vincular estas carências ao mundo concreto dos espaços onde estes valores estariam sendo exercitados. O espaço em sua materialidade também diz da imaterialidade, nele estão inscritas as memórias, as vivências e os valores daqueles que se apropriam dele. Assim, o discurso sobre a importância da várzea como parte deste todo urbano, parece saudosismo e vitimização para alguns, entretanto, neste espaço físico dos campos de futebol, nesta prática esportiva coletiva encontramos processos de significação, de auto valorização, de orgulho e de pertencimento que fortalecem as relações humanas na cidade. Transformar a cidade significa também alterar suas relações sociais. Não se trata aqui de uma apologia ao futebol de várzea, tampouco a romântica ideia de que ali, naquela prática esportiva repousa toda a dignidade humana. Gostaria simplesmente de chamar a atenção para os processos humanos que acompanham esta prática esportiva, destacar a importância da ação coletiva para que possamos de fato revitalizar a cidade. Revitalizar a arquitetura urbana deve também significar a preservação da fruição humana além de garantir boas fotos aos turistas e viajante. Para que isto aconteça, no meu ponto de vista, o respeito pela manutenção de práticas sociais e culturais torna-se imprescindível. A tendência urbana, tanto dos movimentos oficiais como no simbólico da população, é de destruir becos, cantos e praças considerados como locais inseguros com práticas suspeitas. Com isto a cidade formal empurra a cidade informal para fora de seu eixo central e assim retira do espaço urbano oficial parte de seu significado, tornando-o asséptico e sem história oportunizando vários passeios e muita contemplação diminuindo a fruição humana que, cheia de contradições e conflitos, tece uma rede que sustenta a convivência de grupos, vilas e pessoas, como bem sinalizou a historiadora Sandra Pesavento em suas pesquisas.

Porto Alegre, assim como outros centros urbanos passaram por inúmeras intervenções no seu traçado, inevitáveis avenidas modificaram a paisagem assim como modificaram as relações humanas inscritas naqueles espaços.

A partir da modificação da paisagem no Bairro Cristal o problema desta investigação começou a ser construído. Na curiosidade em saber para onde fora aquela população, que habitava o entorno de campos de futebol, como era o espaço do novo endereço e da constatação das diferenças dos espaços para a prática esportiva é que foi formulada a

pergunta: Qual o lugar da prática do futebol e seus significados nas relações e no modo de vida na comunidade da Vila Campos do Cristal?

Esta pergunta se justificava teoricamente pelas reflexões que dizem da importância da constituição e apropriação dos espaços que caracterizados materializam representações sociais transformando territórios em lugares de significação, conferindo a indivíduos e grupos identidade. Pela importância das práticas de lazer no fortalecimento das redes de sociabilidade e pelo sentimento de pertencimento cunhado nas relações culturais vividas no entorno do futebol entendido como drama social.

Assim, várias questões suscitavam a pesquisa que buscava uma aproximação metodológica com a etnografia para descrever o passado vivido na Vila Campos do Cristal e o cotidiano relacionado aos jogos de futebol de várzea. A partir dos depoimentos, relatos, observações e entrevistas relacionadas com os dados recolhidos de jornais e documentos algumas pistas foram sendo descobertas para a sinalização de possíveis respostas ao problema da investigação.

Durante o tempo desta investigação, muitos eram os que ficavam surpresos com a inconformidade da comunidade da Vila Campos do Cristal com o novo espaço de moradia que contava com saneamento básico, melhores condições de moradia contando inclusive com uma quadra poliesportiva, sem saber que para aqueles moradores isto pouco representava no universo simbólico e nas relações de vizinhança.

Inicialmente a reconstrução da história da formação da Vila Campos do Cristal e a forma de ocupação daquele espaço urbano, foram alvo das primeiras investigações. Este caminho claramente sinalizou que a prática do futebol de várzea, naqueles campos, havia se constituído como aspecto central no processo de formação da vila e ocupação dos espaços no entorno dos campos.

Com um olhar mais de perto, a partir da reconstrução do modo de vida no entorno dos campos, as sedes dos times e suas inúmeras atividades comunitárias descortinaram uma forma de convívio muito particular, onde as relações de vizinhança, os momentos de lazer e outras formas de ação coletiva caracterizavam aquele espaço urbano de maneira singular constituindo-se desta forma num *pedaço*. As festas neste entorno assumem então significados que entrelaçam crianças, jovens e adultos, num cotidiano que tem na prática do futebol um forte elemento de significação coletiva. Dessa maneira, os jogos e

seu entorno acontecem para além do momento esportivo. A participação em torneios, campeonatos e excursões com a presença de homens e mulheres, dividindo responsabilidades para viabilizar estes momentos coletivos, que aconteciam *em casa* e *fora de casa* possibilitavam vivências que fortaleciam as relações de vizinhança e de pertencimento, abrindo com isto mais uma possibilidade para respostas sobre o lugar do futebol naquele modo de vida.

Se o espaço dos campos de futebol era ao mesmo tempo lugar de jogo, de brincadeiras, de convívio, de divertimento enfim como o espaço de rua, entendida a rua não como espaço de circulação, mas como lugar e suporte de sociabilidade, onde ela se refugiou no novo endereço?

No atual endereço daquela comunidade, ainda existe uma tentativa de manter uma regularidade singular nos comportamentos e nos estilos de vida, o que acontece de forma bastante frágil. Nesta tentativa as questões econômicas excluem um número muito maior de moradores que ali acabam confinados à casa, pouco ou quase nada significando o espaço da rua como o espaço de convivência e fruição. Assim, os conflitos e o espaço da violência ganha força soterrando vínculos de vizinhança e de ação coletiva comunitária.

Quando Elias (2000) fala da particularidade do orgulho dos grupos humanos e da possibilidade de reconhecê-lo como uma forma positiva da autoavaliação das pessoas enquanto indivíduos ou grupos, alerta para outro aspecto importante naquela vila que não existe mais: o futebol conferia um valor de destaque para os moradores daquele espaço, ocupado de forma irregular, por ser frequentemente visitado por várias equipes e torcidas que vinham de diferentes bairros da cidade, o que era motivo de orgulho.

Habitar um local com muitas dificuldades estruturais, de moradia irregular e transitória era minimizado pelas atividades e relações oriundas da prática do futebol. Os campos de futebol eram um espaço de sociabilidade das vilas do bairro e constituiu-se num *pedaço*. Ao mudar de endereço estas relações se modificaram assim como o desfrute do lazer. O território como demarcação é importante por tudo que já vimos, na constituição do *pedaço*, pertencer ao *pedaço* implica em ser reconhecido, fazer parte de determinado código, onde as regras são estendidas também para o coletivo onde de certa maneira são acatadas. Fato que também se observou frágil nas relações no novo endereço. Os depoimentos sobre as constantes brigas entre vizinhos, em número maior do que acontecia na Vila Campos do Cristal e o fortalecimento da rede de tráfico de

drogas são alguns dos sinais de desintegração de algumas regras comuns. Mesmo que estes aspectos não tenham sido objeto de investigação e análise, eles apareceram constantemente nas falas tanto dos moradores quanto dos professores da escola indicando talvez um novo ciclo de regramento naquela comunidade, parecendo que um outro *pedaço* já busca base territorial para constituir-se.

As dimensões do lazer e da cultura se interligam na busca de maior qualidade de vida e da modificação das centralidades no espaço. Por entre a aparente desordem e do caos urbano existem regularidades - no espaço, nos comportamentos e nos estilos de vida. Percebe-se então, que o primeiro olhar não revela tudo, deixando escapar padrões e significados. A festa de aniversário comemorando um ano do time organizado no novo endereço, revela uma tradição que não desapareceu com os campos de futebol do Cristal. Isto não apenas pelo evento gastronômico, mas principalmente pela cerimônia de premiação que demonstrou um ritual bem reconhecido por todos os participantes e espectadores. Muitas casas abertas e iluminadas com seus moradores desfrutando o movimento festivo da rua revivendo o que acontecia nas sedes dos times no antigo lugar. Observa-se, assim, que a festa reúne, aglutina e traz para a convivência, o entretenimento e o encontro uma grande parcela daqueles moradores.

Fora do pedaço, as relações são diferentes, nos momentos em que um dos times da vila joga fora de casa e é acompanhado pelo seu pedaço percebem-se diferenças nas relações. Nestes espaços, nem todos se conhecem, mas se reconhecem como portadores de mesmos gostos, hábitos e modos de vida semelhantes enfim, compartilham dos mesmos símbolos.

Ao final, algumas categorias de análise como a esperança profissional, a questão da subsistência e o mercado, a violência, as relações de vizinhança e as formas de lazer levantavam pistas de que naquela população, o futebol tem lugar além do tempo do jogo e das quatro linhas. Se compararmos alguns dados do presente, no novo espaço de moradia, poderemos verificar algumas diferenças: os times mais antigos existem somente na memória, o mais antigo cuja sede abrigava inúmeras atividades permaneceu articulado por algum tempo apenas; no novo endereço fundaram um time novo ligado a Associação de Moradores (nele jogam misturados jogadores de vários times antigos), a vizinhança não convive sistematicamente em sábados e domingos coletivos assim como não recebem tantos visitantes para não dizer quase nenhum e o espaço dos campos foi

substituído por uma quadra poliesportiva. Em depoimentos que descrevem as diferenças entre os dois espaços podemos identificar que estes são caracterizados como lugares diferentes.

Entretanto, o vínculo com a prática do futebol de várzea e dos modos de convivência que acompanham esta ação coletiva é percebido não apenas pelo fato de ainda estarem de alguma forma articulados, mas também pela presença de amigos, familiares e vizinhança nos momentos de deslocamento para jogar nos campos mais próximos.

A mudança de espaço modificou as relações no e do pedaço, a falta do campo como caracterização espacial de um modo de vida parece ter alterado a definição e identificação do lugar apesar da vizinhança ser a mesma no Condomínio do Cristal sendo cada vez mais escassos os momentos coletivos compartilhados. Assim verificamos que na Vila Campos do Cristal fundou-se, muito mais do que vários times de futebol, um sistema de significados e representações sociais fortalecendo um modo de vida que carrega, para o novo endereço, uma cultura singular.

As cidades se transformam e os espaços possivelmente são recriados nas formas de convivência a exemplo da vida nos Campos do Cristal que tendo o espaço em sua materialidade alterado, transformado, permanecem o passado e o presente tecendo uma rede de relações e modos de vida que preservam, no imaginário os sistemas de significados de sua cultura.

A questão do espaço como expressão reveladora de modos de vida poderá quem sabe ressaltar o lugar da prática esportiva no universo das cidades. Estes espaços poderiam ser preservados por políticas públicas, buscando a articulação de várias formas de convivência sem privilégio de grupos específicos, nem de interesse corporativos, mas com possibilidade de atuação local, vinculado aos sistemas de significados seja no bairro ou em grupos de associações. Desta forma as políticas públicas e a gestão urbana poderiam garantir espaços para que atuem nele diferentes significados, preservando áreas comuns. O planejamento e a gestão urbana poderiam buscar um olhar mais acurado para as diversas formas de convívio no lazer, com a preocupação de perceber as redes de sociabilidade onde práticas, entre elas o futebol, aparentemente desvinculadas com outros aspectos da vida, teriam muito a dizer sobre a cidade

Talvez a partir daí pudéssemos romper com a permanente dificuldade, de colocar o debate do lazer e da cultura junto ao eixo central das políticas públicas, desafiando a possibilidade de fruição humana nos centros urbanos, definindo políticas e orçamentos públicos para ampliação destes espaços.

Contudo encontramos manifestações culturais que procuram manter as relações de lazer, de entretenimentos e formas de encontro, demonstrando com isto que as transformações dos espaços na cidade nem sempre correspondem às mesmas transformações no imaginário da cidade e a população da Vila Campos do Cristal reforça esta ideia. Nos dois espaços e tempos dos moradores da Vila e do Condomínio do Cristal o futebol está presente, compondo significados e representações culturais em seu modo de vida. O Depoimento do diretor de Esportes, Jorge, revelou-se bastante significativo como representação daquele universo e, por isso, fez parte do título do trabalho:

[...] estava desempregado, fui jogar no domingo; no final do jogo comentei com um conhecido do outro time que a situação estava difícil e ele comentou sobre a vaga para trabalhar. Na segunda eu estava empregado. Viu?

O futebol faz rolar mais do que uma bola.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR-10520**: Informação e Documentação - Apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002a, 4 p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBARELLO, L. et. al. **Práticas e métodos de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1997.

BACHELARD, G. **Epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BALANDIER, G. **Antropo-lógicas**. São Paulo: EDUSP, 1976.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Lisboa: Porto Editora, 1994.

BORDIN, A. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CALVINO, Í. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

CARRANO, P. C. R. (org). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CARVALHO, Y. M. de; RUBIO, K. (org.). **Educação Física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

CASE, P. **A cidade desvendada**: reflexões polêmicas sobre o espaço urbano, seus mistérios e fascínios. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CENTRO de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, **Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**; antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

COSTA, R. H. da; MOREIRA, I. A. G. **Espaço e sociedade no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

DA MATTA, R. **Esporte na sociedade**: um ensaio sobre o futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982.

_____. **A Casa & a Rua**; espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **O que faz do Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário, introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Dfiel, 1992.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**; sociologia das relações de poder a partir uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (orgs.). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FIGUEIREDO, R. de; LUCENA, M. W. P. (orgs.). **Esporte história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O saber local, novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, G. J. **Fútbol e identidades locais**: dilemas de fundación y conflictos latentes em uma ciudad "feliz". Buenos Aires: Mino y Dávila, 2002.

GUEDES, S. L. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 1998a.

_____. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HISTÓRIA: questões e debates. Curitiba: Editora da UFPR, 1980.

III Congresso da cidade. **Caderno de teses**: construindo a cidade do futuro. Porto Alegre, 2000.

III Congresso da cidade. **Resoluções**: construindo a cidade do futuro. Porto Alegre, 2000.

KUNHEN, A. **Os nativos da Ilha de Florianópolis e sua relação com o meio ambiente**. Tese de Doutorado, USC, Santa Catarina, 2000.

LAMBERT, M. S. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

- LEVER, J. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, [s/d].
- MACEDO, C. C. **Tempo de Gênese**; o povo das comunidades eclesiais de base. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**; cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.
- MAGNANI, J. G.; TORRES, L. de L. (orgs.). **Na Metrópole textos de antropologia urbana**. São Paulo: USP, Fapesp, 2000.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MELA, A. **A sociologia das cidades**. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.
- MURAD, M. **Pesquisa de campo. Brasil: futebol tetracampeão do mundo**. Rio de Janeiro, Revista do núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ, 1995.
- OLIVEN, R. G. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- OLIVEN, R. G.; DAMO, A. S. **Fútbol y cultura**. Buenos Aires: Norma, 2001.
- PEREIRA, J. C. R. **Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, Secretaria do Planejamento Municipal. **Plano diretor de desenvolvimento urbano ambiental. PDDUA, Lei comentada**. Porto Alegre, 2000.
- PREFEITURA Municipal de Porto Alegre. Secretaria Municipal da Cultura. **Memória dos bairros: Cristal**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal de Cultura, 2003.
- REIS, C. N. dos; PRATES, J. C. (orgs.). **Fragmentos de uma metrópole, meninos e meninas em situação de rua**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. Tese de Doutorado, Unicamp, São Paulo, 2001.
- ROSSARI, T. T. **"Lá não tem bagaceiro"** – Shopping Center Iguatemi de Porto Alegre: o significado de um espaço coletivo como indicador de identidade social. [s/l] [s/d].
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- _____. **Por uma geografia nova, da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 2 ed. Santos: Hucitec, [s/d].
- SELLTIZ et. al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Edusp, 1975.
- SILVA, L. A. M. da. A continuidade do "problema da favela". In: OLIVEIRA, L. L. (org.). **Cidade: História e Desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- SOARES, A. J. G. **Futebol, Malandragem e identidade**. Vitória: SPDC/UFES, 1994.
- SOUZA, M. L. de. **O desafio metropolitano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: SP Autores Associados, Chancela Editorial Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2002.

TOLEDO, L. H. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S.; MOLINA NETO, V. (orgs.). **A pesquisa Qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

VELHO, G. **A utopia urbana**; um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

VERONEZ, L. F.; MENDES, V. Simpósio Nacional de Educação Física. **Políticas públicas de educação física, esporte e lazer**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel-ESEF, 1999.

VERSO & REVERSO. Centro de Ciências da Comunicação **Futebol, mídia e sociedade**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

VOTRE, S. (org.). **Representação Social do Esporte e a Atividade Física – ensaios etnográficos**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZALUAR, A; ALVITO, M. (orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ANEXOS

GERAL

PORTO ALEGRE

Famílias transferidas se queixam das novas moradias

Ex-moradores de loteamento irregular têm problemas de infra-estrutura

TICIANO OSÓRIO

Os pontos de medidor hidráulico da casa de Jacqueline Martins giram sem parar, enquanto a água jorra pelo cano da linha telefônica. A instalada cena é apenas uma das razões pelas quais as 400 famílias removidas entre setembro e novembro de 1998 da Vila Campos do Cristal para a construção do Cristalshopping não estão satisfeitas com suas novas moradias. Transferidas de um loteamento irregular na Avenida Diário de Notícias, os moradores do conjunto habitacional Campos do Cristal, na Vila Nova (zona sul de Porto Alegre), prepararam um manuscrito com 18 páginas de reclamações.

Eles se queixam de falhas na estrutura dos 380 sobrados de alvenaria. Pedem providências

quanto aos problemas na rede elétrica, nas instalações hidráulicas e no escoamento de água e de esgoto. E cobram o cumprimento de promessas, como a construção de uma praça, uma creche, um posto de saúde, um centro comunitário, um campo de futebol, a instalação de telefones públicos e a extensão de uma linha de ônibus até o local. Inconformados com a situação, os membros da Associação dos Moradores do Condomínio Campos do Cristal realizam hoje uma nova assembleia para discutir o assunto.

Só ergueram a escola. As casas têm rachaduras nas paredes internas e externas da casa - protesta a dona de casa Maria de Fátima Oliveira, apontando para a rachadura que revelou que a viga de sustentação de um sobrado era de tijolo, e não de concreto, como se acreditava.

A dona do relógio d'água maluco precisa fechar o registro para evitar que a entrada de sua moradia seja tomada pelo barro.

Reclamei para o Demhab (Departamento Municipal de Habitação), e o técnico da prefeitura disse que o vazamento era um mistério - lamenta Jacqueline.

Igualmente intrigante é o vazamento na casa do borracheiro Artidor da Silva, pai de três filhos, todos com bronquite: escorre água incessantemente dos rodapés próximos ao banheiro.

O diretor-geral do Demhab, Carlos Pestana Neto, afirma que já foi feito um levantamento dos problemas do condomínio.

Marcamos para o dia 30 uma reunião com a construtora do conjunto, os empreendedores do Cristalshopping e os moradores. Os eventuais reparos vão ser executados - garante Pestana.



Transtorno: vazamentos são constantes na casa de Maria de Fátima

TRANSPORTES

Taxistas entram na Justiça

O Sindicato dos Taxistas (Syntax) entrou ontem com uma ação na Justiça para tentar retomar a utilização da Bandeira 2 pelos táxis da Capital. A previsão é de que a decisão sobre o pedido de liminar saia na segunda-feira.

Enquanto isso, os táxis rodam cobrando a bandeirada normal. O Syntax também protocolou ontem na prefeitura um novo pedido de revisão da tabela de cálculos da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC).

NAVEGAÇÃO

Suspensas buscas aos 12 naufragos

O Comando do 5º Distrito Naval de Rio Grande suspendeu ontem as buscas aos pescadores catarinenses Jean Carlos e Irmãos Santos, desaparecidos há uma semana no litoral gaúcho. Segundo as equipes de buscas, formadas pela Marinha e pela Força Aérea Brasileira (FAB), não existem chances de haver sobreviventes.

A operação de resgate começou na quarta-feira e abrangeu uma extensa faixa da costa de Mostardas. Os barcos desapareceram depois de enfrentar uma tempestade.

PEUGEOT

Emoção em movimento

Lyon, a menor distância entre você e um Peugeot.

Aproveite as super taxas promocionais de 1,49 e 2,29 até 30.04

| | |
|---|--|
| <p>Peugeot 106 Soleil R\$ 13.470, sem frete</p> <p style="font-size: x-small;">* Motor 1.6 - 106 Solaris - 106 Verde - Quilômetros de garantia - Seguro Proteção aos Passaj. - Pacote de manutenção</p> <div style="background-color: black; color: white; padding: 5px; margin-top: 5px;"> <p>Entrada 35% + 24X a 1,49% (Pre-Fixada)</p> <p>OU</p> <p>Entrada 25% + 48X a 2,29% (Pre-Fixada)</p> </div> | <p>Peugeot 306 Selection R\$ 23.940, sem frete</p> <p style="font-size: x-small;">* Motor 1.6 - 306 Solaris - 306 Verde - Quilômetros de garantia - Seguro Proteção aos Passaj. - Pacote de manutenção</p> <div style="background-color: black; color: white; padding: 5px; margin-top: 5px;"> <p>Entrada 60% + 24X a 1,49% (Pre-Fixada)</p> <p>OU</p> <p>Entrada 85% + 48X a 2,29% (Pre-Fixada)</p> </div> |
|---|--|

PEUGEOT é uma marca da PSA. Distribuidor autorizado: Lionex Peugeot Tel: (51) 315.2500 - Rua Itália, 200 - Centro - Porto Alegre

HORÁRIO ESPECIAL PARA ATENDER VOCÊ:

Segunda a Sexta: 8h30 a 17h30 - Sábado: 9h a 13h

SEMPRE
PREZANDO
Pelo Cliente

Av. Itália, 5.556 - Porto Alegre - Tel: (51) 315.2500 - lionex.com.br

ZH Volume: 30 Edição: 10.255 Sexta 17/09/93 Página: 46

Editoria: Cidades

Ilustração: Foto

Assunto: Administração Municipal; Bairro Cristal; Escola Pública; Porto Alegre(RS); Zona Sul

Escola ganha espaço do futebol

Campo de futebol sempre foi território sagrado na Vila Campos do Cristal, instalada nas vizinhanças do Jockey Club, em Porto Alegre. Nos últimos 15 anos, 300 casebres se alastram ao longo da Avenida Manoel de Medeiros, mas as seis quadras de esporte permaneceram intocadas. A antiga lei caiu por terra quando, em junho, as fronteiras esportivas foram violadas por 20 operários responsáveis pela construção de uma escola municipal, que deverá ser entregue à comunidade no final de outubro. Os atletas residentes no local se conformaram.

ZH Volume: 023 Edição: 08.152 Quarta 06/01/1988 Página: 30

Editoria: Geral

Ilustração: Foto

Assunto: Indlet, Substituição, Casebre, Casa de Alvenaria, Vila, Situação, Moradia, Crescimento, Aumento, Morador, População, Maloca, Remoção, Cercamento, Construção, Muro, Segurança, Demhab, Dados, Dado, Família, Terreno, Ocupação, Habitação Popular, Pobreza

Jockey torce para que vila não aumente

Campos do Cristal. O pomposo nome, que mais sugere um abastado conjunto residencial, na verdade, é a denominação de vila formada ao longo da Avenida Diário do Povo, onde se situam os portões do Hipódromo do Cristal.